



Universidade Federal de Alagoas
Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes
História – Licenciatura

PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO
HISTÓRIA – LICENCIATURA

Maceió, 2015



**Universidade Federal de Alagoas
Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes
História – Licenciatura**

Reitor

Eurico de Barros Lôbo Filho

Vice-Reitora

Rachel Rocha de Almeida Barros

Pró-Reitor de Graduação – PROGRAD

Amauri da Silva Barros

Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes

Diretor: Prof. Dr. José Edson Lino Moreira

Vice-diretor: Prof. Dr. Alberto Vivar Flores

História Licenciatura

Coordenador do Curso: Profa. Dra. Ana Paula Palamartchuk

Vice-coordenador: Prof. Dr. Antônio Alves Bezerra

Maceió

2015



Universidade Federal de Alagoas
Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes
História – Licenciatura

Coordenação Colegiada do curso (2015-2017):

Titulares:

Prof.^a Dra. Ana Paula Palamartchuk (coord.)
 Prof. Dr. Antônio Alves Bezerra (Vice-coordenador)
 Prof.^a Dr.^a Michelle Reis de Macedo
 Prof. Dr. Gian Carlo de Melo Silva
 Prof.^a Dra. Raquel de Fátima Parmegiani

Suplentes:

Prof.^a Ms. Clara Suassuna Fernandes
 Prof.^a Dra. Irinéia Maria Franco dos Santos
 Prof. Dra. Célia Nonata da Silva
 Prof. Dra. Arrisete Cleide Lemos Costa
 Prof. Dra. Flávia Maria de Carvalho

Representação Discente:

Carlos Alexandre de Araújo Lemos Filho (titular)
 Allan de Sá Barreto de Freitas (suplente)

Representantes dos técnico-administrativos:

Cibelle Virginia da Silva Vasconcelos (titular)
 Rodrigo Severiano dos Santos (suplente)

Núcleo Docente Estruturante

Portaria nº 977 – maio/2014 (publicado no BP/UFAL em agosto de 2014)

Prof.^a Dra. Ana Paula Palamartchuk
 Prof. Dr. Antônio Alves Bezerra
 Profa. Dra. Celia Nonata da Silva
 Prof.^a Dra. Flávia Maria de Carvalho
 Prof. Dr. Gian Carlo de Melo Silva
 Prof.^a Dra. Raquel de Fátima Parmegiani

Sumário

I - Identificação do Curso.....	5
II - Introdução	8
III - Contexto Acadêmico.....	17
IV - Perfil do Egresso	28
V - Habilidades e Competências	31
VI - História e Meio Ambiente	38
VII - O ofício do historiador e as novas tecnologias	41
VIII - Metodologia e Ensino de História	45
IX – Conteúdos e Matriz Curricular	51
X - Estágio Supervisionado	55
XI - Trabalho de Conclusão de Curso - TCC	59
XII - Conteúdos Curriculares	62
XIII - Ementas e Bibliografias Básica das disciplinas ofertadas	64
XIV - Ordenamento Curricular	107
XV - Atividades Complementares	110
XVI - Avaliação do curso e do Projeto Pedagógico	111
VII - Referências Bibliográficas.....	113
VIII - Anexos	
Regulamentação do Trabalho de Conclusão do Curso	117
Regulamentação do Programa de Monitoria	120
Docentes por Área de Conhecimento	119

I – Identificação do Curso

Mantenedora: Ministério da Educação (MEC)
Município-Sede: Brasília - Distrito Federal (DF)
CNPJ: 00.394.445/0188-17
Dependência: Administrativa Federal

Mantida: Universidade Federal de Alagoas (UFAL)
Código: 577
Município-Sede: Maceió
Estado: Alagoas
Região: Nordeste
Endereço do Campus sede:
Campus A. C. Simões – Cidade Universitária Maceió /AL
Rodovia BR 101, Km 14 CEP: 57.072 - 970
Fone: (82) 3214 - 1100 (Central)
Portal eletrônico: www.ufal.edu.br

Unidade Acadêmica: Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes

Curso: História
Modalidade: Licenciatura Presencial
Título oferecido: Licenciado
Nome da Mantida: Universidade Federal de Alagoas (UFAL)
Campus: A. C. Simões
Município-Sede: Maceió
Estado: Alagoas
Região: Nordeste
Endereço de funcionamento do curso: Av. Lourival Melo Mota, s/nº, Bloco 20 - Tabuleiro do Martins - CEP: 57072-900.
Portal eletrônico do curso:
<http://www.ufal.edu.br/unidadeacademica/ichca/graduacao/historia>
Portaria de Reconhecimento: Decreto nº 36.657/54

Número de Vagas autorizadas: 30 vagas por semestre
Turno de Funcionamento: Noturno

Carga horária total do curso:
3235 h (60 minutos)
3880 horas-aula (50 minutos)

Tempo de integralização do curso:
Mínimo de semestres: 09 (nove) períodos
Máximo de semestres: 14 (doze) períodos

Formas de Acesso ao Curso:

A principal forma de acesso aos cursos da Universidade Federal de Alagoas é normatizada pela Resolução nº 32/2009-CONSUNI/UFAL, de 21 de maio de 2009, que trata da adoção do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) como o Processo Seletivo da Universidade Federal de Alagoas. Outras resoluções e legislações nacionais normatizam as demais formas de ingresso no curso através de transferência, reopção, matrícula de diplomados, Programa de Estudantes-Convênio de Graduação etc, normalizadas pela Pró-reitoria de Graduação.

Corpo Docente:

Prof. Dr. Alberto Frederico Lins Caldas Filho

Prof. Dr. Alberto Vivar Flores

Prof.^a Dra. Ana Claudia Aymoré Martins

Prof.^a Dra. Ana Paula Palamartchuk

Prof. Dr. Antônio Alves Bezerra

Prof. Dr. Antônio Filipe Pereira Caetano

Prof.^a Dra. Arrisete Cleide Lemos Costa

Prof.^a Dra. Célia Nonata da Silva

Prof.^a Ms. Clara Suassuna Fernandes

Prof.^a. Dra. Flávia Maria de Carvalho

Prof. Dr. Gian Carlo de Melo Silva

Prof.^a Dra. Irinéia Maria Franco dos Santos

Prof. Dr. José Alberto Saldanha de Oliveira

Prof. José Roberto Gomes da Silva

Prof. Esp. José Roberto Santos Lima

Prof.^a Dra. Michelle Reis de Macedo

Prof. Dr. Osvaldo Batista Acioly Maciel

Prof.^a Dra. Raquel de Fátima Parmegiani

Corpo Técnico Administrativo:

Cibelli Vasconcelos

Karolina Nascimento

Rodrigo Severiano dos Santos

II – Introdução

A Universidade Federal de Alagoas - UFAL é Pessoa Jurídica de Direito Público – Federal, CNPJ: 24.464.109/0001-48, com sede à Avenida Lourival de Melo Mota, S/N, Campus A. C. Simões, no Município de Maceió, no Estado de Alagoas, CEP 57.072-970, além de uma Unidade Educacional (UE) em Rio Largo, município da região metropolitana da Capital.

Foi criada pela Lei Federal nº 3.867, de 25 de janeiro de 1961, a partir do agrupamento das então Faculdades de Direito (1933), Medicina (1951), Filosofia (1952), Economia (1954), Engenharia (1955) e Odontologia (1957), como instituição federal de educação superior, de caráter pluridisciplinar de ensino, pesquisa e extensão, vinculada ao Ministério da Educação, mantida pela União, com autonomia assegurada pela Constituição Brasileira, pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei 9394/96 e por seus Estatuto e Regimento Geral.

Possui estrutura multicampi, com sede localizada no Campus A. Simões, em Maceió, onde são ofertados 102 cursos de graduação. O processo de interiorização, iniciado em 2006, expandiu sua atuação para o Agreste, com o Campus de Arapiraca e com Unidades Educacionais em Palmeira dos Índios, Penedo e Viçosa e a oferta de 23 cursos. Em 2010, chegou ao Sertão, instalando-se em Delmiro Gouveia e uma Unidade Educacional em Santana do Ipanema e a oferta de 08 cursos, todos presenciais.

Além dos cursos presenciais, há 11 ofertados na modalidade de Educação à Distância, através do sistema Universidade Aberta do Brasil - UAB. A pós-graduação contribui com 31 programas de Mestrado e 09 de Doutorado, além dos cursos de especialização nas mais diferentes áreas do conhecimento.

A pesquisa vem crescendo anualmente com a participação de linhas e grupos de pesquisa nas mais diferentes áreas do conhecimento. A extensão contribui com diversos programas e, também, é uma atividade em constante expansão.

O ingresso dos estudantes na UFAL se efetiva por meio de processo seletivo através do ENEM e da plataforma SISu/MEC (Sistema de Seleção Unificada).

CONTEXTO REGIONAL

Com uma extensão territorial de 27.767.661 km², o Estado de Alagoas é composto por 102 municípios distribuídos em 03 mesorregiões (Leste, Agreste e Sertão alagoano) e 13 microrregiões. De acordo com o Censo de 2010 do IBGE, apresentava população residente 3.120.922 habitantes, sendo 73,64% em meio urbano.

A inserção espacial da UFAL leva em consideração as demandas apresentadas pela formação de profissionais em nível superior e a divisão do Estado em suas meso e microrregiões. Essa configuração espacial é contemplada com uma oferta acadêmica que respeita as características econômicas e sociais de cada localidade, estando as suas unidades instaladas em cidades polo consideradas fomentadoras do desenvolvimento local.

Com a interiorização a UFAL realiza cobertura universitária significativa em relação à demanda representada pelos egressos do Ensino Médio em Alagoas, à exceção do seu litoral norte, cujo projeto de instalação do campus no município de Porto Calvo se encontra em tramitação na SESu//MEC.

O PIB per capita estadual era de R\$ 6.728,00, em 2009, sendo o setor de serviços o mais importante na composição do valor agregado da economia, com participação de 72%. Os restantes 28% estão distribuídos em atividades agrárias – tradicionalmente policultura no Agreste, pecuária no Sertão e cana-de-açúcar na Zona da Mata, além do turismo, aproveitando o grande potencial da natureza do litoral.

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRIA LICENCIATURA

O curso de Graduação em História da UFAL teve seu decreto de funcionamento autorizado em 30 de janeiro de 1952, sendo reconhecido quase dois anos depois, em 24 de dezembro de 1954. O início das atividades do curso ocorreu antes da criação da UFAL, em 1961, porque em 1950 havia sido fundada a *Faculdade de Filosofia de Alagoas*, à época instituída por Getúlio Vargas, sendo que desta instituição se deu origem a Universidade Federal de Alagoas. Na antiga FFA, já havia o curso de História sendo, então, remodelada a partir da fundação da UFAL, com a criação do Centro de Humanidades, Letras e Artes (CHLA), hoje Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes (ICHCA).

Atuando em regime presencial, a habilitação ofertada em 1954 era a de bacharelado, já que naquela altura entendia-se que aqueles formados neste grau poderiam atuar no campo da pesquisa científica e no ensino (primário, colegial e superior, para usar a terminologia do período). Assim, na prática, formava-se o historiador tanto com a habilitação em licenciatura como em bacharelado.

Entretanto, em 1971, quando houve uma reestruturação curricular foi excluída a habilitação em bacharelado. À época, a principal argumentação utilizada para a exclusão do bacharelado da habilitação em História desta IES teria sido o da suposta “estreiteza” do mercado de trabalho para o pesquisador em âmbito regional e, mais especificamente, no estado de Alagoas. Em artigo sobre a fundação do curso, a historiadora Ana Luiza Porto Araújo aponta que alguns dos problemas estruturais do curso de História da UFAL, percebidos ainda hoje, tem suas raízes na formação do primeiro corpo docente:

Todos os fundadores do curso de História [1952] eram sócios do Instituto Histórico, segundo informam os arquivos relativos aos sócios do IHGAL, o que corrobora a ideia de que o curso nasce mantendo uma relação umbilical ao IHGAL, ligação essa que não se perdeu com o tempo. Pensando a graduação em História – como, de resto, os demais cursos que se estruturavam em bacharelado e licenciatura – além de percebermos que todos os cursos da Faculdade de Filosofia de Alagoas nascem e se desenvolvem com um objetivo bem definido, a saber, formar quadros para o magistério secundário e para atuar na máquina estatal, o que se configura como mais marcante na fundação desse curso é o caráter de autodidatismo dos seus docentes, os quais, sequer conheciam, por formação, o saber docente". Porto, Ana Luiza Araújo. O Curso de História na Universidade Federal de Alagoas: dos Primórdios à sua Consolidação (1952-1979). Revista Crítica Histórica. Ano I, nº 1, Dez/2010.

Em 1992, os professores Clara Suassuna Fernandes, Patrícia Pinheiro (hoje professora da UFPE) e José Roberto Santos Lima elaboraram uma proposta de reformulação do curso. No entanto, a proposta acabou por ser alvo de resistências no interior do próprio Departamento, até ser finalmente rejeitada.

De lá pra cá, em especial, nas últimas duas décadas, o curso de História passou por várias reestruturações. As mudanças no contexto regional já haviam propiciado o desenvolvimento de condições necessárias para a pesquisa na área. No início do século XXI, cresceu, significativamente, a demanda, antes represada, em relação a esta formação e habilitação, e no próprio interior do corpo docente do curso intensificou-se o desejo coletivo a favor da reimplantação do Bacharelado. Naquele mesmo período, foram implantados dois cursos de especialização simultâneos na área de História nesta Universidade – o primeiro em História do Brasil e o segundo em História do Nordeste – e as matrículas nos exames de seleção superaram em muito as expectativas das coordenações dos cursos, o que por si só já se constitui em indício significativo dos interesses e necessidades dos egressos da Licenciatura pela formação continuada.

Anos mais tarde, em 2006, buscando adequar o curso a partir das novas diretrizes do MEC, que extinguiu o sistema de habilitações e implantava o de modalidades, a UFAL passa a ofertar duas modalidades de formação separadamente: bacharelado e licenciatura. Esta realidade atual visou dar conta das especificidades de formação, não eliminando a relação intrínseca ao longo do processo de desenvolvimento formativo entre pesquisa e ensino. Mas, por outro lado, proporcionou a possibilidade da formação em Bacharel em História no Nordeste, sendo um dos poucos que a ofertam na região.

Em face dessa questão, os novos projetos políticos pedagógicos davam conta também da reestruturação dos regimes dos cursos que ora funcionavam anualmente e que passavam a ter a estrutura semestral. No entanto, percebemos que as diferenças entre as modalidades Bacharelado e Licenciatura dificultavam a formação integral do estudante e muitas vezes inviabilizavam o desenvolvimento das atividades de ensino, pesquisa e extensão como eixos basilares de integração da universidade com a sociedade. Neste sentido, aproveitamos a oportunidade para alterar as propostas teórico-metodológicas com atualizações de ementas, organização de matriz curricular e implantação de normas legislativas do MEC de maneira a aproximar os currículos e o perfil teórico-metodológico das duas modalidades.

Portanto, o Projeto Pedagógico do curso de História é o resultado das alterações ocorridas no transcorrer deste curso no interstício de (2006 e 2011), que passaram por avaliação e análise, entre os anos de 2014 e 2015, sendo readequado após formar a sua primeira turma de licenciados (2015.1). Ele resulta de um intenso processo de reflexão entre o corpo docente, que ganhou nova configuração ao longo desses anos de um grupo oriundo de poucos professores para um quadro completo, apresentando-se, em 2015, com dezenove docentes, dos quais quatorze são portadores de títulos de doutor. Incorporando princípios e valores inerentes ao campo das Ciências Humanas, o curso oferece aos estudantes, a partir de **2015.2**, um percurso aberto e interdisciplinar, ao mesmo tempo em que enfatiza competências específicas do ofício do historiador e do docente para a disciplina de História na educação básica.

O curso de graduação em História oferece uma formação integrada, conforme as Diretrizes de Formação do Professor de acordo com a Resolução do (CNE/CP n. 1, 18/02/2002). Para isso, enfatiza-se a prática dos dois ofícios. Ou seja, conjuntamente o de Licenciado e o de Pesquisador Historiador como ações dirimidas pelo Laboratório de

Ensino de História e dos Grupos de Pesquisa, cujas atividades são distribuídas ao longo da formação do estudante em História.

Notadamente, as diretrizes propostas para atender às prementes necessidades de um ensino inovador no campo da História se pautam pelos seguintes aspectos:

- 1) criação de mecanismos de aproximação da instituição escolar com a respectiva comunidade na qual está inserida, o que se fará através de parcerias, estágios orientados, cursos de extensão e outros eventos oportunizados pelo curso inseridos a partir da perspectiva teórico-metodológica do lugar social – instituição-, onde os estudantes tenham contato direto com a prática profissional e a realidade que o cerca;
- 2) busca de produção científica, através de pesquisas conjuntas entre o corpo docente e discente, tendo como *locus* privilegiado a orientação das disciplinas de Práticas de Ensino de História e Estágio Supervisionado com ênfase na sociedade e nos objetos culturais que deverá congregam amplo acervo de documentos tais como, fotos, *slides* e publicações, obtidos por doações e nas viagens de estudo programadas pelo corpo docente e discente, concretizando, assim, elaboração de materiais pedagógicos a serem utilizados em sala de aula;
- 3) valorização da prática da interdisciplinaridade com adoção de metodologias diferenciadas, que forneçam instrumentos de identificação das demandas do meio e do estímulo à participação em diagnósticos e projetos de investigação histórica, visando obter a melhoria da qualidade do ensino;
- 4) compromisso com a qualidade do ensino em nível micro e macro no que tange os processos educacional no estado de Alagoas e, no país;
- 5) estímulo a programas de capacitação docente com propostas de atividades de extensão, pesquisa e aperfeiçoamento, que poderão ser oportunizados através dos núcleos de prática profissional do curso;
- 6) modernização dos recursos auxiliares do ensino acadêmico;
- 7) destaque à formação básica responsável pela fundamentação de posturas sólidas e universais, indispensáveis à práxis pedagógica, na área de Ciências Humanas;
- 8) busca de integração dos conhecimentos teóricos e práticos e a constante atualização de conteúdos e dos processos didático-pedagógicos para uma ação bem sucedida do docente na sala de aula da educação básica;

9) valorização do conhecimento histórico em suas linhas de orientação e abordagens historiográficas presentes nos Grupos de Pesquisa e nas disciplinas que compõe a matriz curricular do curso;

10) valorização do Programa de Pesquisa Científica, em que docentes e discentes poderão colocar em prática seus projetos de pesquisa, visando o aprimoramento da produção do conhecimento histórico, utilizando-se do PIBIC, PIBID e outros projetos inerentes ao campo do ensino, pesquisa e extensão desta universidade.

É importante notar que outros eixos do curso serão levados em consideração na formação dos estudantes, valorizando-se os “lugares de memória” - Museus, Arquivos, Institutos Históricos, instituições de salvaguarda patrimonial e etc. - compreendidos como espaços de atuação do professor historiador, sabendo-se que estes espaços são percebidos como lugares educativos acima de tudo. Não percebê-los como parte integrante da formação do licenciando é furtar a sociedade a possibilidade de uma educação integral de qualidade respeitando-se os princípios democráticos e o fortalecimento da cidadania.

Entende-se que o processo formativo do professor historiador deve atender à formação de um profissional habilitado ao exercício da docência e da pesquisa, em todas as suas dimensões, permitindo domínio pleno da natureza do conhecimento histórico e das práticas essenciais de sua produção e difusão.

O futuro professor de história poderá, portanto, atuar em setores como o magistério da educação básica regular e ensino técnico, assim como no superior, no setor de preservação do patrimônio, em acervos e museus, assim como, na assessoria a entidades públicas e privadas.

O presente Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em História enceta aproximação com o curso de Bacharelado em História. A entrada de sessenta estudantes, dividida em dois semestres, no curso de História – Licenciatura (exclusivamente no período noturno) funcionando desde o ano de 2006. Não obstante, tal aproximação de horários entre o curso de Bacharelado em História (vespertino/noturno) e a Licenciatura em História (noturno) possibilita aos discentes da licenciatura maior mobilidade de horários auxiliando-os na constituição de um currículo diversificado e flexível.

Isso posto, pondera-se que em termos estatísticos o número de estudantes formados anualmente nos permite observar que no período em que a mobilidade entre os turnos era maior, sendo maior também o índice de discentes formados (ver quadro em anexo).

Diante do quadro em questão, vimos a necessidade de adequação no PPC visando não só uma maior aproximação dos componentes curriculares no que tange (ensino, pesquisa e extensão), mas também, imprimir mudanças temáticas, teóricas, estruturais e aplicativas a esta modalidade. Há de se destacar que a renovação do quadro docente contribuiu exemplarmente para que o PPC se concretizasse, seja na busca de qualidade na formação do profissional em história ou ampliando o foco nas atividades de pesquisa e extensão, daquelas ligadas diretamente ao ensino e dinamização dos grupos de estudos e/ou pesquisa que compõem o curso de História da UFAL na atual conjuntura.

Sabendo-se das dificuldades de afirmar a importância das Ciências Humanas no mundo contemporâneo fortemente marcado pela primazia do “paradigma galileano”, como bem demonstrou Carlo Ginzburg em um dos seus artigos mais conhecidos (GINZBURG, 1990). Em contrapartida, insistimos na necessidade de encorajar os estudantes de história desta universidade a praticar, como defende Marc Bloch, o “ofício do historiador” (BLOCH, 2001), com o papel fundamental de difundir a consciência crítica acerca das relações dos homens com o mundo e com os outros homens no tempo. Logo, as necessidades constantes de redefinição e reinterpretação do conhecimento histórico obrigam, ademais, o profissional da área, não apenas a dominar os meios para a mediação destas informações, mas, criando uma atmosfera positiva para que o profissional de história possa atuar de forma crítica.

Daí a defesa fundamental, contida neste PPC e visível na estrutura curricular que compõe o curso de História, o anseio em possibilitar aos seus egressos uma formação plena como historiador, professor-pesquisador – de forma a garantir a indissociabilidade entre a produção do conhecimento teórico-empírico praticada na pesquisa, e sua difusão crítico-reflexiva por meio do exercício da docência, mantendo e reforçando as habilidades e especificidades relativas ao ensino de História, desde o ensino básico ao superior como já apontado acima.

Tendo tudo isto como pano de fundo, os *objetivos gerais* do curso de Licenciatura em História da UFAL, em relação às inserções institucional, política, geográfica e social podem ser assim definidos:

a) Institucional

* Contribuir de forma direta para o desenvolvimento de atividades de ensino, pesquisa e extensão da universidade como um todo;

* Contribuir na aproximação do corpo discente com as instâncias que compõem a UFAL e ajudar no resgate da história da IES;

* Favorecer a interdisciplinaridade, tanto no interior do ICHCA – Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes – ao qual o curso pertence, como no âmbito inter-unidades. Reconhecendo a História como campo extremamente vasto de saberes e reflexão crítica, que pode abranger praticamente todas as demais áreas do conhecimento, exercitar estas abordagens interdisciplinares e transdisciplinares;

b) Política:

* Através da educação, promover o sentido de ação política da atuação do historiador;

c) Geográfica:

* A ênfase dada pelo curso no estudo de aspectos da história regional e local, presente no significativo número de disciplinas voltadas para este fim, demonstra sua vocação para o resgate do estudo e ensino da história regional, promovendo a ampliação e desenvolvimento do debate acerca das particularidades específicas do Nordeste brasileiro;

d) Social:

* Promover uma reflexão crítica que suscite a identificação e desenvolvimento da questão da cidadania;

* Promover uma reflexão crítica que suscite a identificação dos conflitos e movimentos sociais brasileiros;

* Contribuir, por meio do estudo sistemático das condições históricas de formação da sociedade brasileira e nordestina, no sentido da redução das desigualdades sociais e dos preconceitos étnicos, religiosos e de gênero.

O curso de História Licenciatura articula a teoria com a prática, conforme as a resolução CNE/CP 1., de 18 de fevereiro de 2002, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, para isso possui uma estrutura curricular para o desenvolvimento de habilidades e competências relacionadas à formação para a atividade docente, entre as quais o preparo para:

I - o ensino visando à aprendizagem do aluno;

II - o acolhimento e o trato da diversidade;

III - o exercício de atividades de enriquecimento cultural;

IV - o aprimoramento em práticas investigativas;

V - a elaboração e a execução de projetos de desenvolvimento dos conteúdos curriculares;
VI - o uso de tecnologias da informação e da comunicação e de metodologias, estratégias e materiais de apoio inovadores;

VII - o desenvolvimento de hábitos de colaboração e de trabalho em equipe.

Em face dessas prerrogativas, nota-se, ainda, que o conceito de sujeito politicamente ativo (indicativo norteador do curso de História), orientado politicamente nada tem em comum com sua ideologia político-partidária. Mas é uma forma de consciência existencial. Hannah Arendt¹ (1995) parte da premissa de que a existência do sujeito é sempre norteadora de sua conduta política, sendo a definição de político um conceito amplo, que não se restringe apenas ao que é politicamente instituído. Ou melhor, a condição humana é politicamente ativa, por que somos dotados da fala, portanto, o diálogo é condição primeira para a existência dos seres humanos.

Outro desafio que se coloca no presente documento é o da valorização e melhoria da qualidade do ensino de História na universidade e na educação básica do estado de Alagoas, em particular. Nas atividades das ‘práticas profissionais’ que serão desenvolvidas ao longo do curso, serão incrementados procedimentos metodológicos e didático-pedagógicos que facultem uma maior participação dos estudantes em escolas públicas e particulares, nos arquivos e museus e, em comunidades quilombolas e indígenas. Comunidades estas, que à luz da história servem de referência à memória oral e a investigação científica para os conhecimentos históricos e para a formação do professor-historiador.

Por seu turno, as práticas profissionais correspondem a uma incessante tentativa de levar o estudante de história a uma posição crítica face à realidade social vivida por ele e por outros que os cerca. O fato de vivermos numa sociedade em que continuam presentes preconceitos de classes, étnicos e sexistas nos faz pensar na importância de debater o significado da invisibilidade à qual, durante muitos anos, no curso da história, ficaram relegados trabalhadores, negros, indígenas, mulheres, entre outros sujeitos sociais.

Vale dizer que esta História assumiu um lugar nas argumentações e opções de sujeitos e, no senso comum, e muitos ainda a utilizam, reproduzindo uma História construída de cima para baixo, uma história “bem comportada”, dando ênfase às elites políticas e econômicas. Por esse viés, recorreremos a tão bem empregada frase de Walter

¹ ARENDT, Hannah. *A Vida do Espírito*. São Paulo: Cia das Letras, 1998; *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense, 1995.

Benjamin: é preciso “escovar a história a contrapelo”² para que de fato os estudantes do curso possam se identificar na história como sujeito social e agente de transformação.

Em tempo, a análise reflexiva da memória histórica e compreensão dialética do processo histórico serão eixos da prática formativa para a habilitação de profissionais de história marcados pelo compromisso com as mudanças sociais e políticas do país, com a memória histórica e com o exercício da democracia. Este compromisso social é, atualmente, reivindicado por historiadores como Eric Hobsbawm (2003) que nos chamam a atenção para a nossa inserção social nesse processo.

² BENJAMIN, Walter. Obras Escolhidas. Magia e Técnica, Arte e Política. 4.ed. Vol. 1. São Paulo: Brasiliense. p. 225.

III – Contexto Acadêmico

O contexto acadêmico do curso de História Licenciatura, assim como as políticas institucionais desenvolvidas no curso, atuam no tripé ensino, pesquisa e extensão e segue, por suposto, o PDI 2013-2017. Em relação ao ensino de graduação, a articulação entre inovação e qualificação, internacionalização e gestão acadêmica, apontada no PDI (p. 43-46), foi incorporada ao curso. Com a formação dos laboratórios de pesquisa, ensino e extensão (*Laboratório de Ensino de História – LEH; Laboratório de Cinema e História – LACHis; Laboratório de Leitura Outras Histórias; Laboratório de Pesquisa em História e Documentação Histórica – LAPDHis; e Revista Crítica Histórica*), cujas atividades se desenvolvem no âmbito do curso (como pode ser visto nos projetos contidos no PPC); e a consolidação nos últimos anos dos grupos de pesquisa certificados pela UFAL (*Grupo de Estudos Ensino, História e Docência – GEEHD; Núcleo de Estudos Sociedade, Escravidão e Mestiçagens – NESEM; Documento, Imagens e Narrativas; História Social e Política; História Social do Crime; Laboratório de Estudos da Antiguidade e do Medievo – VIVARIUM-UFAL; Centro de Hermenêutica do Presente; Laboratório de História Afro-brasileira – LAHAFRO; Laboratório Interdisciplinar de Estudo das Religiões – LIER*), os quais atuam diretamente nos Laboratórios, articulam-se projetos e programas institucionais de fomento e incentivo à pesquisa, ensino e extensão. Atuam também diretamente no curso os programas de cotas de acesso às vagas no ensino superior para populações de baixa renda, de origem afro-brasileira e ou indígena, assim como programas de permanência ao discente (como as bolsas permanência de caráter social e o Programa ODÈ AYÉ para os cotistas).

1 - Laboratórios Didáticos-Pedagógicos e de Pesquisa

Laboratório de Ensino de História – LEH

O Laboratório de Ensino de História (LEH) do ICHCA/UFAL nasce após longa discussão do colegiado do curso, no final de 2014, com a prerrogativa de instrumentalizar os estudantes do curso de História, especialmente aqueles vinculados à Licenciatura, a experimentar a oportunidade do vir a ser professor dessa disciplina na educação básica. Almejando a formação de um profissional pleno com múltiplas habilidades para lidar com o fazer do professor/historiador na educação básica, a proposta do Laboratório de Ensino de História da UFAL agrega às suas atividades a utilização de materiais que estão sob a guarda do CPDHIs (Centro de Pesquisa e Documentação em História), devendo ser utilizados como linguagens na elaboração de projetos a serem viabilizados como atividades didático-pedagógicas, especialmente no momento em que ocorrer a disciplina de Prática de Ensino de História e o Estágio Supervisionado. O laboratório estará disponível igualmente para o uso dos docentes de outras disciplinas do curso de História, quando estes forem desenvolver suas atividades concernentes ao histórico-pedagógico.

Notadamente, o Laboratório estabelecerá conexões com as linhas de pesquisa do Programa de Pós-graduação em História (Estado, Relações de Poder e Movimentos Sociais; Cultura, Representações e Historiografia) no sentido de promover uma formação integrada dos profissionais de História. Neste sentido, o Laboratório conta com uma proposta de Especialização *Latu Sensu* para aperfeiçoamento de professores da rede de ensino básica e fundamental do estado de Alagoas a ser implementada pela instituição com base na proposta aprovada pelo CONSUNI em abril de 2013. Este projeto será um vínculo importante para a rede de ensino estadual e municipal para o estado de Alagoas.

Assim, a criação do Laboratório de Ensino tem como meta fortalecer o curso de licenciatura em história da UFAL ancorando-se no tripé ensino, pesquisa e extensão universitária, incentivando a construção de novos objetos de pesquisa e ensino. Buscamos igualmente novos caminhos que viabilizem a construção de materiais pedagógicos e procedimentos metodológicos a fim de promover um ensino de história de qualidade na educação básica. Este percurso será trilhado igualmente por meio da compreensão e da utilização das múltiplas linguagens viabilizando a formação de um professor preocupado com o ensino e a pesquisa histórica no âmbito da educação básica.

- Objetivos

As atividades do Laboratório de Ensino de História (LEH/UFAL) terão como premissa a formação de professores de história, tanto no que concerne a sua formação inicial como a sua inserção no processo de formação continuada. Assim sendo, tal proposta deverá:

- a) Favorecer os estudantes do curso de história a descortinarem as particularidades dos conhecimentos históricos, viabilizando a compreensão do processo ensino e aprendizagem da disciplina em âmbito da educação básica.
- b) Ofertar a estes estudantes condições favoráveis para avaliar e colocar em prática os materiais didáticos elaborados pelo mercado editorial e disponibilizados aos sistemas de ensino do país pelo MEC. Fornecer condições para os estudantes enfrentarem o desafio de produzir seus próprios materiais didáticos e testar o seu uso nas aulas de história, seja durante os momentos de estágios supervisionados e ou mesmo ao longo do curso de licenciatura.
- c) Colaborar no sentido de promover e desenvolver competências de leitura e escrita dos estudantes, habilitando-os à seleção de materiais didáticos - livros e/ou outros materiais, adequando seu uso ao ensino de história na educação básica.
- d) Possibilitar aos estudantes em fase de estágio supervisionado de ensino de história a oportunidade de refletir acerca das informações existentes nos manuais didáticos, resoluções, orientações curriculares e outros materiais que tratam sobre o ensino de história. Estas reflexões os possibilitarão pensar criticamente a realidade histórica em todos os níveis da educação básica no país, levando-os a desenvolverem espírito crítico frente a esses instrumentos de trabalho como suporte didático às aulas de história.
- e) Criar condições para que os estudantes em fase de estágio lidem com as múltiplas linguagens para a problematização dos objetos legados pela história em âmbito da educação básica.
- f) Articulando as disciplinas do currículo escolar, busca-se habilitar os estudantes de história a desenvolverem competências de escrita e leitura que sirvam como eixo facilitador de compreensão dos conteúdos e habilidades que regem a docência em âmbito da educação básica.
- g) Constituir e disponibilizar à comunidade interna e externa à universidade materiais didáticos produzidos e utilizados pelos estudantes de história em fase de estágio supervisionado, devendo o LEH, ao longo de sua trajetória, constituir-se em um acervo de materiais didáticos que sirva como suporte de ensino e pesquisa.

Em síntese, o LEH tem como meta promover a integração dos docentes e estudantes em favor da promoção de uma educação básica de qualidade à luz de um ensino de história que anseie pela sua ressignificação na sala de aula frente aos desafios de se interpretar o passado à luz do presente. É o momento da construção de caminhos, de derrubarmos barreiras utilizando-nos de novas técnicas e procedimentos, inclusive com o apoio de tecnologias. É o caminho do fortalecimento da reflexão crítica acerca dos materiais existentes para o ensino de história, assim como o momento de nos apropriarmos de novas linguagens que são específicas do ensino de história na educação básica.

Frente aos desafios que o LEH se propõe, constrói-se uma plataforma priorizando-se a formação inicial e continuada dos profissionais da história, especialmente aqueles imbricados com a disciplina História. À luz da proposta em questão, o LEH torna-se locus de produção e uso de materiais didáticos, de debates, de produção e divulgação de pesquisas e acervo de referência para o uso dos profissionais engajados com a área de ensino e pesquisa em História. Por fim, cabe mencionar que o Laboratório deverá promover seminários locais, regionais e nacionais de atividades programadas no sentido de viabilizar debates e trocas de experiências favorecendo, dentre outras questões, temas ligados ao ensino de história e a utilização de suas linguagens na educação básica.

Laboratório de Cinema e História – LACHis

A relação entre História e Cinema não se resume a filmes históricos. Vai muito além. História e Cinema são duas narrativas, dois fenômenos históricos que falam do presente, do passado ou do futuro. Estabelecem relações, arriscam ordenações lógicas ou, por mais paradoxo que possa parecer, caóticas também. História e Cinema podem falar de um mesmo assunto, de um mesmo tema. Partindo destes pressupostos, o LACHis pretende fornecer ao curso de História, suporte para responder às questões, prementes ao ofício do historiador, de quais são as diferenças e semelhanças entre estas duas narrativas? De que maneira elas dialogam e colaboram para a construção de identidades e subjetividades de um tempo?

Contando com uma sala que comporta vinte pessoas, um *data-show* e um telão, o LACHis estará disponível às disciplinas do curso de História para a projeção de filmes e documentários e à reflexão histórica.

Laboratório de Leitura e Outras Histórias

O ***Laboratório de Leitura*** nasceu da antiga ***Biblioteca Setorial*** da História, criado em 2008 a partir do acervo localizado no antigo CPDHis. Hoje, conta com um espaço próprio, com computadores para acesso do consulente e acesso à *internet*. O ambiente possui mesas e cadeiras para consulta e pesquisa dos estudantes, professores e demais interessados. Gerenciado pela Coordenação dos cursos de História (Bacharelado e Licenciatura), o laboratório tem sido não só um espaço de estudos dos discentes e docentes da graduação, como suas obras se tornaram uma referência a mais para o aprofundamento do processo de pesquisa bibliográfica. Localizado no próprio espaço do Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes, é um lugar de fácil acesso aos alunos, o que facilita a integração do acervo com as atividades de sala de aula, servindo de forma bastante efetiva, portanto, para todas as disciplinas do eixo obrigatório e eletivo dos cursos.

Laboratório de Pesquisa em História e Documentação Histórica- LAPDHis

O laboratório é um centro científico de pesquisa e documentação histórica vinculado ao Curso de História do Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes (ICHCA). Como espaço de pesquisa e acervo documental, atende aos corpos docentes e discentes do curso de História e demais pesquisadores e professores internos e externos ao ICHCA e UFAL.

Objetivos:

- Agregar as atividades de pesquisa do curso de História da UFAL, facilitando o levantamento de fontes e dados para a realização de projetos de Trabalhos de Conclusão de Curso e pós-graduação e pesquisas historiográficas sobre a História de Alagoas e Geral;
- Acumular, ordenar e cuidar do acervo de referências historiográficas e das ciências sociais como livros, artigos, revistas, fontes audiovisuais e digitais, dando livre acesso ao pesquisador, estudante e professor de História e demais usuários;
- Valorizar e divulgar a produção historiográfica do curso de História da UFAL;
- Propiciar um espaço físico apropriado para a realização de atividades de pesquisa e de reflexão crítica do curso de História;

O Acervo Digital, por seu caráter de facilitador ao acesso e divulgação via mídias de informação, agrega diversos materiais; por exemplo, obras completas de livre acesso (e-

books), artigos científicos e monografias, enciclopédias, dicionários etc; disponibilizam-se catálogos de imagens, fotografias, manuscritos digitalizados, entrevistas e transcrições. A tais fontes, veiculadas na Internet, Universidades e Centros de Pesquisa se permite o acesso para consulta no local e possível cópia aos interessados. Ressalta-se que a produção dos alunos e professores do curso é, necessariamente, incorporada ao acervo digital, como também os resultados dos eventos e atividades que geram produção no curso. Tais obras auxiliam os pesquisadores locais e professores (das redes públicas e privadas) tanto no acompanhamento das produções de outros centros de conhecimento quanto no compartilhamento com outros pesquisadores e professores os resultados de suas pesquisas.

Nascido do antigo CPDHis (Centro de Pesquisa e Documentação de História), atualmente tem trabalhado na construção do conteúdo das informações que comporão o seu site institucional, visando uma ampliação da divulgação do acervo, o maior acesso as obras digitalizadas e o conhecimento da comunidade acadêmica das atividades realizadas no curso de História da UFAL. No entanto, sua atividade principal se dirige à formação dos historiadores, sejam bacharéis ou licenciados e vinculado diretamente às disciplinas do eixo teórico-metodológico do curso.

Em termos de estrutura física, além da sala e de um computador conectado à rede, mobiliário coletivo (mesas e cadeiras) para pesquisa, conta com um *scanner* planetário.

Revista Crítica Histórica

O Curso de História possui uma revista eletrônica: ***Revista Crítica Histórica***. Criada em 2010, a mesma tem como autor corporativo o *Centro de Pesquisa e Documentação Histórica* (CPDHis) e traz em sua estrutura os enquadramentos exigidos pela plataforma *Qualis*. De circulação *semestral*, a mesma é publicada sempre no início de cada semestre, atualmente a ser lançado o terceiro número. Com um *Conselho Editorial* diversificado geográfica e institucionalmente, também conta com docentes ligados a diversos grupos de pesquisa no âmbito nacional e internacional. Tal publicação apresenta a produção dos professores e estudantes dos cursos de bacharelado e licenciatura em História da UFAL, servindo como apoio estratégico para a consolidação dos resultados de pesquisa.

Em termos estruturais a Revista possui um dossiê, uma sessão de artigos, resenhas e análise documental. Em seu primeiro número (2010.1), seu dossiê debruçou-se no *Ensino e História de Alagoas*. Em dezembro de 2015, entrará no ar o seu 12º número.

Para averiguação dos dados, a URL do periódico é: <http://www.revista.ufal.br/criticahistorica>. Por fim, deve ser ressaltado que a Revista encontra-se indexada em um diretório internacional, o DOAJ (*Directory of Open Access Journals*) desde 2010, o que possibilita melhor circularidade e amplitude dos raios de ação da pesquisa científica dos artigos, resenhas e demais conteúdo publicados no período.

2 - Grupos de Pesquisa

Grupo de Estudos Ensino, História e Docência – GEEHD. As atividades desenvolvidas pelo GEEHD têm como base o fortalecimento e aprimoramento das ações que são desenvolvidas no PIBID História existente no curso. Além disso, visamos o estímulo à reflexão do papel do professor de história e a sua formação dentro e fora da universidade, aliando a teoria e a prática, com o objetivo de criar uma cultura formativa voltada para o licenciando em História. Atualmente o projeto PIBID versa sobre o estudo da relação entre Memória e Ensino de História atuando na Escola Estadual Benedita de Castro e Escola Estadual Margarez Lacet na cidade de Maceió, estado de Alagoas. Professores associados: *Prof. Dr. Gian Carlo de Melo Silva e Prof. Dr. Antônio Alves Bezerra.*

Núcleo de Estudos Sociedade, Escravidão e Mestiçagens – NESEM. Esse Grupo de pesquisa nasceu das necessidades de pesquisas sobre os temas a eles vinculados no atual território de Alagoas. Buscamos fomentar estudos que possibilitem entender as dinâmicas das relações sociais e culturais existentes na época da escravidão, desde o período em que Alagoas fez parte da Capitania de Pernambuco, durante sua elevação a Comarca e na sua emancipação política. O grupo integra a Rede de Grupos de Pesquisa Escravidão e Mestiçagens (RGPEM) com sede no departamento de história da UFMG e ligações com instituições internacionais. Vem desenvolvendo o projeto História da Escravidão em Alagoas: conceitos, instituições, dinâmicas sociais, econômicas e culturais – Séculos XVIII e XIX. Professores associados: *Prof. Dr. Gian Carlo de Melo Silva e Prof^ª. Dra. Flávia Maria de Carvalho.*

Documento, Imagens e Narrativas: O grupo abarca atualmente duas linhas de pesquisa: 1. *Historicidade, Narrativas e Metodologias* que tem como proposta desenvolver ensaios analíticos, interpretativos e críticos dos diversos estilos historiográficos; 2. *Memória Social, Representação e Informação* que tem como objetivo mapear e identificar tipos de representação da memória social vinculados à cultura material e imaterial de Alagoas. Estabelecer interfaces entre a informação, a representação e a memória pessoal e coletiva. O Grupo tem contribuído de forma interdisciplinar com uma experiência epistemológica de pesquisa e ensino no âmbito dos cursos de História, Biblioteconomia, Ciências Sociais e Arquitetura. Atua na promoção de intercâmbios científicos e culturais; na participação e produção de eventos científicos e culturais; na fomentação da Memória Social e suas formas de preservação. Dentre suas projeções vislumbra-se a divulgação do conhecimento na área de Ciências Humanas em suas múltiplas formas midiáticas; Assessoria às Associações Sociais; Educação Popular e de Nível Médio e Superior. Professores Vinculados: Prof^ª. Dra. Arrisete Cleide de Lemos Costa e Prof^ª. Dra. Maria de Lourdes Lima.

Grupo de Estudos América Colonial: o grupo de pesquisa tem seus estudos voltados para investigação sobre as estruturas políticas, econômicas e culturais da América portuguesa. Preocupados com a compreensão da formação da elite, da constituição das redes clientelares, da instituição do *corpus* administrativo, das ações culturais e do desenvolvimento da político-econômica para os espaços coloniais; busca-se também trabalhar com a documentação, sobretudo em seu caráter de transcrição, visando à democratização de fontes em formatos digitais para futuros pesquisadores. Em termos geográficos, privilegia o estudo do território alagoano enquanto localidade subordinada à Capitania de Pernambuco. Suas linhas de pesquisa são: 1. Administração, poder e redes clientelares; 2. Documentação e transcrição de documentos; 3. Escravidão, relações de poder e diáspora africana. Professores vinculados: Prof. Dr. Antônio Filipe Pereira Caetano e Prof^ª. Dra. Flávia Maria de Carvalho

História Social e Política: o grupo de pesquisa tem seus estudos voltados para as investigações no campo do poder, das relações de trabalho, das ações políticas, dos conflitos sociais, da política externa brasileira, da história da esquerda (política e cultural), da história social do trabalho e das ações da esquerda católica no seu imaginário

anticomunista. Não somente se restringindo a este espaço, o grupo debruça-se em grande parte na documentação acolhida pelo Arquivo Público do Estado de Alagoas (APA). Suas linhas de pesquisa são: 1. História da política externa brasileira; História das esquerdas: política e cultura; 3. História política da Alagoas Republicana; 4. História Social do Trabalho. Professores vinculados: Prof^ª. Dra. Ana Paula Palamartchuk, Prof. Dr. José Alberto Saldanha de Oliveira, Prof^ª. Dra. Michelle Reis de Macedo e Prof. Dr. Osvaldo Batista Acioly Maciel.

História Social do Crime: o Grupo de Pesquisa tem seus estudos voltados para o entendimento das práticas de desordens cotidianas e criminais, tanto em seus aspectos rurais como citadinos; dos elementos componentes do comportamento do criminoso; o banditismo social; a história das prisões; a justiça e os crimes coloniais; gênero e criminalidade; a relação entre criminalidade e punição, entendidas em seu plano econômico, social, jurídico e simbólico; e a contextualização histórica das formas ritualística das ações criminais. O grupo possui relações de pesquisa com a Universidade Sapiientia e Palermo (Itália), bem como com outras instituições portuguesas. Suas linhas de pesquisa são: 1. Banditismo, máfia e crime organizado; 2. História das Prisões; 3. História Social da Polícia; 4. Homicídio e Controle Social; 5. Justiça e crimes coloniais; 6. Teorias do crime e criminologia; 7. Violência coletiva: conflitos rurais; 8. Vitimização e gênero. Professores vinculados: Prof^ª. Dra. Célia Nonata da Silva.

VIVARIUM-UFAL –Laboratório de Estudos da Antiguidade e do Medievo: o laboratório tem seus estudos voltados para as questões culturais, políticas e sociais da antiguidade e do medievo. Busca-se, principalmente, trabalhar com as formas de produção, transmissão e recepção do material escrito e visual fruto destes períodos, no que tange aos seus aspectos hermenêuticos, formais, estruturais e de funcionamento e apropriação. Os estudos do laboratório recaem, assim, sobre a busca de reflexões sobre representações e modos de representar a vida elaborada pelos homens e mulheres do passado. Linhas de pesquisa: 1. A antiguidade clássica e sua historiografia. 2. A recepção de textos escritos na Idade Média: textos escritos e cultura visual. 3. Cultura escrita na Idade Média: produção, circulação e recepção dos códices. Professora vinculada: Raquel de Fátima Parmegiani.

Centro de Hermenêutica do Presente: o grupo de Pesquisa tem seus estudos voltados para a desnaturalização e a desuniversalização de conceitos e *práxis* sociais do mundo ocidental. Teórica e Metodologicamente fundamentado na História Oral, investiga temáticas como comunidades sociais, migrações, narradores, sobreviventes sociais e econômicos, historicidades indígenas, sociocosmologias e filosofia da educação. Suas linhas de pesquisa são: 1. Ficção: Do Conto e do Romance, do Poema ao Teatro. 2. Narradores do Presente: Devires e Redes das Vidas Menores. 3. Narradores Negros. 4. Hermenêutica do Presente VI - Máquina Tribal III. Professor Associado: *Prof. Dr. Alberto Frederico Lins Caldas Filho.*

LAHAFRO - Laboratório de História Afro-brasileira: Seu objetivo principal é desenvolver pesquisas e estudos na área de História da África e História étnicorracial, cultural e social no Brasil e na diáspora africana. Dá-se ênfase às relações de poder, desenvolvimento e transformações histórico-culturais que impactaram na experiência dos povos negros no Brasil. Suas linhas de pesquisa são: 1. Cultura negra e relações de poder. 2. Religiões africanas, afro-brasileiras e movimentos sociais. O laboratório também procura atuar em extensão, através da participação em cursos de formação de professores e divulgação das artes e memórias afro-brasileiras. Professores Associados: *Prof^a. Dra. Irinéia Maria Franco dos Santos, Prof^a Ms. Clara Suassuna Fernandes, Prof. Esp. José Roberto Santos Lima e Prof^a. Dra. Flávia Maria Carvalho.*

LIER - Laboratório Interdisciplinar de Estudo das Religiões: O objetivo do laboratório é desenvolver pesquisas sobre religiões em diferentes temporalidades e espaços, numa perspectiva interdisciplinar. Sua atuação dá-se também na realização de atividades de extensão (eventos, cursos de aperfeiçoamento) estabelecendo redes com outros grupos em nível nacional e internacional. Além da divulgação em mídias eletrônicas da produção de seus membros e parceiros. Suas linhas de pesquisa são: (a) Religiões populares e movimentos sociais: O objetivo desta linha é o estudo das religiões populares na relação com os movimentos sociais de cunho reivindicativo, transformativo ou de manutenção da sociedade, em diferentes temporalidades. Também de seus elementos constitutivos, sincretismos, festas populares, agentes religiosos etc. Nesse sentido, as religiões ou religiosidades são percebidas como criadoras de princípios e valores fundamentais que alimentam as lutas sociais; (b) Religiões, cultura e identidade: objetiva analisar o papel das

religiões na construção do comportamento social, nos valores culturais e seus aspectos identitários. Procura mapear e desenvolver estudos que analisem as representações sociais dos mitos, símbolos, rituais e sua relação com a identidade religiosa dos adeptos e o espaço público; (c) religiões, Estado e relações de poder: O objetivo é o estudo das relações entre as diferentes religiões e o Estado brasileiro, em que se configurem as lutas pelos espaços sociais de poder em diferentes temporalidades e espaços geográficos. O caráter institucional tem destaque, por exemplo, nas relações entre as diferentes práticas religiosas e o Estado. *Prof^a. Dra. Irinéia Maria Franco dos Santos, Prof^a. Dra. Raquel de Fátima Parmegiani.*

História e construção literária na prosa brasileira: O grupo de pesquisa, criado em 2006, está vinculado ao Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística (PPGLL) e ao curso de História da UFAL, onde atua a líder do grupo. Partindo de uma perspectiva interdisciplinar, as pesquisas no grupo visam à análise de diversos elementos presentes na narrativa literária brasileira, examinados em correlação ao seu quadro histórico de referência. Suas atividades dividem-se entre os projetos de pesquisa “Leituras gracilianas”, “O grotesco e o monstruoso na construção literária” e “A prosa de ficção brasileira: espaços de experiência e horizontes de expectativa”. Professores Associados: *Profa. Dra. Ana Cláudia Aymoré Martins e a Profa. Dra. Ana Paula Palamartchuk.*

IV – Perfil do Egresso

O **Licenciado em História** é o professor que planeja, organiza e desenvolve atividades e materiais relativos ao Ensino de História. Sua atribuição central é a docência na Educação Básica, que requer sólidos conhecimentos sobre os fundamentos da História, sobre seu desenvolvimento e suas relações com as diversas áreas; assim como sobre estratégias para a transposição do conhecimento histórico em saber escolar. Além de trabalhar diretamente na sala de aula, o licenciado elabora e analisa materiais didáticos, como livros, textos, vídeos, programas computacionais, ambientes virtuais de aprendizagem, entre outros. Realiza ainda pesquisas em Ensino de História, coordena e supervisiona equipes de trabalho. Em sua atuação, prima pelo desenvolvimento do educando, incluindo sua formação ética, a construção de sua autonomia intelectual e de seu pensamento crítico.

CAMPO DE ATUAÇÃO

O **Licenciado em História** trabalha como professor em instituições de ensino que oferecem cursos de nível fundamental e médio; em editoras e em órgãos públicos e privados que produzem e avaliam programas e materiais didáticos para o ensino presencial e a distância. Além disso, atua em espaços de educação não-formal, como organizações ligadas à ciência, educação e cultura; museus; centros de documentação e pesquisa; memoriais; bibliotecas históricas; arquivos e projetos de preservação da memória e do patrimônio cultural e natural; no turismo cultural; em empresas que demandem sua formação específica e em instituições que desenvolvem pesquisas educacionais. Também pode atuar de forma autônoma, em empresa própria ou prestando consultoria.

* * *

Acompanhando os objetivos e as diretrizes propostas por esse (PPC), a meta final que queremos atingir é a formação de um profissional que possua ética e capacidade política em bases críticas, habilitados a prática da cidadania e exercício pleno da democracia. Somada a essas características consideradas inerentes ao egresso do curso de história, estaremos promovendo uma sólida formação técnica e profissional que complementarmente a formação técnica do futuro professor, sendo este, capaz de compreender e transformar a sua e outras realidades. Ou seja, um sujeito não apenas competente, segundo os conhecimentos adquiridos na formação inicial, mas, um sujeito que seja potencializador das transformações sociais, políticas e culturais pertinentes ao seu tempo.

O formando do Curso de História da UFAL deverá ser capaz de atender às prementes necessidades do ensino de história e, ao mesmo tempo, se apropriar de instrumentos que possam promover aproximação entre a instituição onde for atuar e a sua respectiva comunidade e, ainda, deverá ser capaz de atuar na área de pesquisa para enriquecer e promover a produção científica das Ciências Humanas, em particular, da História.

Reconhecendo que a formação nos cursos de Licenciatura, em seus modelos tradicionais, deixa à mostra questões históricas a ser enfrentadas, fazendo com que o estudante egresso aja movido pelo espontaneísmo, à improvisação ou a auto-formulação do “jeito de dar aula”, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), Título V, Capítulo IV, Art. 43, ao definir a finalidade da educação superior, estabelece princípios que poderão nortear o perfil do futuro profissional ao se inserir na docência da educação básica. Para isso, o curso parte da premissa de:

- I. estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo;
- II. formar diplomados nas diferentes áreas de conhecimento, aptos para a inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira e colaborar na sua formação contínua;
- III. incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura, e, desse modo, desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive;
- IV. promover a divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos que constituem patrimônio da humanidade e comunicar o saber através do ensino, de publicações ou de outras formas de comunicação;

V. suscitar o desejo permanente de aperfeiçoamento cultural e profissional e possibilitar a correspondente concretização, integrando os conhecimentos que vão sendo adquiridos numa estrutura intelectual sistematizadora do conhecimento de cada geração;

VI. estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente, em particular os nacionais e regionais, prestar serviços especializados à comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade;

VII. promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição.”

Nesse sentido, o Parecer nº 009/2001 CNE/CP, ao tratar das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de Licenciatura, de Graduação, destaca algumas características inerentes ao profissional da História:

- Orientar e mediar o ensino para a aprendizagem dos alunos;
- Comprometer-se com o sucesso da aprendizagem dos alunos;
- Assumir e saber lidar com a diversidade existente entre os alunos.

V - Habilidades e Competências

Com as orientações propostas pelo MEC nos últimos anos, o Curso de História Licenciatura ganhou densidade e identidade própria. Isso implica em uma discussão das competências e áreas de desenvolvimento profissional que se espera promover na formação do estudante de história, além de sugestões para avaliação das mudanças que ocorrerão com a implantação desse novo Projeto Pedagógico do Curso.

Com essas mudanças, faz-se necessária uma revisão profunda de aspectos essenciais da formação do professor, tais como a organização institucional, a definição e estruturação dos conteúdos para que respondam às necessidades da atuação do professor, os processos formativos envolvendo aprendizagem e desenvolvendo competências acerca da profissão docente, a vinculação entre escolas de formação e os sistemas de ensino da educação básica, de modo a assegurar-lhe a indispensável preparação profissional.

Em consequência, a competência é um dos requisitos fundamentais na orientação do Curso de Formação de Professores. Não basta o profissional ter informações acerca das disciplinas que forma o currículo do professor-historiador. É necessário que este consiga transformar essas informações em conhecimentos, colocando-os em ação prática, avaliando criticamente a sua própria atuação enquanto agente mediador de processos de ensino e aprendizagem atuando e interagindo cooperativamente com a comunidade na qual está inserido.

Ao indicarmos algumas competências no Projeto Pedagógico do Curso de História Licenciatura desta universidade, levou-se em consideração os objetivos da formação do professor de educação básica que desejamos, na eleição de seus conteúdos, na organização institucional, na abordagem metodológica dos temas, na criação de diferentes tempos e

espaços de vivência para os futuros professores na própria sala de aula e também fora desta, bem como nos processos de avaliação.

Assim, o presente documento entende que a aquisição da competência acontece quando o professor, no exercício de suas funções, é capaz de criar “situação” de ensino e aprendizagens significativas. A aprendizagem, com isso, permite a articulação entre teoria e prática e supera a tradicional dicotomia entre essas duas dimensões de aprendizagem, definindo-se pela capacidade de mobilizar múltiplos saberes numa mesma situação problema, entre os quais os conhecimentos adquiridos na reflexão sobre as questões pedagógicas e aqueles construídos na vida profissional e pessoal, para corresponder às diferentes demandas das situações de trabalho.

As atitudes do professor no curso de formação terão que ser construídas levando em consideração as suas competências e os conhecimentos adquiridos nesse processo dinâmico de aprendizagem, assumindo, dessa maneira, compromisso em relação aos futuros professores, principalmente quando valoriza suas características individuais e experiências de vida, incluídas as profissionais.

O grande desafio que este Projeto Pedagógico coloca é, como equalizar os conteúdos definidos para um currículo da formação profissional do Curso de História Licenciatura, uma vez que são os conteúdos que possibilitam a construção e o desenvolvimento de competências e habilidades. O currículo conterá conhecimentos necessários ao desenvolvimento das competências exigidas para o exercício do magistério, tratando-os nas suas diferentes dimensões, tais como: na sua dimensão conceitual – na forma de teorias, informações, conceitos; na sua dimensão procedimental – na forma do saber fazer; e na sua dimensão atitudinal – na forma de valores e atitudes que estarão em voga na atuação profissional.

Com essa finalidade, indica-se um conjunto de competências constantes do Parecer nº 9/2001 CNE/CP, Art. 6º, como linhas mestras de orientação, com o detalhamento a seguir, inerentes a formação do professor-historiador:

I. Competências referentes ao comprometimento com os valores inspiradores da sociedade democrática:

a) Pautar-se por princípios da ética democrática: dignidade humana, justiça, respeito mútuo, participação, responsabilidade, diálogo e solidariedade;

- b) Orientar suas escolhas e decisões metodológicas e didáticas por valores democráticos e por pressupostos epistemológicos coerentes;
- c) Reconhecer e respeitar a diversidade, em seus aspectos sociais, culturais e físicos, detectando e combatendo todas as formas de discriminação;
- d) Zelar pela dignidade profissional e pela qualidade do trabalho escolar.

II. Competências referentes à compreensão do papel social da escola:

- a) Compreender o processo de sociabilidade e de ensino e aprendizado na escola e nas suas relações com o contexto no qual se inserem as instituições de ensino e atuar sobre ele;
- b) Utilizar conhecimento sobre a realidade econômica, cultural, política e social, para compreender o contexto e as relações em que está inserida a prática educativa;
- c) Participar coletiva e cooperativamente da elaboração, gestão, desenvolvimento e avaliação do projeto educativo e curricular da escola, atuando em diferentes contextos da prática profissional, além da sala de aula;
- d) Promover uma prática educativa que leve em conta as características dos aluno e de seu meio social, seus temas e necessidades do mundo contemporâneo e os princípios, prioridades e objetivos do projeto educativo e curricular;
- e) Estabelecer relações de parceria e colaboração com os pais dos alunos, de modo a promover sua participação na comunidade escolar e a comunicação entre eles e a escola.

III. Competências referentes ao domínio dos conteúdos a serem socializados, aos seus significados em diferentes contextos e sua articulação interdisciplinar:

- a) Conhecer e dominar os conteúdos básicos relacionados às áreas/disciplinas de conhecimento que serão objeto da atividade docente, adequando-os às atividades escolares próprias das diferentes etapas e modalidades da educação básica;
- b) Ser capaz de relacionar os conteúdos básicos referentes às áreas/disciplinas de conhecimento com os fatos, tendências, fenômenos ou movimentos da atualidade e os fatos significativos da vida pessoal, social e profissional dos alunos;
- c) Compartilhar saberes com docentes de diferentes áreas/disciplinas de conhecimento, e articular em seu trabalho as contribuições dessas áreas, numa abordagem transdisciplinar;
- d) Ser proficiente no uso da Língua Portuguesa nas tarefas, atividades e situações sociais que forem relevantes para seu exercício profissional;

e) Fazer uso de recursos da tecnologia da informação e da comunicação, de forma a aumentar as possibilidades de aprendizagem dos alunos.

IV. Competências referentes ao domínio do conhecimento pedagógico

a) Criar, planejar, realizar, gerir e avaliar situações didáticas eficazes para a aprendizagem e para o desenvolvimento dos alunos, utilizando o conhecimento da áreas ou disciplinas a serem ensinadas, das temáticas sociais transversais ao currículo escolar, bem como das especificidades didáticas envolvidas;

b) Utilizar modos diferentes e flexíveis de organização do tempo, do espaço e de agrupamento dos alunos, para favorecer e enriquecer o processo de desenvolvimento e de aprendizagem;

c) Manejar diferentes estratégias de comunicação dos conteúdos, sabendo eleger as mais adequadas, tendo em vista a diversidade dos alunos, os objetivos das atividades propostas e as características dos próprios conteúdos;

d) Identificar, analisar e produzir materiais e recursos para utilização didática, diversificando as possíveis atividades e potencializando seu uso em diferentes situações;

e) Gerenciar a classe e a organização do trabalho, estabelecendo uma relação de autoridade e confiança com os alunos;

f) Intervir nas situações educativas com sensibilidade, acolhimento e afirmação responsável de sua autoridade;

g) Utilizar estratégias diversificadas de avaliação da aprendizagem e, a partir de seus resultados, formular propostas de intervenção pedagógica, considerando o desenvolvimento das diferentes capacidades dos alunos.

V. Competências referentes ao conhecimento de processos de investigação que possibilitem o aperfeiçoamento da prática pedagógica:

a) Analisar situações e relações interpessoais que ocorram na escola, com o distanciamento profissional necessário à sua compreensão;

b) Sistematizar e socializar a reflexão sobre a prática docente, investigando o contexto educativo e analisando a própria prática profissional;

c) Utilizar-se dos conhecimentos para manter-se atualizado em relação aos conteúdos de ensino e ao conhecimento pedagógico;

d) Utilizar resultados de pesquisas atualizadas para o aprimoramento de sua prática profissional.

VI. Competências referentes ao gerenciamento do próprio desenvolvimento profissional:

- a) Utilizar as diferentes fontes e veículos de informação, adotando atitude de disponibilidade e flexibilidade para mudanças, gosto pela leitura e empenho no uso da escrita como instrumento de desenvolvimento profissional;
- b) Elaborar e desenvolver projetos pessoais de estudo e trabalho, empenhando-se em compartilhar a prática e produzir coletivamente;
- c) Desenvolver os âmbitos da pesquisa científica e/ou da continuidade dos estudos em nível de pós-graduação (*latu e stricto sensu*) como formas de desenvolvimento profissional, rompendo com os paradigmas tradicionais de afastamento entre o profissional de ensino – o professor – e o profissional de pesquisa – o pesquisador – os quais compreendiam o primeiro como um mero transmissor de conhecimentos produzidos pelo segundo;
- d) Utilizar o conhecimento sobre a organização, gestão e financiamento dos sistemas de ensino e sobre a legislação e as políticas públicas referentes à educação para uma inserção profissional crítica.”

Em face dessas questões, para maior esclarecimento, elencamos as Competências e Habilidades apresentadas pelo Parecer nº 492/2001 CNE/CES: Específicas para Licenciatura:

- a. Domínio dos conteúdos básicos que são objeto de ensino-aprendizado no ensino fundamental e médio;
- b. Domínio dos métodos e técnicas pedagógicos que permitem a transmissão do conhecimento para os diferentes níveis de ensino.

O graduado em História Licenciatura deverá estar habilitado e capacitado para o exercício do trabalho do professor, dentro e fora da sala de aula, em todas as suas dimensões, o que pressupõe pleno domínio da natureza do conhecimento histórico e das práticas pedagógicas necessárias a sua produção e difusão. Cabe ao egresso do curso de História ter o domínio dos conteúdos que são objetos de ensino e aprendizagem na educação básica, percebendo o caráter indissociável entre o ensino e a pesquisa.

A diversidade de concepções historiográficas no mundo contemporâneo – do *Marxismo à Escola dos Annales*, passando pela *História Social*, *História Cultural*, *História das Mentalidades*, *Micro-História* etc. – são constatações da elevada maturação que as

pesquisas e o ensino de História experimentam no mundo contemporâneo. As preocupações dos historiadores com o ensino de História têm se voltado para os tipos de práticas pedagógicas que tentam envolvê-los historicamente com os conteúdos ministrados nas salas de aula, atentando-se para a sua inserção no cotidiano escolar, suas relações com o imaginário dos estudantes e suas relações com outras esferas do saber.

Assim, o curso de História Licenciatura articula a teoria com a prática, conforme as a resolução CNE/CP nº 1, de 18 de fevereiro de 2002, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, para isso possui uma estrutura curricular para o desenvolvimento de habilidades e competências relacionadas à formação para a atividade docente, entre as quais o preparo para:

- I - o ensino visando à aprendizagem do aluno;
- II - o acolhimento e o trato da diversidade;
- III - o exercício de atividades de enriquecimento cultural;
- IV - o aprimoramento em práticas investigativas;
- V - a elaboração e a execução de projetos de desenvolvimento dos conteúdos curriculares;
- VI - o uso de tecnologias da informação e da comunicação e de metodologias, estratégias e materiais de apoio inovadores;
- VII - o desenvolvimento de hábitos de colaboração e de trabalho em equipe.

Nesse sentido, a formação do profissional de História tem como ênfases o estímulo a aprender a pensar e a usar a sua inteligência, criatividade e capacidade para estabelecer a inter-relação entre ensino e aprendizagem, ensino e pesquisa, de forma que possibilite o desenvolvimento da capacidade de reflexão, cooperação e participação; e a interiorização de valores éticos, capazes de favorecer a percepção de princípios de justiça, equidade, tolerância e serenidade.

Em síntese, espera-se que os graduandos saiam do curso de graduação em História desta universidade com as seguintes habilidades e competências constituídas para atuar profissionalmente:

- Conhecer a realidade sócio-educacional e sua estrutura organizacional, a fim de promover junto aos seus interlocutores a análise histórica sistematizada e dela obter conhecimentos e experiências para avaliação e revitalização do ensino no âmbito da universidade e fora dela;

- Assegurar a produção e ressignificação dos conhecimentos históricos não só no âmbito da universidade, mas, também, em instituições de ensino formal e não forma - museus, órgãos de preservação de documentos e patrimônio material e imaterial, envolvimento com ações afirmativas e políticas de educação patrimonial e ambiental;
- Dirimir ações que perpassa a reflexão-ação-reflexão sistematicamente entre a produção do conhecimento e a experiência didática pedagógica vivenciada no cotidiano da sala de aula na educação básica;
- Identificar as mais variadas concepções de ensino e aprendizagem acerca de temas próprios da docência, tais como: currículo, proposições didáticas, planejamento, organização de tempo e espaço, gestão de sala de aula, interação grupal, procedimentos avaliativos de situações didáticas e sequência didáticas e aprendizagens dos estudantes e da relação professor-estudante;
- Promover ações que busquem respeitar e valorizar o Patrimônio Histórico Cultural, Regional e Nacional, reconhecendo a importância da salvaguarda dos Acervos Documentais e Bens Culturais.

VI- História e Meio Ambiente

O Decreto nº 4.281, de 25 de junho de 2002, que regulamenta a Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999, que institui a Política Nacional de Educação Ambiental, e dá outras providências e conforme a Resolução CNE/CP nº 02/2012, que define formas de sua implementação nos currículos dos cursos superiores, é incorporado pelo curso de História Licenciatura na UFAL quando da aplicação de forma direta da temática ambiental na inclusão de conteúdos curriculares nas diversas disciplinas obrigatórias e eletivas.

Uma das abordagens para a discussão da relação humana com o meio ambiente – hoje conhecida como “questão ambiental” – e para uma proposta de solução – o chamado *desenvolvimento sustentável*³ – é a análise do surgimento deste problema pelo viés das ciências sociais. Disciplinas como História, Antropologia, Sociologia, Geografia, Filosofia e Economia articulam-se nas explicações para um dos maiores problemas da atualidade. A partir da década de 1990 com a aparente globalização econômica, os desdobramentos da “questão ambiental” tornaram-se mais prementes. Atualmente, vários países no mundo procuram formas de diminuir o impacto ambiental da produção capitalista.

Em tempo, “as iniciativas pedagógicas procuram responder às novas demandas sociais, reorientando as práticas educacionais, revendo conteúdos, metodologias e, claro, a

³“Desenvolvimento sustentável é o desenvolvimento que satisfaz as necessidades do presente sem comprometer a capacidade de as futuras gerações satisfazerem as suas próprias necessidades”. Relatório Nosso Futuro Comum. Comissão Mundial da ONU sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, 1987. Apesar do aporte teórico, as empresas passaram a utilizar o desenvolvimento sustentável numa perspectiva tecnicista; procurou-se alterar tecnologias na produção para diminuir o impacto ambiental e a poluição, mas mantendo a lógica do consumo com os “produtos verdes”.

formação de professores, entre outras medidas de interação e mudanças sociais” (MARTINEZ, 2004, p.235).

Não obstante, é notável nas reflexões de Bittencourt (2003) que:

Os debates e discussões sobre o meio ambiente, ecologia, educação ambiental parecem pouco familiares nas salas de aula de História. Poluição, degradação de solos, secas, queimadas, lixo, preservação de animais, enchentes devastadoras e demais problemas que envolvem os variados temas ambientais são próprios de educadores e cientistas da natureza, mas parecem estar bastante distantes das preocupações daqueles que se dedicam aos estudos das sociedades. Desta forma, tratar de um tema que aborda as relações da história com o meio ambiente pode provocar um certo estranhamento, como se historiadores e professores de História estivessem invadindo um território alheio e se propusessem a entrar em uma espécie de aventura, embrenhando-se em uma seara desconhecida, exclusiva da área de ciências da natureza. Quando, no entanto, nos detemos atentamente às diversas problemáticas ambientais, percebe-se como muitos dos temas são também familiares às ciências humanas e como as aproximações entre sociedade e meio ambiente possibilitam enriquecimento mútuo entre as duas áreas e campos de conhecimento (BITTENCOURT, 2003, p.37).

Por seu turno, recentemente tais problemáticas passaram a ser, especialmente, objeto de estudo da História, tanto pelo viés da “história dos movimentos sociais”, como também pelo viés atual “história ambiental”. Neles, as temáticas variam, desde as construções ideológicas da relação natureza/sociedade, passando pela exploração dos recursos naturais, a relação entre comunidades indígenas e a natureza, agricultura, ecologia, urbanização e o processo de degradação ambiental etc.

Ou seja, os historiadores lidam com novos problemas e procuram historicizá-los. A aplicação do método histórico proporciona uma análise mais consistente dos problemas ambientais e suas implicações socioeconômicas e culturais. O surgimento de uma compreensão humana sobre a Natureza foi um longo processo histórico que se deu a partir das tentativas de “controle dos seus fenômenos”, produziu as bases estruturais da sociedade humana, suas identidades e visões de mundo, por fim, sua *Cultura*.

O Projeto Pedagógico do Curso de História Licenciatura da Universidade Federal de Alagoas entende que a formação do professor-pesquisador de história necessita englobar, transversalmente, em suas disciplinas, este importante debate acerca do meio ambiente. O apontamento da transversalidade dos conteúdos específicos deve privilegiar

também o incentivo à construção de uma ética de cidadania que seja “transhumana”; isto é, que valorize a existência das várias espécies e da diversidade biológica do planeta.

A crise social e ambiental afeta a todos. Vale lembrar que, em Alagoas, a existência de conflitos sociais históricos identificados na luta pelo acesso à terra e aos meios de produção, são intensificados ao se refletir sobre a manutenção do trabalho no corte da cana – produção de alto impacto ambiental –, urbanização desregulada e especulação imobiliária que atinge as áreas próximas aos rios e a extração tradicional do caranguejo e sururu; a falta de saneamento básico sobremaneira os bairros populares, aumentando a poluição dos rios e do mar etc.

Nos países periféricos, muito da questão ambiental, mesmo com as ações dos movimentos ecológicos, perde ênfase ao ser confrontado com os problemas da miséria e distribuição desigual das riquezas. Os partidos políticos com enfoque ambiental, como o Partido Verde (PV) brasileiro, não atingem as camadas da população mais pobre, mantendo-se como demanda identificada com as classes médias. Torna-se relevante, por fim, um ensino de história que possibilite uma análise crítica da relação entre os interesses de um modelo de desenvolvimento “sustentável”, e as reais necessidades da população, com ênfase para melhorias globais das condições de vida da população.

VII- O ofício do historiador e as novas tecnologias

É inegável os ganhos da historiografia diante das possibilidades que a *internet* acrescentou em termos de acesso a informação. Há uma clara mudança na forma clássica da escrita da história e da comunicação do discurso histórico, ao mesmo tempo que se inauguram perspectivas inéditas para esta forma de produção científica. Essa experiência contemporânea tem instigado os historiadores a ponto da própria forma de ler e escrever se tornar objeto de problematização. Obras como as de Roger Chartier (2001), que se debruçam sobre a história da leitura e a revolução do texto eletrônico, nos dão análises fundamentais para a compreensão, não apenas das mudanças em curso, mas também das continuidades entre os diversos modos das práticas de ler, escrever e seus aportes.

As novas tecnologias digitais têm ganhado cada vez mais espaço dentro do ofício do professor-pesquisador. Isso tem se dado a partir de quatro eixos principais: em termos de publicações das narrativas historiográficas e do acesso às bibliotecas digitais; dos bancos de dados documentais; das ferramentas de pesquisa; e por fim, do próprio suporte digital como documento histórico.

Quando nos voltamos para o ensino de história esse ganho fica ainda maior. Isto se dá, não só pelo acesso disponível a professores e estudantes dos arquivos documentais e bibliotecas digitais, mas também pelas ferramentas pedagógicas disponíveis na *Web* que incentivam o desenvolvimento de um aprendizado construtivista, no qual o estudante pode se colocar como agente do conhecimento. Podemos dar o exemplo dos *blogs* e dos *e-books*,

o trabalho de construção destes suportes de textos virtuais proporcionam uma experiência que não se limita apenas a pesquisa e a construção da narrativa, mas também interage com a realidade editorial, posto que as construções destas ferramentas devem seguir regras tanto relacionadas a linguagem, como a diagramação.

O curso de história da UFAL tem incentivado o uso das novas tecnologias nas pesquisas historiográficas de seus alunos, mantendo a *Revista Crítica Histórica*⁴ para publicações na área, além do trabalho desenvolvido pelo LAPDHIS que tem disponibilizado em seu *site* documentação sobre a História do estado de Alagoas.

Além disso, no âmbito das experiências pedagógicas envolvendo os estudantes, tem havido por parte dos docentes do curso, incentivo para que estes experimentos historiográficos sejam pensados de forma dialética em relação ao ensino fundamental e médio, não apenas como mecanismo de pesquisa e aprendizado, mas também como objeto da investigação dos próprios estudantes no que tange ao saber históricos e suas possibilidades de ensino e aprendizado a partir destes suportes.

Indubitavelmente, os desafios da formação docente constituem-se em níveis complexos em que, dentre os quais, sobrepõem-se, a atualização constante do ensino, em virtude das demandas internas e externas diligentes a graduação. O objetivo primordial neste caso é de proporcionar ao discente contato com diversas possibilidades de construção do conhecimento. Assim, a incumbência docente é de facilitar o processo de ensino e aprendizagem, para que seja possível que o licenciando, ao término do curso, tenha os conhecimentos inerentes ao magistério nos níveis de ensino que o mercado de trabalho oferece, aliando os saberes pedagógicos e de conteúdo específico. Dentro das exigências do nosso contexto sociopolítico e cultural, a formação docente deve ser pautada pela busca do “conhecimento, reflexão, crítica e aperfeiçoamento profissional” (FONSECA; SILVA, 2007, p.26).

A formação docente deve levar em consideração, dentre outros critérios, a vida pregressa dos estudantes, lembrando que as experiências de vida, a formação anterior e os anseios individuais são parte constitutivas sujeitos. Para que possamos contribuir com uma formação de qualidade devemos superar as dicotomias existentes em muitos cursos de graduação, algumas herdadas de currículos anteriores, em que somente o conteúdo era valorizado e a formação pedagógica relegada ao segundo plano da formação.

⁴ Endereço digital: <http://www.revista.ufal.br/criticahistorica/>

A década de 80 marcou o início das críticas contra uma forma de ensino tecnicista e que não valorizava o ensino de História, existindo uma concepção de que “se ensina História como se produz História” (DIAS, 2009, p.15), formando toda uma geração de profissionais que eram constituídos como pesquisadores e não identificados como professores de História. Essa separação prejudicou a formação de muitos docentes e tem consequências nas formas de aprendizado até os dias atuais, em que buscamos uma superação da dicotomia entre ensino e pesquisa, já que ambos estão interligados e possuem certa dependência.

Em face dessa questão, conforme o Conselho Nacional de Educação (CNE), os cursos de Licenciatura devem ter como um dos elementos basilares da formação docente a pesquisa, que são o “foco no processo de ensino e aprendizagem, uma vez que ensinar requer tanto dispor de conhecimentos e mobilizá-los para a ação, como compreender o processo de construção do conhecimento” (BRASIL, CNE, 2002). Esse conhecimento possibilita ao estudante de História articular sua formação com o exercício do magistério, observando e conhecendo as possibilidades de pesquisa não somente mergulhando nos documentos e numa formação de pesquisador dissociada do papel de educador, mais sim, transpondo as barreiras da universidade, produzindo conhecimento nas escolas, nas comunidades, em espaços de educação não formal, construindo novos saberes e reinterpretando espaços e objetos a partir do conhecimento construídos ao longo de sua formação.

Tendo em vista que o professor em sua ação docente “precisará recorrer ao conhecimento das áreas na qual é especialista, ao conhecimento pedagógico e ao conhecimento do sentido e significado da educação na formação humana” (PIMENTA; LIMA, 2012, p.147), na sua formação é preciso que sejam colocados em contato com possibilidades do “como fazer” a intermediação entre o ensino e as aprendizagens em história. Entre os mecanismos que podem ser acionados para construção de tais conhecimentos estão o uso das linguagens específicas do ensino de história e as metodologias diferenciadas de ensino, que abarcam possibilidades já tradicionais como o uso do cinema e das imagens, até mecanismos contemporâneos como a construção de jogos eletrônicos, *internet* e outros elementos proporcionados pelo uso das novas tecnologias da informação.

Em face dessa questão, nota-se que:

A promoção dessas formas de pensamento histórico exige que a formação do aluno esteja fundamentada num conceito de História que o leve à compreensão da realidade social e das ações dos homens localizadas no tempo. Para tanto, é preciso utilizar materiais que permitam a construção do texto histórico chamando-o a atividades intelectuais que encaminhem o estudante para o desenvolvimento do pensamento histórico (ABUD, Katia. et alli , 2010, p. XIII).

Assim, a sala de aula transforma-se em um laboratório de experimentação de conhecimentos práticos, em que estudantes e professores são estimulados cotidianamente a criar e recriar formas de interpretação que articulam conteúdo específico, saberes pedagógicos e construção de conhecimento histórico numa relação dialógica. Para tanto, lembra-se que o uso das metodologias inovadoras devem ser baseadas no estudo e na pesquisa, afinal, não devemos cair no erro de confundir método de ensino com técnica de ensino, ou mais ainda, usar novas tecnologias sem verificar as adaptações necessárias para o ensino, transformando o novo em ferramenta de repetição do velho e criticado método tradicional de ensino. Um espaço dentro do processo de formação que tem como intuito proporcionar mudanças na utilização dos métodos de ensino, tem como *locus o laboratório de ensino de História*, um local que deve ser usado por todos os professores, independente do conteúdo específico que ministre.

Tendo em mente a complexidade e os cuidados necessários para os usos das metodologias diferenciadas, que não devem ser meramente reproduzidas e, sim, compreendidas em seus critérios e adequações de uso, discentes e docentes estão conjuntamente construindo e dando significado ao processo de ensino e aprendizagem, superando dicotomias tradicionais e trazendo à luz novas perspectivas que transformam o cotidiano da sala de aula colocando os objetos em movimento, proporcionando aprendizagens significativas inerentes aos sujeitos em formação.

Desta maneira, cabe ao docente diante das suas possibilidades e avaliação prévia de sua prática, articular saberes e construção do novo conhecimento dos graduandos, transformando o uso de linguagens (filmes, jogos, música, literatura, documentos, imagens etc.), em metodologias facilitadoras de aprendizagem significativas e não meras fórmulas mágicas, como bem destacou (BITTENCOURT, 2004, p.242).

VIII- Metodologias do Ensino de História

A proposta teórico-metodológica do curso História Licenciatura da UFAL insere-se na atual consciência historiográfica contemporânea, que se divide em duas frentes: a *Escola Social Inglesa* e a *Escola Francesa*, identificada como a *Escola dos Annales*. Uma cultura de conhecimento histórico que vem privilegiando uma nova narrativa historiográfica a partir da valorização da cultura, através de sua linha de pesquisa: a *Nova História Cultural*.

Como a argumentação da prática historiográfica atual, centralizamos em uma linha específica, cuja proposta tem conseguido manter-se com trabalhos importantes na historiografia contemporânea e brasileira. Optamos, por tanto, pelas referências teórico-metodológicas por oferecerem um conjunto de expectativas abrangentes e pressupostos de trabalhos mais sólidas.

Nossa preocupação por seu turno está orientada pela necessidade atual em oportunizar as interpretações e ampliar o arcabouço teórico para a historiografia brasileira. Assim, a afirmação mais contundente seria dizer que buscamos criar um curso empenhado em discussões acadêmicas e, oportuno a propostas de elaboração reflexiva. O que seria o mesmo que afirmarmos nossa oposição ao relativismo conceitual e cultural. A partir disso

temos constatado que as expectativas quanto à produção acadêmica deve reiterar os argumentos conceituais.

Atualmente, são várias as obras que instigam os homens à curiosidade por sua cultura e sociedade, quer seja pela história do perdão, do amor e da pornografia; como pela história da representação política, das imagens e propagandas de governos. Das descobertas da memória política, dos mitos políticos e das liturgias políticas garantidas pelo poder simbólico das relações de dominação. A expectativa por novas oportunidades para os historiadores, aberta pela revolução documental trouxe, também, o surgimento de algumas linhas específicas de trabalho e pesquisa com novos objetos para a cultura historiográfica.

A partir desta perspectiva, a proposta do curso de História Licenciatura da UFAL faz notar o seu interesse por investigações educacionais com vistas à formação plena do estudante de História atentando-se a sua inserção no exercício do magistério e da pesquisa - do ofício de historiador-educador-pesquisador, nas mais variadas dimensões, o que pressupõe o domínio do conhecimento histórico e das práticas essenciais de sua produção intelectual e difusão desta prática.

Face às demandas oriundas da sociedade no âmbito nacional, estadual e municipal, o profissional de História formado nesta instituição terá a prerrogativa de atuar na extensão de seu campo de conhecimento: ensinar história na educação básica e desenvolver propostas de pesquisas, seja sobre a sua própria prática na docência ou em outras linhas de pesquisa na sua área de formação inicial.

Por esse prisma, ao professor historiador, educador e pesquisador, caberá o desafio de desenvolver postura crítica e autônoma frente ao desafio de problematizar os processos de significação da própria área do conhecimento, cujas dimensões ultrapassam a mera tarefa pedagógica de transmitir o conhecimento.

Não obstante, a profissão docente exige movimentação e interação com os anseios da sociedade em toda a sua estrutura organizacional, a fim de poder promover junto a seus interlocutores a análise da realidade histórica e dela dilapidar os conhecimentos e experiências para avaliar e implementar propostas de ensino e metodologias diferenciadas na formação de cidadãos comprometidos com a transformação social dos sujeitos no espaço ao qual pertence.

Em face dessas inquietações, o profissional de história que atuará na educação básica deverá estar concatenado ao ensino e à pesquisa juntamente com os estudantes,

viabilizando a dinâmica da aprendizagem e trazendo à luz as descobertas e o novo, a produção de materiais pedagógicos de difusão do conhecimento na área de ensino de história é outro ponto que o licenciando em história desta universidade deve ter assegurado em sua formação inicial.

O presente PPC para o curso de História da UFAL vem ao encontro de tais necessidades e propostas de mudanças historiográficas, demandas estas que orientaram a construção das linhas mestras deste projeto, tendo o cuidado em não cair na tentação das oportunidades e expectativas das incoerências dos modismos acadêmicos. Nossa estrutura curricular, bem como nossa concepção de curso privilegia, desde suas primeiras disciplinas do primeiro período, o envolvimento com os conceitos, a historiografia, a prática profissional com leituras documentais, a necessidade do aprendizado e conhecimento da história da Cultura Afro-brasileira e Indígena, assim como a valorização da pesquisa e do fazer docente na sala de aula da educação básica, provocando outros debates teórico-metodológicos inerentes ao momento histórico vivido pelos futuros professores. Nesse aspecto, destaque-se que:

Toda a pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção sócio-econômico, político e cultural. Implica um meio de elaboração que está circunscrito por determinações próprias: uma profissão liberal, um posto de observação ou de ensino, uma categoria de letrados etc. Ela está, pois, submetida a imposições, ligada a privilégios, enraizada em uma particularidade. É em função deste lugar que se instauram os métodos, que se delineia uma topografia de interesses, que os documentos e as questões que lhe serão propostas se organizam (DE CERTEAU, 2002, p. 67).

Dada à importância da diferenciação e da doutrina teórico-metodológica do curso (do meio social), a narrativa como forma de escrita do historiador será pautada segundo as necessidades deste meio social para a competência dos futuros profissionais da educação. Neste sentido, toda a matriz curricular foi construída segundo estas necessidades, almejando também estruturar a própria doutrina e a essência do curso de História desta instituição. Pois, “a instituição não dá apenas uma estabilidade social a uma doutrina. Ela a torna possível e, sub-repticiamente, a determina” (DE CERTEAU, 2002, p. 70).

Por seu turno, a doutrina teórica do curso de História da UFAL terá seu discurso próprio, definido a partir de sua idiossincrasia nas formas diferenciadas das suas linhas de pesquisa, inseridas na historiografia atual, cuja adesão compartilhamos com a *Escola dos Annales*, seguida como diretriz da tendência atual das maiores universidades brasileiras.

A institucionalização do curso, está, portanto, dentro do sistema do conhecimento historiográfico contemporâneo. Pois, entendemos que a articulação do conhecimento histórico com um lugar de referência e de diálogo determina tanto a sua validade, quanto a sua excelência em se tratando de ensino. Freire (1996) assinala que:

É no respeito às diferenças entre mim e eles ou elas, na coerência entre o que faço e o que digo, que me encontro com eles ou com elas. É na minha disponibilidade à realidade que construo a minha segurança, indispensável à própria disponibilidade (FREIRE, 1996, p.152).

Também, a consideração do lugar no campo de trabalho estará validada pela comunicação do conhecimento fazendo com que os profissionais de história formados por esta instituição de ensino superior, sejam considerados qualificados para o mercado de trabalho acessando-o com segurança e merecimento.

Ainda, como conhecimento histórico entende-se não apenas a narrativa, mas a teoria. A pesquisa histórica mantém com a teoria uma profunda e íntima relação, que não iremos dispensar neste curso de licenciatura. O historiador não é formado atualmente apenas como profissional de 'sala de aula'. Este deve ser percebido como professor-pesquisador que tem por premissa o registro de sua prática, binômio este fortemente marcado nas reflexões de (TARDIF, 2012).

A reflexão historiográfica exige, por assim dizer, empenho das disciplinas conceituais e de outras, necessitando da dinâmica multidisciplinar, definindo a abordagem das propostas atuais presente no currículo do curso de história dessa universidade. Quanto às necessidades atuais da historiografia brasileira, privilegiamos a inserção das disciplinas, cuja orientação histórica discute as culturas locais, a sociedade capitalista e a questão ambiental.

Em face dessa questão, a formação docente deve levar em consideração, entre outros critérios, a trajetória dos estudantes, lembrando sempre que as experiências de vida, a formação anterior e os anseios individuais destes constituem a formação de sujeitos complexos e diferentes. Para que possamos contribuir de fato com uma formação de qualidade devemos superar as dicotomias existentes em muitos cursos de graduação, algumas herdadas de currículos anteriores onde somente o conteúdo era valorizado, e a formação pedagógica relegada ao segundo plano da formação.

A década de 80 marcou o início das críticas contra uma forma de ensino tecnicista e que não valorizava o ensino de História, existindo uma concepção de que “se ensina História como se produz História” (DIAS, 2009, p.15), formando toda uma geração de profissionais que eram constituídos como pesquisadores e não professores. Essa separação prejudicou a formação de muitos docentes e tem consequências nas formas de aprendizado até os dias atuais na educação básica, em que buscamos uma superação da dicotomia entre ensino e pesquisa, já que ambos estão interligados, são dependentes um do outro e para ser um bom docente é preciso saber ser pesquisador (TARDIF, 2012).

De acordo com normas instituídas pelo Conselho Nacional de Educação, os cursos de Licenciatura de graduação devem ter como um dos elementos basilares da formação docente a pesquisa, que são o “foco no processo de ensino e aprendizagem, uma vez que ensinar requer tanto dispor de conhecimentos e mobilizá-los para a ação, como compreender o processo de construção do conhecimento” (BRASIL, CNE, 2002).

Nesse sentido, a instituição assume assim seu papel de mediador e busca articular tais trocas, pois reconhece o educando como um o agente principal de sua própria aprendizagem, sendo capaz de construir satisfatoriamente seu aprendizado quando participa ativamente do processo. Assim, o curso de graduação visa à qualificação e competência do egresso, adotando para tal, métodos de ensino e aprendizagem diversificados e criativos. Sendo assim, no Curso, as seguintes metodologias são empregadas:

Seminários: Metodologia utilizada como uma forma de avaliação, preparando o aluno para a prática expositiva, sistematização de ideias, clareza ao discorrer sobre o assunto em pauta. Auxilia na Comunicação e Expressão Oral;

Palestras: Metodologia utilizada após o professor aprofundar determinado assunto, tendo o palestrante a finalidade de contribuir para a integração dos aspectos teóricos com o mundo do trabalho;

Ciclo de Palestras: Metodologia utilizada na busca de integração de turmas e avanço do conhecimento, trazendo assuntos novos e enriquecedores, além de proporcionar aos alunos a prática de cerimonial e organização de eventos, já que estes ciclos são elaborados pelos próprios alunos, sob a orientação do professor da disciplina competente;

Dinâmicas de Grupo: Metodologia que visa ao preparo dos alunos para a vivência profissional, com estimulação do desenvolvimento da contextualização crítica, tomada de

decisões e liderança. Ativa a criatividade, iniciativa, o trabalho em equipe e a habilidade em negociação;

Práticas em Laboratórios: O curso utilizará laboratórios básicos e laboratórios aplicados ao desenvolvimento das competências e habilidades práticas de suas disciplinas. Esses laboratórios serão montados de forma a possibilitar um ensino de alto nível e atualizado, colocando o aluno em contato com equipamentos regularmente utilizados na realidade profissional. Dessa forma, o aluno, ao se formar, poderá aplicar, em sua vida profissional, os conhecimentos úteis e importantes adquiridos nas aulas práticas;

Visitas Técnicas: Realização de visitas a empresas, órgãos e instituições visando a integrar teoria e prática, além de contribuir para o estreitamento das relações entre instituição de ensino e as esferas sociais relacionadas a área do curso, estabelecendo, dessa forma, uma visão sistêmica, estratégica e suas aplicações na área do curso;

Estudo de Casos: Atividade de aplicação dos conteúdos teóricos, a partir de situações práticas, visando ao desenvolvimento da habilidade técnica, humana e conceitual, além da possibilidade de avaliar resultados obtidos;

Projetos Culturais: Projetos desenvolvidos pelos alunos, em prol da sociedade regional a serem desenvolvidos durante a implantação do curso, pelo coordenador, em conjunto com as demais turmas da escola e instituições correlatas;

Aulas Expositivas: Método tradicional de exposição de conteúdos, porém com a utilização de recursos tecnológicos que auxilia no processo de ensino e aprendizagem, tais como: audiovisuais, tais como, data-show, TV, Internet e vídeo.

Assim, o conhecimento possibilita ao estudante articular sua formação com o exercício do magistério, observando e conhecendo as possibilidades de pesquisa não somente mergulhado nos documentos e numa formação de pesquisador dissociada do papel de educador, mais, sim, transpondo as barreiras da universidade, produzindo conhecimento nas escolas, nas comunidades, em espaços de educação formal e não formal, construindo novos saberes e reinterpretando espaços a partir do conhecimento construído, usando como meio facilitador os instrumentos oferecidos na sua formação inicial e continuada através das experiências constituídas com apoio dos docentes.

Enfim, ao falarmos das metodologias lembra-nos que “os métodos de ensino estão (...) associados a processos complexos, que envolvem cuidados na seleção dos conteúdos” (BITTENCOURT, 2004, p. 242) estando todos interligados com o processo de

problematização e avaliação, já que não existem metodologias prontas e acabadas para os conteúdos específicos do curso de formação de professores.

IX – Conteúdos e Matriz Curricular

O Projeto Pedagógico do Curso História Licenciatura da UFAL preocupa-se com as atuais vigências historiográficas contemporâneas e as mudanças na historiografia brasileira. Consideramos que a organização de toda esta urdidura teórico-metodológica foi contemplada na organização curricular. As disciplinas chamadas de ‘conhecimento histórico das sociedades ocidentais’ foram denominadas de História Moderna e História Contemporânea, segundo a concepção do historiador em trabalhar as mudanças da modernidade surgidas no século XIX até a atualidade.

O conceito de pós-modernidade foi suprimido por não se inserir nas necessidades do conhecimento histórico. A ciência política pode utilizar o conceito e seu trânsito específico nas ciências humanas. Porém, o historiador, impelido pela própria noção temporal, teria seu escopo de trabalho um pouco espinhoso ao lidar com tal conceito e seu arcabouço de análise.

Também, a história do Brasil foi contemplada de maneira a lidar com as necessidades e trabalhos da historiografia brasileira: a história do Brasil I - a América Portuguesa - oportuniza esta possibilidade, e as outras disciplinas da História do Brasil foram organizadas na temporalidade permitida pela matriz curricular do curso, onde História do Brasil República I e II contemplam a história mais presente de nosso país.

Dentro desta possibilidade a República II termina justamente no governo mais recente que podemos permitir ao historiador realizar suas pesquisas históricas.

As disciplinas de formação geral do professor-educador que dizem respeito às necessidades de outros cursos, foram contempladas nos dois primeiros períodos para ter uma interação das possibilidades de interdisciplinaridade. Privilegiamos aquelas que são formadoras do comportamento acadêmico, das necessidades conceituais e que são necessárias aos cursos de ciências humanas. Também, as disciplinas de licenciatura, que encontram-se discriminadas no quadro a seguir foram contempladas em períodos justapostos às necessidades dos cursos de licenciatura. Foram garantidas as disciplinas de formação do licenciando e as potencialidades de exercer sua profissão com competência no ensino básico, oportunizando os lugares de mudança educacional.

As disciplinas obrigatórias e eletivas foram dispostas segundo as necessidades do curso, das mudanças historiográficas e das necessidades urgentes em implementar políticas de ações afirmativas dentro do currículo acadêmico. Disciplinas como História da Cultura Afro-brasileira e História Indígena são contempladas segundo estas diretrizes, oferecendo a capacitação e as habilidades necessárias ao profissional que iremos formar.

As chamadas disciplinas de práticas pedagógicas foram ofertadas ao longo do curso desde o primeiro período com orientação das disciplinas que serão norteadoras de atividades pedagógicas. Segundo a Legislação que orienta o Ensino Superior no país, especificamente a Resolução do CNE/CP nº 1 para as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação de professores de Educação Básica em nível Superior, curso de licenciatura, de graduação, diz que:

A presença da prática profissional na formação do professor, que não prescinde da observação e ação direta, poderá ser enriquecida com tecnologias da informação, incluídos o computador e o vídeo, narrativas orais e escritas de professores, produções de alunos, situações simuladoras e estudos de caso. (CNE/CP nº 1, 2002)

Buscamos nesses termos orientar as atividades de práticas pedagógicas, segundo as possibilidades de competência técnica do curso, nas disciplinas de Prática de Ensino de História e Estágio Supervisionado, com a formação de trabalhos historiográficos, monografias, orientação de leituras e outros que possibilitem aos graduandos aprimorarem as habilidades e competências propostas em nosso Projeto Pedagógico de Curso.

Não obstante, não haverá na funcionalidade do curso de História exigência de pré-requisitos para que o acadêmico possa caminhar livremente no curso e construir com autonomia seu processo de formação, aperfeiçoamento e desenvolvimento profissional. Partindo desse princípio, entendemos que “o respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceber uns aos outros” (FREIRE, 1996, p.66).

Por esse lado, o currículo do curso de História é flexível, deixando claro o que importa não é uma visão evolutiva, como na perspectiva positivista, tampouco uma hierarquização de disciplinas dispostas por uma seriação concatenada a certa cronologia que as desagrega e as isola das demais, mas antes criar uma matriz curricular em consonância com domínios dos conteúdos historiográficos – a partir da otimização do clima social operador de uma determinada realidade histórica e das diferentes concepções inerentes as práticas teórico-metodológicas.

Isso permitirá também a flexibilização da matriz curricular, abrindo espaço para a oferta de disciplinas que contemplem as linhas de pesquisa dos professores orientadores no sentido de promover a interdisciplinaridade e transdisciplinaridade dos conteúdos, e a ampliação das áreas de atuação profissional dos estudantes de História da UFAL com ênfase na escolha autônoma do estudante, na construção de trajetórias de aprendizagens significativas.

Notadamente, a matriz curricular do Curso de História Licenciatura – da Universidade Federal de Alagoas, através do ordenamento dos conteúdos busca, sobretudo, introduzir os princípios gerais presentes nas novas diretrizes curriculares para formação de professores: uma maior flexibilidade curricular; a ênfase na interdisciplinaridade; o exercício de integração entre teoria e prática; o predomínio da formação, de forma crítica e abrangente, sobre a informação e a mera reprodução dos saberes; o aprofundamento da formação pedagógica.

Por outro viés, nota-se que a opção por essas novas diretrizes deve ser realizada de forma a não se perder de vista as especificidades do curso e do campo de atuação do professor de História. Tais princípios podem ser alcançados, na prática dos seguintes procedimentos:

- 1) A flexibilidade curricular é evidente na adequação do número de disciplinas consideradas do eixo fundamental, aumentando o leque de possibilidades de opção e

combinação de disciplinas eletivas, sobretudo a partir do 2o semestre do curso. Tal procedimento permite que o graduando possa complementar sua formação em áreas afins e obter o perfil profissional mais adequado às suas expectativas.

2) A ênfase na interdisciplinaridade interliga-se, nesta proposta, às preocupações com uma formação mais abrangente e flexível, e pode ser encontrada tanto no rol de disciplinas eletivas como em várias disciplinas do eixo fundamental voltadas para o conhecimento em diversas áreas das ciências humanas e sociais – Sociologia, Economia, Filosofia, Geografia, Antropologia, Arqueologia, Literatura, Artes –, nas suas relações com o conhecimento histórico.

3) Para a necessária articulação entre teoria e prática, nosso currículo estabelece, em primeiro lugar, a conformidade às exigências para as Instituições Federais de Ensino Superior para a formação de professores, incluindo um rol significativo de disciplinas voltadas às questões pedagógicas e o Estágio Supervisionado como lócus privilegiado de ensino e pesquisa. Além disso, todas as disciplinas (tanto as do eixo fundamental quanto as eletivas) são compostas por parte teórica e prática, tal como discriminado adiante neste documento.

A presença de disciplinas instrumentais na estrutura composta pelos chamados “Projetos Integradores” constitui uma forma fundamental de se estabelecer a relação entre a teoria e a prática, pois se dedicam ao aprofundamento de algumas metodologias e técnicas específicas da prática do historiador em sala de aula na educação básica.

Nesse novo quadro mais dinâmico do Curso, as atividades ligadas à extensão também ganham relevo, considerando-se a necessidade de uma formação voltada para as questões mais agudas da sociedade contemporânea, e que dizem respeito diretamente ao profissional de História, como a defesa da cidadania, da redução das desigualdades sociais e da extinção dos preconceitos de classe, gênero e etnia.

O objetivo principal, aqui, é o de viabilizar uma relação transformadora entre Universidade e sociedade, através do incentivo a cursos e outras atividades de extensão vinculadas à História, delineadas, a princípio, em torno de duas linhas de ação: a) ações de caráter social e de resgate da cidadania, visando a comunidade do entorno da UFAL, no bairro do Tabuleiro do Martins; b) ações voltadas à redução das desigualdades e preconceitos contra afrodescendentes, levadas à frente, sobretudo, por um ativo núcleo de estudos vinculado ao curso, denominado NEAB (Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros).

X- Estágio Supervisionado em História

As atividades de Prática de Ensino de História e Estágio Supervisionado totalizando 400 horas específicas, conforme exigência da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e Orientações Curriculares para a formação de professores para a educação básica, em seu Artigo Primeiro entende que:

O Estágio é ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam frequentando o ensino regular em instituições de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos (BRASIL, Lei nº 11.788/2008).

Por seu turno, prática pedagógica como componente curricular (PPC) se configura no interior de cada disciplina da matriz curricular do curso de História desta universidade, mas, também, tem lugar assegurado nas disciplinas específicas de Prática de Ensino de História e Estágio Supervisionado I, II, III e IV, sendo cada uma dessas disciplinas compostas por carga horária específica de 100 horas ofertadas a partir do quinto período do curso.

Notadamente, a Prática de Ensino de História e Estágio Supervisionado como componente curricular é uma disciplina inerente ao ensino na educação básica e/ou

superior, integrando, decerto, o processo formativo que envolve aprendizagens significativas, desenvolvimento de habilidades e aprimoramento de competências no que tange ser professor e o fazer-se professor na prática. Nesse aspecto, possibilita-se aos graduandos a oportunidade de experienciarem no transcorrer de sua formação superior, o desenvolvimento de competências e habilidades necessárias ao saber e fazer docente, possibilitando-lhes, ainda, situações didáticas que os direcionem a reflexão- ação-reflexão.

Assim, a prática pedagógica se configura em um componente curricular obrigatório com duração necessária para a integralização das atividades acadêmicas próprias da formação em História Licenciatura consiste, também, no momento em que se busca constatar e produzir na prática o que a teoria procurou conceituar, significar e com isso administrar o campo e o sentido do fazer pedagógico na prática cotidiana no ambiente escolar.

A prática pedagógica como componente curricular por sua vez, assegura ao acadêmico a oportunidade de vivenciar situações concretas do fazer docente na sala de aula da educação básica viabilizando os conhecimentos teóricos e práticos por meio de processos próprios de ação e intervenção.

O Parecer 009/2001 CNE/CP é claro em suas proposições quanto ao conhecimento oriundo da experiência do sujeito em formação, ou seja, aquele que foi formado “na” e “pela” experiência escolar. Não se pode comparar o aprendizado fruto de uma atuação prática, dentro do meio profissional, percebendo e vivendo suas realidades, com aquele aprendizado advindo do ouvir, saber “sobre” tal ou qual prática. No entanto, faz-se necessária a atuação paralela do âmbito teórico como forma de enriquecer o resultado da atividade prática-experiencial, pois com uma reflexão embasada do que está sendo feito, será possível observar e registrar acerca da experiência, destacar suas nuances, interpretá-la e/ou compreendê-la.

Com base na Resolução 13/2002 CNE/CES, o estágio supervisionado, em sua configuração, é fruto de ação conjunta entre a Universidade Federal de Alagoas – UFAL e as escolas do sistema de educação básica, com o escopo de propiciar aos estudantes do Curso de História o contato com o contexto de sua futura profissão, com o acompanhamento do professor mediador da disciplina da escola de formação, bem como com o apoio da escola/campo de estágio que está frequentando.

Quanto à carga horária do Estágio Supervisionado, com fulcro na Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008; na Resolução 2/2002 CNE/CP em seu Art. 1o, Inciso II e

Parágrafo Único, e na Resolução N^o71/2006 que regulamenta o Estágio Supervisionado da UFAL.

a) contará com 400 (quatrocentas) horas a partir do início da segunda metade do curso;

b) permitirá aos alunos que exerçam atividade docente regular na educação básica a redução de carga horária desse estágio supervisionado, até o máximo de 200 (duzentas) horas;

c) observando a carga horária exigida, bem como a distribuição desse estágio durante os semestres do curso, terá início no 5o (quinto) semestre, estendendo-se pelos seguintes.

Para a execução da Disciplina Prática de Ensino e Estágio Supervisionado, deve-se considerar o seguinte processo:

a) na disciplina de Ensino de História e Estágio Supervisionado I, os estudantes terão a oportunidade de compreender o espaço escolar a partir de referenciais teóricos que estudam o ambiente escolar e seus conflitos. Paralelamente, os estudantes farão quarenta horas de observação *in loco* nas escolas e trarão os resultados para sala de aula na universidade para posterior análise, debate e reflexão;

b) Na disciplina de Ensino de História e Estágio Supervisionado II, os estudantes farão parte do estágio supervisionado na sala de aula na universidade e na escola, tendo acesso a uma bibliografia especializada acerca de procedimentos metodológicos para uma bem sucedida aula de história. Nesses encontros aprenderão que tratamento dar as múltiplas linguagens que norteiam o ensino de história na educação básica; que recursos materiais e didáticos serão necessários para implementar uma proposta de trabalho exequível na sala de aula das escolas de educação básica;

c) Na disciplina de Ensino de História e Estágio Supervisionado III, os estudantes farão parte do estágio supervisionado na sala de aula na universidade e parte nas escolas, no que tange ao ambiente universitário o estudante terá acesso a uma bibliografia sobre a importância do ensino de História à sociedade; a força política que perpassa o caráter dessa disciplina no currículo escolar e, por fim, acesso a referências bibliográficas que revelam a importância de trabalhar com projetos envolvendo temas de história no ensino fundamental e médio. Nesse mesmo percurso, os estudantes terão a oportunidade de partilharem as experiências, elaborar propostas de trabalho de intervenção nas escolas. Nestas, as atividades serão de cunho pedagógico: escolha de temas, adequação séries/idades das crianças, jovens e adultos; escolha das linguagens a serem utilizadas, construção de

materiais didáticos para usar nas aulas, definição de cronogramas para implementar os projetos nas escolas dentro da proposta de curso dos professores regentes. Nesse processo, portanto, a orientação não sai apenas do professor mediador da disciplina na universidade, mas também do professor regente na escola;

d) Por fim, na disciplina de Ensino de História e Estágio Supervisionado IV, os estudantes farão parte do estágio supervisionado na sala de aula na universidade e parte nas escolas, na universidade apresentarão e debaterão os resultados da proposta de trabalho desenvolvida na escola na etapa três do estágio de forma coletiva; produzirão textos, artigos e sínteses acadêmicas acerca da experiência até então vivenciada no espaço escolar. E, como trabalho final das disciplinas, farão um memorial descritivo e analítico acerca de sua trajetória no curso de história e sua perspectiva de inserção na sala de aula da educação básica na condição de professor-pesquisador.

XI- Trabalho de Conclusão de Curso: TCC

Finalmente, o TCC – Trabalho de Conclusão de Curso – de caráter monográfico e obrigatório a todos os estudantes – deve ser considerado como a realização final de todo o processo de interação entre a teoria e a prática no decorrer do curso. O predomínio da formação sobre a informação, entendido como a capacidade de lidar com a construção do conhecimento de uma maneira crítica, deve ser a orientação dominante nas estratégias de ensino do corpo docente, capaz de superar a ideia do conhecimento como algo dado, pronto e acabado e direcionar os esforços na formação de profissionais dotados de espírito crítico, capazes de perceber e desenvolver suas tarefas tendo sempre em vista: a) a historicidade da própria História; b) a necessidade de trabalhar associando teoria, método e manejo de dados empíricos; c) a construção da memória; d) a comparação entre as sociedades e os períodos históricos e, por fim, o compromisso com um ensino de histórica crítica e significativo na educação básica, campo de trabalho inerente ao professor-pesquisador de história.

De interesse para uma melhor formação do conhecimento é o incentivo à pesquisa pois, como já dissemos, é por meio de pesquisa que são elaboradas as novas teorias. Incentivar a pesquisa organizada é trabalhar em favor do saber, da reflexão, do pensar sobre o que está sendo feito. Eis o lugar em que dentro do Projeto Pedagógico do Curso de História situa-se o Trabalho de Conclusão de Curso – TCC.

Nesse sentido, é primordial que seja dado lugar ao processo de investigação, pois este aumenta o leque de conhecimentos do aluno, fornecendo-lhe acesso aos instrumentos desse objeto. Possibilitar a vivência da pesquisa a quem está em formação e lhe mostrar os caminhos de produção e de divulgação do saber, é apresentar-lhe a luz do processo que concede os resultados e o fazer ver a relatividade das certezas.

Para poder conduzir bem esse processo mutável e fomentador de adequação, faz-se necessário que o docente possua uma base de conhecimentos que o possibilite desenvolver

as modificações demandadas. Para que consiga melhor pôr em prática essas articulações, é imperioso que o professor tenha domínio do processo por que passa a produção de conhecimentos, pois, sabendo em que realidades são desenvolvidos e quais os métodos adotados, maior autonomia ele terá, um melhor domínio das ideias, não sendo apenas um repetidor de informações.

Assim, esta etapa da formação do ofício do historiador tem como parâmetro:

a) que a formação de profissionais observa princípios norteadores para o exercício específico de seu campo de atuação; dentre eles, ter a pesquisa como norteadora do processo de construção do conhecimento, uma vez que a compreensão do mundo requer tanto dispor de conhecimentos e competência para utilizá-los em direção à ação histórica, como compreender o processo de construção do conhecimento;

b) dentro do currículo, além da exigência do ensino presencial, serão ofertadas atividades de natureza científico-cultural-acadêmica, integrando e aprimorando o processo de formação do professor-historiador: seminários, apresentações, exposições, participação em eventos científicos, estudo de casos, visitas, atuações de natureza científica, técnica, cultural e comunitária como formas de integração do aluno ao processo formativo;

c) o Trabalho de Conclusão de Curso – TCC assume a seguinte conformação:

* O TCC não se constitui como disciplina, não tendo, portanto, carga horária fixa semanal; sua carga horária total, porém, será de 200 horas (duzentas), computadas com vistas à integralização da carga horária do Curso;

* A matrícula no TCC dar-se-á automaticamente, a partir do sétimo período, sendo este período tido como o início de sua elaboração, não tendo número limitado de vagas, nem sendo necessária a realização de matrícula específica no Sistema Acadêmico;

* O TCC deverá ser elaborado em caráter individual, podendo ser estimulado o trabalho colaborativo, na medida da aproximação entre os temas de pesquisa;

* O processo de orientação do TCC deve ser feito por professores do curso de História e, de acordo com as especificidades de cada pesquisa, professores dos demais cursos e Unidades Acadêmicas desta Universidade poderão ser eventualmente convidados para atuar como co-orientadores;

* A elaboração e julgamento de cada TCC seguirá a regulamentação aprovada pelo colegiado do curso em novembro de 2010, anexada a este PPC.

* Caso o aluno não consiga entregar o TCC até o final do semestre letivo em que cumprir todas as outras exigências da matriz curricular, deverá realizar matrícula-vínculo no início

de cada semestre letivo subsequente, até a entrega do TCC ou, se for o caso, quando atingir o prazo máximo para a integralização da grade curricular; caso contrário, sofrerá a pena de desligamento do curso.

Mediante a exigência do TCC dentro dos moldes da pesquisa acadêmica, seria este um incentivo aos estudantes de História desse curso uma motivação ao ingresso no curso de Pós-graduação em História nesta mesma universidade ou em outras. Para tanto, o Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) foi criado em 2012, sendo um dos mais recentes do país. O mesmo propõe abranger os debates teóricos, metodológicos e temáticos que cotejam as categorias conceituais de sua área de concentração: Poder, Cultura e Sociedade. Esta opção justifica-se, prioritariamente, pelo propósito de aglutinar em torno de um eixo dialogante, os diferentes perfis dos professores/pesquisadores – e suas diversificadas produções intelectuais – que compõem o corpo do curso.

O presente programa *stricto sensu* em História busca pensar o fazer historiográfico de uma maneira ampla, não só no âmbito regional – entendido como o espaço privilegiado para a compreensão da cultura, poder e sociedade alagoana – como na diversidade de contornos de espaços (Brasil, América, África, Ensino de História, entre outros); e temporalidades (medieval, modernidade e contemporaneidade). Logo, as categorias conceituais Poder, Cultura e Sociedade configuram-se como elementos semânticos fundamentais para a interpretação e análise das conjunturas e contextos históricos.

Assim, a afirmação mais contundente seria dizer que se busca criar um curso empenhado em discussões acadêmicas sobre as relações de poder, as práticas culturais e a sociabilidade em sentido mais amplo, oportunizando as propostas de elaboração ação-reflexão-ação. Área de concentração: Poder, Cultura e Sociedade; Linhas de Pesquisa: 1) Estado, Relações de Poder e Movimentos Sociais; 2) Cultura, Representações e Historiografia.

O programa de pós-graduação consta com quatorze docentes permanentes e dois colaboradores distribuídos entre as duas linhas de pesquisa. Os docentes possuem doutorado em História, Letras e Ciência da Informação e prezam pela articulação entre graduação e pós-graduação através dos Grupos e Laboratórios de pesquisa, bem como dos programas de PIBIC, Iniciação Científica, PIBIP-Ação e *Odé-Ayé*.

XII – Conteúdos curriculares

a) Disciplinas do Eixo Fundamental

EIXO FUNDAMENTAL	DISCIPLINAS
Formação docente	Organização do Trabalho Acadêmico - Filosofia Profissão Docente - CEDU Política e Organização da Educação Básica no Brasil - CEDU Desenvolvimento e Aprendizagem - CEDU Planejamento, Currículo e Avaliação da Aprendizagem - CEDU Projeto Pedagógico, Organização e Gestão do Trabalho Escolar - CEDU Pesquisa Educacional Libras – FALE
Teorias, Métodos da História e Ferramentas da História	Introdução aos Estudos Históricos Historiografia Geral Historiografia Brasileira Teoria da História Métodos da História Técnicas de Pesquisa História Arquivos e Museus Seminário de Trabalho Acadêmico
História Geral	História Antiga História Medieval História Moderna História Contemporânea 1 História Contemporânea 2 História da América 1 História da América 2 História Indígena História da África 1 História da África 2
História do Brasil e Regional	História do Brasil 1 História do Brasil 2 História do Brasil 3 História do Brasil 4 História de Alagoas 1 História de Alagoas 2
Disciplinas Instrumentais	Antropologia Cultural - ICS Teoria Sociológica–ICS Projetos Integradores 1: Fontes Manuscritas e

Projetos Integradores	Fontes Impressas Projetos Integradores 2: Fontes Iconográficas e Fontes Fotográficas Projetos Integradores 3: Fontes Orais Projetos Integradores 4: Fontes Áudio-visuais Projetos Integradores 5: Fontes Digitais
------------------------------	---

b) Disciplinas do Eixo Optativo:

História das Artes 1
 História das Artes 2
 História do Nordeste
 História Econômica
 Paleografia
 Tópicos Especiais em Cultura Afro-Brasileira
 Tópicos Especiais em Ensino de História
 Tópicos Especiais em História Antiga 1
 Tópicos Especiais em História Contemporânea 1
 Tópicos Especiais em História Contemporânea 2
 Tópicos Especiais em História Contemporânea 3
 Tópicos Especiais em História Contemporânea 4
 Tópicos Especiais em História Cultural
 Tópicos Especiais em História da África 1
 Tópicos Especiais em História de Alagoas 1
 Tópicos Especiais em História de Alagoas 2
 Tópicos Especiais em História do Brasil 1
 Tópicos Especiais em História do Brasil 2
 Tópicos Especiais em História do Brasil 3
 Tópicos Especiais em História do Brasil 4
 Tópicos Especiais em História do Trabalho e dos Trabalhadores
 Tópicos Especiais em História Indígena 1
 Tópicos Especiais em História Medieval 1
 Tópicos Especiais em História Moderna 1
 Tópicos em América Latina 1
 Tópicos em América Latina 2
 Tópicos Especiais em Patrimônio Histórico-Cultural
 Tópicos Especiais em Teoria e Metodologia em História

XIII – Ementas e Bibliografia das Disciplinas Ofertadas

Antropologia Cultural – 30h

Ementa: A formação do pensamento antropológico. Objeto, método e técnicas da Antropologia. Análise do processo de humanização e das teorias sobre a origem e desenvolvimento da cultura. Sistemas de representação da sociedade brasileira.

Bibliografia Básica:

MALINOWSKI, Bronislaw. *Crime e Costume na Sociedade Selvagem* Brasília: Editora da UnB, 2003.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *O Pensamento Selvagem*. São Paulo: Companhia Ed. Nacional, 1976.

SAHLINS, Marshall. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

Bibliografia Complementar:

DA MATTA, Roberto. *Relativizando: uma introdução a Antropologia Social*. Rio de Janeiro, Ed. RECORD, 1987.

EVANS-PRITCHARD, E.E. *Os Nuer*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a Dádiva. *Sociologia e Antropologia*. Rio de Janeiro: Cosac & Naify, 2004.

MERCIER, Paul. *História da Antropologia*. Lisboa: Teorema, 1986.

Arquivos e Museus – 67 h

Ementa: introduzir o aluno no ambiente de estudos e pesquisas em instituições arquivísticas e museológicas, constituindo um espaço de reflexão crítica sobre o patrimônio histórico-cultural e sua constituição a partir da pesquisa concreta em acervos. Quer-se nesta disciplina propiciar ao discente uma aproximação à realidade na qual irá atuar, permitindo ao mesmo tempo uma iniciação e uma reflexão sobre os procedimentos metodológicos e as técnicas básicas da pesquisa em História.

Bibliografia básica:

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. *Arquivos permanentes: tratamento documental*. 4 ed. Rio de Janeiro: ED. FGV, 2007.

COMISSÃO do Patrimônio Cultural/ USP. *Guia de museus brasileiros*. São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial do Estado, 2000 (Col. "Uspiana - Brasil 500 Anos").

SUANO, Marlene. *O que é museu*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1991 (Col. "Primeiros Passos", vol. 182).

Bibliografia Complementar:

DICIONÁRIO BRASILEIRO DE TERMINOLOGIA ARQUIVÍSTICA. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005. (Publicações técnicas, nº 51).

LEMOS, Carlos. *O que é patrimônio histórico*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

MOREIRA, Isabel M. Martins. *Iniciação à museologia: caderno de apoio*. Lisboa: Universidade Aberta, 1994.

SCHELLENBERG, Theodore R. *Arquivos modernos: princípios e técnicas*. 5 ed. Tradução de Nilza Teixeira Soares - Rio de Janeiro: ED. FGV, 2005.

SILVA, Zélia Lopes da (org.). *Arquivos, patrimônio e Memória – trajetórias e perspectivas*. São Paulo: EDUNESP/FAPESP, 1999.

Legislação:

LEI Nº 2.428, de 30 de dezembro de 1961. (Dispõe sobre a criação do Arquivo Público de Alagoas)

LEI Nº 8.159, de 8 de janeiro de 1991. (Dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados e dá outras providências)

LEI Nº 6236, de 6 de junho de 2001. (Institui o Sistema de Arquivos do Estado de Alagoas)

Desenvolvimento e Aprendizagem – 67 h

Ementa: Estudo dos Processos Psicológicos do Desenvolvimento Humano na Infância, na Adolescência e na fase adulta, segundo as teorias da psicologia do desenvolvimento e da educação, em articulação com as concepções de aprendizagem.

Bibliografia básica:

COLL, C. *Desenvolvimento Psicológico e Educação*. Porto Alegre Ed. Artes Médicas, 1996.

FLAVEL. F. *A Psicologia do Desenvolvimento de Jean Piaget*. S. Paulo, Ed. Pioneira, 1992.

FERRARI, C. A. . *O Fim do Silêncio Na Violência Familiar: Teoria e Prática*. S. Paulo Ed. Agora, 2002.

Bibliografia complementar:

CADERNOS CEDES. *O professor e o ensino - novos olhares*. Campinas: Cedes, 1998.

CAPRA, F. *O ponto de Mutação*. São Paulo: Ed. Cultrix, 1982.

COLL, C. e outros. *O construtivismo na sala de aula*. São Paulo: Ática, 1996.

FREIRE, P. *Ação Cultural para a Liberdade*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1978.

VYGOTSKY, L.S.; LURIA, A.R. e LEONTIEV, A.N. *Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem*. São Paulo: Ícone, 1989.

Estágio Supervisionado I – 100h

Ementa: Esta etapa do curso de história subsidiará os discentes no que tange ao campo teórico e prático face ao exercício da docência na educação básica, por meio da observação e análise crítica das práticas viabilizadas pelos professores em regência de classes, levando-os à construção de um projeto de ensino e aprendizagem que contemple a análise

diagnóstica da instituição, a metodologia de ensino utilizada pelo professor regente, os objetos de discussão e as linguagens utilizadas nas aulas de história. Nesse sentido, os discentes em situação de estagiários deverão elaborar uma proposta de intervenção na realidade até então observada.

Bibliografia Básica:

- ANTUNES, Celso. *Professores e Professores*: reflexões sobre a aula e práticas pedagógicas. 6ª. Ed., Petrópolis, RJ, vozes, 2012.
 BARBOSA, Raquel L. L. (Org.) *Formação de educadores*. Desafios e perspectivas. São Paulo: UNESP, 2003.
 PIMENTA, Selma Garrido & LIMA, Maria do Socorro L. *Estágio e Docência*. 7ª Ed., São Paulo, Cortez, 2012.

Bibliografia Complementar:

- ABUD, Kátia Maria; SILVA, André Chaves de Melo e ALVES, Ronaldo Cardoso. *Ensino de História*. São Paulo, Cengage Learning, 2010.
 ABREU, Martha & SOIHET, Rachel (Orgs.). *Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologia*. 2ª. Ed., Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2009.
 _____ & GONTIJO, Rebeca (Orgs.). *Cultura Política e leitura do passado: historiografia e ensino de história*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2007.
 MONTEIRO, Ana Maria. *Professores de História: entre saberes e práticas*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
 SCHMIDT, M. A. & CAINELLI, Marlene. *Ensinar História*. São Paulo, Scipione, 2009.

Estágio Supervisionado II – 100h

Ementa: Esta etapa do curso subsidiará os estudantes no que tange aos princípios básicos, componentes e problemas do planejamento no ensino de história em todas as séries/anos da educação básica. Dessa forma, procedimentos de ensino e aprendizagem deverão ser mobilizados no sentido de viabilizar práticas de atividades nos momentos de estágio nas unidades escolares e em outros lugares de aprendizagens não formais: Museus, Centros de Documentação e Memória, Arquivos Públicos e Particulares, Acervos de Bibliotecas Públicas e Logradouros. Busca-se também o aprofundamento teórico e metodológico dos aspectos didático-pedagógicos no ensino de História, avaliando-se os materiais didáticos utilizados pelos docentes em regência, no caso, os livros didáticos ou apostilas, bem como o espaço escolar em sua dimensão.

Bibliografia Básica :

- ALMEIDA, Maria Elizabeth B. de. Desafios à Educação: o trabalho com projetos. In: *Educação, Projetos, Tecnologias e Conhecimentos*. São Paulo, PROEM, 2001, pp.47-63.
 BITTENCOURT, C. F. (Org.). *O saber histórico na sala de aula*. 12ª ed., São Paulo, Contexto, 2012.
 KARNAL, Leandro. (Org.). *História na sala de aula*. Conceitos, práticas e propostas. 6ª Ed., 1ª Reimpressão, São Paulo, Contexto, 2010.

Bibliografia Complementar:

- ABUD, Kátia Maria; SILVA, André Chaves de Melo e ALVES, Ronaldo Cardoso. *Ensino de História*. São Paulo, Cengage Learning, 2010.

ABREU, Martha & SOIHET, Rachel (Orgs.). *Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologia*. 2ª. Ed., Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2009.

_____ & GONTIJO, Rebeca (Orgs.). *Cultura Política e leitura do passado: historiografia e ensino de história*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2007.

MONTEIRO, Ana Maria. *Professores de História: entre saberes e práticas*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

SCHMIDT, M. A. & CAINELLI, Marlene. *Ensinar História*. São Paulo, Scipione, 2009.

Estágio Supervisionado III – 100h

Ementa: Este momento do curso subsidiará os estudantes no campo teórico e prático para o exercício da docência e da pesquisa, levando-os à elaboração de metodologias e procedimentos de trabalho no sentido de viabilizar propostas pedagógicas já criadas e/ou em construção pelos discentes em situação de estagiários nas unidades escolares da educação básica. Em face disso, os discentes serão motivados a construir projetos didático-pedagógicos de ensino de história, levando-se em consideração a construção, a seleção e o uso de linguagens diferenciadas que possam viabilizar a análise e reflexão dos objetos e fatos históricos a serem apresentados aos estudantes da educação básica.

Bibliografia Básica:

ANDRÉ, Marli. *Pesquisa, formação e prática docente*. In: O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores. Campinas, SP, Papirus, 2001.

CHARLOT, Bernard. *Da relação com o saber as práticas educativas*. 1ª. Ed., São Paulo, Cortez, 2013.

FONSECA, S. G. *Longe da escola, na escola: vozes da universidade e da indústria cultural*. In: Caminhos da História ensinada. 3ª Ed., Campinas, SP, Papirus, 1995.

Bibliografia Complementar:

ABREU, Martha & SOIHET, Rachel (Orgs.). *Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologia*. 2ª. Ed., Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2009.

_____ & GONTIJO, Rebeca (Orgs.). *Cultura Política e leitura do passado: historiografia e ensino de história*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2007.

DAVIES, N. (Org.). *Para além dos conteúdos no ensino de história*. Rio de Janeiro, Access, 2001.

FONSECA, S. G. *Caminhos da História ensinada*. 3ª. Ed., Campinas, SP, Papirus, 1995.

MONTEIRO, Ana Maria. *Professores de História: entre saberes e práticas*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

Estágio Supervisionado IV – 100h

Ementa: Esta etapa do curso subsidiará os estudantes nos campos da teoria e da prática do ensino de história, levando-os a refletirem acerca da profissão docente no âmbito da educação básica, promovendo a inserção direta destes estagiários no conjunto das atividades realizadas no âmbito escolar e fora deste. Em face disso, abre-se a perspectiva de sistematização das informações obtidas ao longo das quatro etapas do estágio, construindo-se um Memorial da trajetória de formação de cada discente, sendo este

observado como produto parcial da formação inicial do licenciando em História da UFAL. Com isso, informações existentes nesse Memorial deverão ser socializadas posteriormente no espaço da universidade com os demais integrantes da turma no sentido de promover uma das etapas da avaliação formativa de cada discente. Neste momento, eles terão a oportunidade de tecerem considerações acerca dos avanços alcançados ao longo do seu curso de Licenciatura em História.

Bibliografia Básica:

CHARLOT, Bernard. *A mistificação pedagógica. Realidades sociais e processos ideológicos na teoria da educação*. Ed. Revisada e ampliada, São Paulo, Cortez, 2013.
 HORN, Geraldo Balduino & GERMINARI, Geysa D. *O ensino de história e seu currículo: teoria e método*. 3ª. Ed., Petrópolis, RJ, 2010.
 PROENÇA, Maria Cândida. *Ensinar/Aprender História*. Lisboa, Horizonte, 1992.

Bibliografia Complementar:

ABUD, Kátia Maria; SILVA, André Chaves de Melo e ALVES, Ronaldo Cardoso. *Ensino de História*. São Paulo, Cengage Learning, 2010.
 ABREU, Martha & GONTIJO, Rebeca (Orgs.). *Cultura Política e leitura do passado: historiografia e ensino de história*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2007.
 ANDRÉ, Marli. *O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores*. Campinas, SP, Papyrus, 2001.
 DAVIES, N. (Org.). *Para além dos conteúdos no ensino de história*. Rio de Janeiro, Access, 2001.
 SCHMIDT, M. A. & CAINELLI, Marlene. *Ensinar História*. São Paulo, Scipione, 2009.

História Antiga – 60h

Ementa: A disciplina procura abordar o mundo Antigo por um viés historiográfico que leva em conta os pontos de contato entre os povos que viveram em torno do Mediterrâneo, isto implica pensar não em unidades e sequencias, mas sim, em espaço geográfico. Colocar-se-á em discussão questões centrais para a historiografia contemporânea: podemos pensar o Mediterrâneo como um meio, ou um espaço de uma integração histórica concreta? De que modo se deram os processos de integração humana na bacia do Mediterrâneo? Como pensar a integração humana na bacia do Mediterrâneo? O fio condutor do trabalho será, nesse sentido, a análise do processo que levou a uma crescente articulação das fronteiras internas das várias sociedades mediterrânicas (identidades, controle da terra etc.) com aquelas externas. Esse processo de integração, sem dúvida alguma, não apenas encurtou distâncias entre regiões cada vez mais ampla, mas também produziu, na longa duração, sistemas cada vez mais complexos e sofisticados de identidade e alteridade.

Bibliografia Básica

GUARINELLO, Norberto Luiz. *História Antiga*. São Paulo: Editora Contexto, 2013.
 BROWN, Peter. *A ascensão do cristianismo no Ocidente*. Lisboa: Presença, 1999.
 VEYNE, Paul. *O Império Grego-Romano*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

Bibliografia complementar:

ARAÚJO, Emanuel. *Escrito para a eternidade a literatura no Egito faraônico*. Brasília: Editora UNB, 2000.

ARAÚJO, Sônia Regina Rebelo, ROSA, Claudia Beltão, JOLY, Fábio Duarte (org.). *Intelectuais, poder e política na Roma antiga*. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2010.

GIARDINA, Andrea. *O homem Romano*. Lisboa: Editora Presença, 1992.

VIDAL-NAQUET, Pierre. *Os gregos, os historiadores, a democracia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

REDE, Marcelo. *Família e Patrimônio na Antiga Mesopotâmia*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

História Contemporânea 1 – 60h

Ementa: A Revolução Industrial e o nascimento da cultura moderna: os processos do desencantamento em Weber e em Karl Marx. A modernidade como sistema social e cultural e o ‘pathos’ burguês identificados na estrutura moderna. O comportamento moderno, a literatura e a arte moderna e a ideologia capitalista. A concretização do sistema capitalista enquanto projeto da modernização política e econômica pela expansão de mercados e pela dinâmica da economia de mercado liberal. A defesa do individualismo moderno e do pensamento liberal. As ideologias Oitocentistas na Europa e a fundamentação do capitalismo como sistema. A África como o segundo colonialismo do sistema econômico, advindo da crise econômica de 1873-96. Imperialismo e colonialismo: relações práticas da modernização do capital. As dinâmicas do imperialismo moderno e suas relações coloniais. Os partidos políticos e os movimentos sociais. A ideologia socialista e a organização da classe trabalhadora durante o século XIX. Também nesta disciplina continuaremos a discussão sobre o alcance dos Direitos Humanos assegurado no Estado Democrático e as mudanças afetivas para as classes sociais. Além disso outra discussão presente nesta disciplina e que continuará para o subsequente será a mudança real e efetiva trazida pelo sistema capitalista e o meio ambiente, incluindo as discussões sobre conflitos de terra, patrimônio ambiental e mudanças climáticas.

Bibliografia básica:

CRESPIGNY, Anthony de, CRONIM, Jeremy (eds.). *Ideologias políticas*. Tradução: Sérgio Duarte. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

HOBBSBAWM, Eric. *A Era do Capital*. Tradução: Luciano Costa Neto. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

HOBBSBAWM, Eric J. *Mundos do Trabalho: novos estudos sobre história operária*. Tradução: Waldea Barcellos e Sandra Bedran. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

Bibliografia complementar:

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Tradução: Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Glaucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

LANDES, David S. *Prometeu desacorrentado: transformação tecnológica e desenvolvimento industrial na Europa ocidental, desde 1750 até a nossa época*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

REMOND, René. *O Século XIX*. São Paulo, ed. Cultrix, 1976.

SAID, Edward W. *Cultura e imperialismo*. Tradução: Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

TILLY, Charles. *Coerção, capital e Estados europeus*. Tradução: Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

História Contemporânea 2 – 60h

Ementa: Estudo e análise do mundo contemporâneo. Da I Guerra Mundial à crise capitalista de 1929 e a introdução da política econômica do Welfare State. A política de desenvolvimentismo para os países subdesenvolvidos pela Economia Clássica. A reorganização do Capitalismo e a Segunda Grande Guerra com o surgimento dos regimes totalitários. Análise das sociedades de massa, os efeitos dos governos totais e do extermínio em massa. A guerra Fria, o período entre guerras e a política de armamento mundial. O processo de descolonização e os movimentos de resistência amparados da ideologia marxista. A derrocada dos programas econômicos e sociais do Welfare State e a reorganização do capital pela Escola de Chicago: o receituário neoliberal. As guerrilhas e o terrorismo. A crescente pauperização mundial, o desequilíbrio ambiental e as políticas neoliberais para os países de terceiro mundo. A sociedade pós-moderna: a modernidade líquida. As artes e ciências.

Bibliografia básica:

ARRIGHI, G. *O longo século XX*. Tradução Vera Ribeiro, SP: UNESP/Contraponto, 1996.
 FRIEDEN, Jeffrey A. *O Capitalismo Global*. História econômica e política do século XX. RJ: Zahar, 2008.
 HOBBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. Tradução: Marcos Santarrita. SP: Companhia das Letras, 1995.

Bibliografia Complementar:

DARNTON, Robert e DUHAMEL, Olivier (orgs.). *Democracia*. Tradução: Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2001.
 EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. Tradução: Sandra Castello Branco. São Paulo: Editora UNESP, 2005.
 HOBBSBAWM, Eric. *Globalização, democracia e terrorismo*. Tradução: José Viegas. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
 REIS Fº, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge e ZENHA, Celeste. (orgs.) *O século XX*. RJ: Civilização Brasileira, 2000. 3 volumes.
 VISENTINI, Paulo G. F. & PEREIRA, Analúcia D. *História do Mundo Contemporâneo*. Da Pax Britânica do século XVIII ao Choque das Civilizações do século XXI. Petrópolis: Ed. Vozes, 2008.

História da África 1 – 60h

Ementa: Análise das produções historiográficas sobre as sociedades africanas, com ênfase na revisão e nas novas metodologias de pesquisa que adotam uma perspectiva endógena para a leitura da historicidade do continente. Análise das especificidades das sociedades

africanas a partir do contato com os povos europeus no século XV, com ênfase nos desdobramentos provocados pela abertura do mercado atlântico de escravos até o século XIX.

Bibliografia básica:

BIRMINGHAM, David. *Alianças e conflitos*. Os primórdios da ocupação estrangeira em Angola. 1483-1790. Luanda: Arquivo Histórico de Angola / Ministério da Cultura, 2004.
História Geral da África. vol. 1. Ed. Joseph Ki-Zerbo, UNESCO, 2010.
 LOVEJOY, Paul E. *A escravidão em África: uma história de suas transformações*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

Bibliografia complementar:

HEINTZE, Beatrix. *Angola nos séculos XVI e XVII*. Estudos sobre fontes, métodos e história. Luanda: Ed. Kilombelombe, 2007.
 M'BOKOLO, Elikia. *África Negra: História e Civilizações*. Até ao Século XVIII. Salvador: UFBA, São Paulo: Casa das Áfricas, 2009.
 MILLER, Joseph. *Poder político e parentesco*. Os antigos Estados mbundu em Angola. Luanda: Arquivo Histórico Nacional/Ministério da Cultura, s/d.
 SILVA, Alberto da Costa e. *Da manilha ao libambo*. A África e a escravidão de 1500 a 1700. Rio de Janeiro: Nova Fronteira / Fundação Biblioteca Nacional, 2002.
 THORNTON, John K. *A África e os africanos na formação do mundo atlântico*. 1400-1800. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

História da África 2 – 60 h

Ementa: Análise das questões coloniais, através das singularidades das relações de poder estabelecidas pelas metrópoles europeias e as sociedades africanas. Enfatizando os desdobramentos dos processos de dominação econômica, de desarticulação das elites políticas africanas e dos aspectos sócio-culturais do continente. Análise dos movimentos plurais de descolonização e dos posteriores arranjos de poder no contexto posterior à 2ª GM.

Bibliografia básica:

ALEXANDRE, Valentim. *Os sentidos do Império*. Questão Nacional e Questão Colonial na Crise do Antigo Regime Português. Porto: Afrontamento, 1993.
 BITTENCOURT, Marcelo. *Colonialismos, descolonizações e crises na África*.
 HOBBSAWM, Eric. *A Era dos impérios*. (1875-1914). RJ: Paz e Terra, 2009.

Bibliografia complementar:

M' BOKOLO, Elikia. *África Negra: História e Civilizações*. Do Século XIX até os dias de hoje. Salvador: UFBA, São Paulo: Casa das Áfricas, 2010.
 FAGE, J. D. *História da África*. Lisboa: Ed. 70, 1995.
 HERNANDEZ, Leila Leite. *A África na Sala de Aula: visita à história contemporânea*. São Paulo: Selo Negro, 2005.
 HOBBSAWM, Eric. *A Era dos extremos*. RJ: Paz e Terra, 2009.
 ILLIFE, John. *Os africanos*. História dum continente. Lisboa: Terramar, 1999.

História da América 1 – 60h

Ementa: O processo histórico evolutivo original que desenvolvem as Culturas Indígenas Americanas em articulação com o processo histórico dialético estabelecido a partir da descoberta, invasão, conquista e progressiva colonização europeia do Continente Americano.

Bibliografia Básica:

DUSSEL, Enrique D. *1492: o encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1992.

CARDOSO, Ciro Flamarion S. *O Trabalho na América latina Colonial*. São Paulo, editora Ática, 1980.

BETHELL, Leslie (Ed.). *História da América Latina*. São Paulo: EDUSP, 2012, Tomos I – II.

Bibliografia Complementar:

BLACKBURN, Robin. *A construção do escravismo no Novo Mundo*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

DIVINE, BREEN, FREDRICKSON, WILLIAMS, ROBERTS. *América. Passado e Presente*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1992.

KONETZKE, Richard. *América Latina. II.- La época colonial*. México: Siglo XXI Editores, 1993.

MORGAN, LEWIS H. *A sociedade primitiva*. Lisboa: Presença, 1978, Tomos I – II.

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América*. SP: Martins Fontes, 2014.

História da América 2 – 60h

Ementa: Estudo e análise do processo e independência dos países americanos. O desenvolvimento dos países americanos, da independência aos nossos dias. Características gerais da América Latina nos séculos XIX e XX: desenvolvimento e subdesenvolvimento, revolução e contra-revolução. Movimentos sociais contemporâneos.

Bibliografia Básica:

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *Formação do império americano*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

BERARDO, João Batista. *Guerrilhas e guerrilheiros no drama da América Latina*. São Paulo: Edições Populares, 1981.

BETHELL, Leslie (Ed.). *História da América Latina*. São Paulo: EDUSP, 2012, Tomos III – VIII.

Bibliografia Complementar:

GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.

GENOVESE, Eugene D. *O mundo dos senhores de escravos*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

DOWBOR, Ladislau. *A formação do Terceiro Mundo*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

FERES JR., João. *A história do conceito de “Latin América” nos Estados Unidos*. Bauru, SP.: EDUSC, 2005.

WOOD, Gordon S. *A Revolução Americana*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

História das Artes 1 – 60h

Ementa: Estudo das artes visuais no Ocidente tendo como base sua *historicidade*, permitindo a formação de uma apreciação crítica e subsídios para a utilização das diversas formas de expressão artística na pesquisa e no ensino de História. Trata do questionamento das definições tradicionais de arte e gosto estético; da análise da evolução e desenvolvimento das principais correntes das artes visuais (pintura, escultura, arquitetura) no Ocidente, em sua relação com o processo histórico; da definição dos principais conceitos utilizados na História da Arte para definir estilos, tendências, características e estruturas artísticas; da análise dos novos paradigmas criados pela Arte Moderna.

Bibliografia Básica:

GOMBRICH, E.H. *A História da Arte*. 15ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1993.

HAUSER, Arnold. *Maneirismo. A crise da Renascença e a origem da arte moderna*. São Paulo: Perspectiva/EdUSP, 1976.

KEMP, Martin. *Leonardo da Vinci*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

Bibliografia Complementar:

ARGAN, Giulio Carlo. *Arte Moderna. Do Iluminismo aos movimentos contemporâneos*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

História da Arte como História da Cidade. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

COLI, Jorge. *O que é arte*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

GOMBRICH, E.H. *A História da Arte*. 15ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1993.

MARAVALL, José Antônio. *A cultura do Barroco. Análise de uma estrutura histórica*. São Paulo: EdUSP, 1997.

História das Artes 2 – 60h

Ementa: Aprofundamento dos estudos sobre as artes visuais no Ocidente, trabalhando os nexos entre as obras de arte, suas estruturas formais, seus significados intrínsecos e as dinâmicas históricas. O belo e o grotesco na História da Arte. Os conceitos wöllflinianos na História da Arte: linear e pictórico, plano e profundidade, forma fechada e forma aberta, pluralidade e unidade, clareza e obscuridade. Signo e alegoria nas artes visuais. A iconologia de Panofsky. A história social da arte.

Bibliografia Básica:

DELUMEAU, Jean. *História do Medo no Ocidente. 1300-1800: uma cidade sitiada*. 2ª reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

PANOFSKY, Erwin. *O significado nas Artes Visuais*. Lisboa: Presença, 1989.

Estudos de iconologia. Temas humanísticos na arte do renascimento. 2ª ed. Lisboa: Estampa, 1995.

WÖLFFLIN, Heinrich. Conceitos fundamentais da História da Arte. O problema da evolução dos estilos na arte mais recente. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

Bibliografia Complementar:

ELIAS, Norbert. *A peregrinação de Watteau à Ilha do Amor*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

GLANCEY, Jonathan. *A História da Arquitetura*. São Paulo: Loyola, 2007.

HANSEN, João Adolfo. *Alegoria*. Construção e interpretação da metáfora. São Paulo/Campinas: Hedra/Unicamp, 2006.

HAUSER, Arnold. *Maneirismo*. A crise da Renascença e a origem da arte moderna. São Paulo: Perspectiva/EdUSP, 1976.

História social da arte e da literatura. 2ª ed. São Paulo: Martins Editora, 2000.

História de Alagoas 1 – 60h

Ementa: Tendo como ponto central a discussão da singularidade de Alagoas no processo de constituição da América Portuguesa, a disciplina apresenta o processo de sua formação histórica em linhas gerais, destacando as questões relacionadas à dinâmica de produção (economia) e às relações de poder intralites e entre as classes sociais, mediadas pelo Estado. Neste sentido, além da produção historiográfica, destacam-se o processo de ocupação humana (pré-cabralina, indígena e europeia); a instalação dos primeiros engenhos, a utilização da mão-de-obra escrava e as reações ao escravismo; a ocupação de parte do território por franceses e holandeses; a evolução administrativa e emancipação política de Alagoas. Assim, a disciplina apresenta também o processo de sua formação histórica no século XIX, destacando as questões relacionadas à dinâmica de produção (economia) e às relações de poder intralites e entre as classes sociais, mediadas pelo Estado. Além da produção historiográfica, as revoltas sociais ocorridas no período; a transição da mão de obra escrava para a juridicamente livre, bem como suas diversas as de arranjo do pós-1888 e o republicanismo, encerram o segundo bloco da disciplina.

Bibliografia:

DIEGUES JR., Manuel. *O Banguê nas Alagoas*. Maceió: Edufal, 2006.

LINDOSO, Dirceu. *Formação de Alagoas Boreal*. Maceió: Cataventos, 2000.

SANT'ANA, Moacir Medeiros de. *Contribuição à história do açúcar em Alagoas*. Recife: Museu do Açúcar/IAA, 1970.

Bibliografia complementar:

ACIOLI, Vera Lúcia Costa. *Jurisdição e conflitos*. Maceió/Recife: Edufal/EDUFPE, 1997.

MACIEL, Osvaldo (org.). *Pesquisando (n)a Província*. Arapiraca: Uneal, 2011.

CAETANO, Antonio Filipe Pereira (Org). *Alagoas e o Império Colonial Português: Ensaio de Poder e Administração*. Maceió: Cepal, 2010.

LINDOSO, Dirceu. *Utopia Armada*. Maceió: Edufal, 2005.

TENÓRIO, Douglas Apratto. *A metamorfose das oligarquias*. Curitiba: Hdlivros, 1997.

História de Alagoas 2 – 60h

Ementa: Estudo e análise do processo de transição da Monarquia à República e o período republicano, destacando-se: a decadência dos banguês e o surgimento das usinas e destilarias; as ferrovias, a indústria têxtil e o capital internacional; movimentos políticos

como o abolicionismo, o republicanismo, o socialismo e o populismo; a quebra dos terreiros em 1912; o coronelismo e a formação de oligarquias em Alagoas; a ditadura militar e a redemocratização (partidos de esquerda e movimentos sociais). Pretende-se, ainda, analisar a história política, econômica, social e cultural d'Alagoas contemporânea.

Bibliografia Básica:

ALMEIDA, Luiz Sávio de. *Chronicas Alagoanas: Notas sobre Poder, Operários e Cronistas*. Maceió: Edufal, 2006.

OLIVEIRA, José Alberto Saldanha de. *A Indústria Têxtil, a Classe Operária e o PCB em Alagoas*. Maceió: Edufal, 2011.

TENÓRIO, Douglas Apratto. *A Tragédia do Populismo: o Impeachment de Muniz Falcão*. Maceió: Edufal, 2007.

Bibliografia Complementar:

ANDRADE, Manoel Correia de. *Usinas e destilarias das Alagoas – uma contribuição ao estudo da produção do espaço*. Maceió: EDUFAL, 1997.

RAFAEL, Ulisses Neves. *Xangô rezado baixo: um estudo da perseguição aos terreiros de Alagoas em 1912*. Maceió: Edufal, 2012.

SILVA, Amaro Hélio L. *Serra dos perigosos – guerrilha e índio no sertão de Alagoas*. Maceió: Edufal, 2007.

CARVALHO, Cícero Péricles. *Formação Histórica de Alagoas*. Maceió: Grafitex, 1982.

MACIEL, Osvaldo (org.) *Operários em movimento: documentos para a história da classe trabalhadora em Alagoas (1870-1960)*. Maceió: Edufal, 2007.

História do Brasil 1 – 60h

Ementa: A disciplina tem por objetivo analisar os aspectos políticos, econômicos, sociais, religiosos, comportamentais e ideológicos do Brasil desde os primeiros contatos entre portugueses e nativos até os primeiros sinais da crise do Antigo Regime implementado pela corte lusitana (1500-1808). Sugere-se um debate historiográfico sobre as características políticas e econômicas desta sociedade, bem como uma análise das diferentes áreas coloniais buscando demonstrar suas diferenciações e suas funções na conjuntura colonial.

Bibliografia Básica:

JUNIOR, Caio Prado. *Formação do Brasil Contemporâneo*. São Paulo: Publifolha, 2000.

HOLANDA, Sérgio Buarque de (Dir.) *História Geral da Civilização Brasileira*. São Paulo: Bertrand Brasil, 1993.

WEHLING, Arno e WEHLING, Maria J. C. *Formação do Brasil Colonial*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

Bibliografia Complementar:

FRAGOSO, João, BICALHO, Maria Fernanda Baptista & GOUVÊA, Maria de Fátima (Orgs.). *O Antigo Regime nos Trópicos: A Dinâmica Imperial Portuguesa (Século XVI-XVIII)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. São Paulo: Global, 2000.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SCHWARTZ, Stuart. *Segredos Internos*. Engenhos e Escravos na Sociedade Colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SOUZA, Laura de Mello e. *O Diabo e a Terra de Santa Cruz*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

História do Brasil 2 – 60h

Ementa: Observar o Brasil a partir das transformações no Velho Continente no início do século XIX. Caracterizar a presença da corte portuguesa e passagem de colônia para Reino Unido de Portugal e Algarves, os caminhos seguidos até a independência política e o seu processo de reconhecimento. Observar o período imperial em seus aspectos sociais, políticos, culturais e econômicos durante o Primeiro Reinado, Regências e o Segundo Reinado. As bases para construção da nacionalidade brasileira. As mudanças ocorridas com a escravidão até a implementação da mão de obra assalariada. O contexto da crise do Império e os passos até a Proclamação da República.

Bibliografia Básica:

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. *História da vida privada: Império; a corte e a modernidade nacional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

CHALHOUB, Sidney. *A força da escravidão: ilegalidade e costume no Brasil oitocentista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados & Mucambos*. São Paulo: Global, 2000.

Bibliografia Complementar:

CARVALHO, José Murilo. *A Construção da Ordem: A elite política imperial; Teatro das Sombras: a política imperial*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

CARVALHO, José Murilo. (Org.) *A construção nacional (1830-1889)*. Vol. 2. Madri: Fundação Mapfre; Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

REIS, João José. *A Morte é uma Festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

NABUCO, Joaquim. *O Abolicionismo*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2010.

SILVA, Alberto da Costa e. (Org.) *Crise Colonial e Independência 1808-1830*. Vol. 1. Madri: Fundação Mapfre; Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

História do Brasil 3 – 60h

Ementa: A disciplina tem por objetivo conduzir o aluno a interpretar alguns aspectos da construção inicial do Brasil republicano. A Proclamação da República e “a república da espada”. O Liberalismo Oligárquico e a democracia excludente. A Revolução de 1930, o Estado Novo e a cidadania regulada. A experiência democrática de 1945 a 1964.

Bibliografia Básica:

D'ARAÚJO, Maria Celina. *As instituições brasileiras da Era Vargas*. Rio de Janeiro: EdUERJ & FGV, 1999.

FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucilia de A. Neves (orgs.). *O Brasil Republicano* vol. 1 - O tempo do liberalismo excludente; vol. 2 – o tempo do nacional-estatismo e vol. 3 – o tempo da experiência democrática. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

GOMES, Angela de Castro (org.). *Vargas e a crise dos anos 50*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

Bibliografia Complementar:

D'ARAÚJO, Maria Celina. *Sindicatos, carisma e poder: o PTB de 1945-65*. Rio de Janeiro, FGV, 1996.

FERREIRA, Jorge. *O Imaginário Trabalhista: getulismo, PTB e cultura política popular, 1945-1964*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2005.

GOMES, Angela de Castro. *A Invenção do Trabalhismo*. 2ª edição, Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1994.

MACEDO, Michelle Reis de. *O movimento queremista e a democratização de 1945*. Rio de Janeiro, 7 Letras, 2013.

PANDOLFI, Dulce (org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1999.

História do Brasil 4 – 60h

Ementa: A disciplina tem como objetivo interpretar os acontecimentos contemporâneos do Brasil republicano. O Governo João Goulart e o Golpe civil-militar de 1964. O Regime Militar: história e memória. A “Nova República”. A “era FHC” e a globalização. A ascensão das esquerdas no século XXI: o PT e o “lulismo”.

Bibliografia Básica:

FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucilia de A. Neves (orgs.). *O Brasil Republicano* vol. 3 – o tempo da experiência democrática e vol. 4 - o tempo da ditadura. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

MACIEL, David. *De Sarney a Collor: reformas políticas, democratização e crise 85/90*. São Paulo, Alameda, 2013.

SINGER, Andre. *Os Sentidos do Lulismo: reforma gradual e pacto conservador*. São Paulo, Companhia das Letras, 2012.

Bibliografia Complementar:

FERREIRA, Jorge & REIS, Daniel Aarão (orgs.). *As Esquerdas no Brasil* vol. 1 - a formação das tradições (1889/1945), vol. 2 - nacionalismo e reformismo radical (1945/1964) e vol. 3 - revolução e democracia (1964/...). Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2007.

FICO, Carlos. *Como eles agiam - os subterrâneos da Ditadura Militar: espionagem e polícia política*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LESBAUPIN, Ivo (org.) *O Desmonte da Nação: balanço do governo FHC*. 4ª Ed., Petrópolis/RJ, Vozes, 2003.

POCHMANN, Marcio & BORGES, Altamiro. *“ERA FHC”: a regressão do trabalho*. São Paulo, Anita Garibaldi, 2002.

SADER, Emir. *A Nova Toupeira: os caminhos da esquerda latino-americana*. São Paulo, Boitempo, 2009.

História do Nordeste – 60h

Ementa: A partir da discussão de autores clássicos sobre o pensamento político e social nordestino, a disciplina apresentará o processo de formação histórica da região, ocupando-se tanto dos amplos quadros macro-estruturais que balizam esta história, como dos movimentos sociais e políticos que caracterizam o posicionamento social no processo de construção da nacionalidade brasileira e da sociabilidade nordestina, sem esquecer o debate sobre o regionalismo que perpassou parte da história do século XX.

Bibliografia Básica:

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. Recife/São Paulo: FJN/Cortez, 2001.

ANDRADE, Manuel Correia de. *A terra e o homem no nordeste*. São Paulo: Brasiliense, 1973.

FREIRE, Gilberto. *Casa grande e senzala*. 21 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.

Bibliografia Complementar:

FACÓ, Rui. *Cangaceiros e fanáticos: gênese e lutas*. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

FERLINI, Vera Lúcia Amaral. *Terra, trabalho e poder*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

LEAL, Vitor Nunes. *Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil*. 2 ed. São Paulo: Alfa-ômega, 1975.

MELLO, Evaldo Cabral. *O Norte agrário e o Império (1871-1889)*. 2 ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.

PERRUCCI, Gadiel. *A República das usinas: Um estudo de história social e econômica do Nordeste, 1889/1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

História Econômica – 60 h

Ementa: Estudo e análise dos processos de transformação econômica e social do período moderno e contemporâneo. As comunidades primitivas ao capitalismo contemporâneo e ao socialismo de Estado. Os principais teóricos da economia.

Bibliografia Básica:

ANDERSON, Perry. *Passagens da Antiguidade ao Feudalismo*. São Paulo, Brasiliense, 1978.

MARX, Karl. *O capital*. Várias edições.

RICARDO, David. *Princípios de economia política e tributação*. Várias edições.

Bibliografia complementar:

DOBB, Maurice. *A Evolução do Capitalismo*. Trad. Miguel Rego. Rio de Janeiro, Zahar, 1980.

- DUBY, George. *Guerreiros e Camponeses: Os Primórdios do Crescimento Europeu Século VII ao XII*. Lisboa, editorial Estampa 1978.
- FURTADO, Celso. *Formação Econômica do Brasil*. São Paulo. Ed. Nacional, 1971.
- HOBBSAWM, Eric. *A era do capital*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.
- HUBERMAN, Leo. *História da Riqueza do Homem*. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

História Indígena – 60h

Ementa: A partir de novas abordagens teórico-conceituais da História e da Antropologia, a disciplina propõe-se a destacar o papel dos índios como sujeitos históricos do processo de desenvolvimento das sociedades coloniais e pós-coloniais. Para isto, será fundamental refletir sobre o lugar do indígena na produção discursiva historiográfica; repensar as guerras de conquista e as guerras indígenas, bem como as relações entre elas; identificar alianças e confrontos entre indígenas e com outros personagens históricos; analisar as políticas indigenistas e as políticas indígenas; investigar relações interétnicas, mestiçagens e adaptações culturais; verificar os impactos da escravidão sobre as populações indígenas; examinar criticamente os conflitos de terra; e, por fim, refletir sobre o conceito de etnicidade.

Bibliografia Básica:

- ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. *Os Índios na História do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.
- CARNEIRO DA CUNHA, Manuela (org.). *História dos Índios no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.
- OLIVEIRA, João Pacheco de (org.). *A Presença Indígena no Nordeste: processos de territorialização, modos de reconhecimento e regimes de memória*. Rio de Janeiro: ContraCapa, 2011.

Bibliografia Complementar:

- ALMEIDA, Luiz Savio de & SILVA, Amaro Hélio Leite da. *Índios do nordeste: etnia, política e história*. Maceió, EDUFAL, 2008.
- KODAMA, Kaori, *Os Índios no Império do Brasil: a etnografia no IHGB entre as décadas de 1840 e 1860*. Rio de Janeiro: Editora da Fiocruz; São Paulo: Edusp, 2009.
- MONTEIRO, John. *Negros da Terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.
- MONTEIRO, John. *Unidade, Diversidade e a Invenção dos Índios: Entre Gabriel Soares de Sousa e Francisco Adolfo de Varnhagen*”, *Revista de História*, USP, 149, 2003.
- VAINFAS, Ronaldo. *A Heresia dos Índios - Catolicismo e Rebeldia no Brasil Colonial*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

História Medieval – 60h

Ementa: A disciplina pretender dar uma visão de conjunto sobre a Idade Média. Partindo de discussões historiográficas, abordar-se-á temáticas como: a formação dos reinos germânicos; Império carolíngio e papado; características gerais do Império Bizantino;

formação e expansão do Islã; gênese, natureza e o desenvolvimento do Feudalismo; questões culturais, econômicas, sociais e religiosas que permearam a formação das cidades no século XII; relação entre Império e Papado; crise do século XIV.

Bibliografia Básica:

BASCHET, Jêrôme. *A civilização feudal*. Do ano mil à colonização da América. São Paulo: Editora Globo, 2006.

BLOCH, Marc. *Os reis Taumaturgos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

DUBY, G., *Guerreiros e camponeses*. Os primórdios do crescimento económico europeu. Séc. VII-XII. Trad., Lisboa: Estampa, 1980.

Bibliografia Complementar:

BANNIARD, Michel. *A Alta Idade Média*. Trad. port., Lisboa: Europa-América, s./d.

BLOCH, Marc. *A sociedade Feudal*. Trad., Lisboa: Ed. 70, 1982.

DUBY, Georges. *As Três Ordens ou o Imaginário do Feudalismo*. Lisboa: Estampa, 1982.

DUBY, George. *Idade Média, Idade dos homens*. Do amor e outros ensaios. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

ZERNER, Monique (org.). *Inventar a heresia? Discursos polêmicos e poderes antes da Inquisição*. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

História Moderna – 60 h

Ementa: Investigação e análise do contexto da Era Moderna, entre os séculos XV e XVI, a partir de dois eixos norteadores: a) o processo de formação da sociedade burguesa ocidental, e b) o processo de secularização do Ocidente. As temáticas abordadas têm como principais objetos: o questionamento do conceito de moderno em sua formulação como era histórica e a compreensão da Era Moderna como um período de alargamento e transformação nas visões de mundo, engendradas por processos como os Descobrimentos Ultramarinos, o Renascimento e as Reformas Religiosas; a formação do pensamento político e social moderno no contexto do Humanismo; a cultura do Barroco no contexto da Contra Reforma; as Revoluções Inglesas e a Revolução Francesa; o ideário político e da fundação da nacionalidade na Revolução Americana; as transformações econômicas na primeira fase da Revolução Industrial. Nesta disciplina iniciar-se-á a discussão sobre o alcance dos Direitos Humanos na era moderna a partir da Revolução Francesa e o Estado Moderno de Direito.

Bibliografia Básica:

DELUMEAU, Jean. *Nascimento e afirmação da Reforma*. Trad. João Pedro Nunes. SP: Pioneira, 1989.

MARAVALL, José Antônio. *A cultura do Barroco*. Análise de uma estrutura histórica. SP: EdUSP, 1997.

SKINNER, Quentin. *As fundações do pensamento político moderno*. 4ª reimp. SP: Cia. das Letras, 2003.

Bibliografia Complementar:

BURKE, Peter. *A fabricação do rei*. A construção da imagem pública de Luis XVI. Trad. Maria Luíza X. de A. Borges. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

- DELUMEAU, Jean. *A civilização do Renascimento*. Lisboa: Ed. 70, s.d.
- FEBVRE, Lucien. *A Europa*. Gênese de uma civilização. Bauru: EdUSC, 2004.
- HILL, Christopher. *O eleito de Deus*. Oliver Cromwell e a Revolução Inglesa. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- HUNT, Lynn. *Política, cultura e classe na Revolução Francesa*. Trad. Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Historiografia Brasileira – 60h

Ementa: O desenvolvimento da historiografia nacional, suas temáticas principais, questões conceituais e de investigação historiográfica. A formação da nação e da identidade nacional, da perspectiva dos fundadores da historiografia brasileira às tendências contemporâneas.

Bibliografia Básica:

- FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. São Paulo: Global, 2006.
- HOLLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- PRADO JÚNIOR, Caio. *Formação econômica e política do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 2000.

Bibliografia Complementar:

- FREITAS, Marcos Cezar de (org.). *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2012.
- GLEZER, Raquel (org.). *Do passado para o futuro*: edição comemorativa dos 50 anos da ANPUH. São Paulo: Contexto, 2011.
- IGLÉSIAS, Francisco. *Historiadores do Brasil*: capítulos de historiografia brasileira. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira; Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.
- LAPA, José Roberto do Amaral. *Historiografia brasileira contemporânea: a História em questão* (2ª ed.). Petrópolis: Vozes, 1981.
- MORAES, José Geraldo Vinci de; REGO, José Marcio. *Conversas com historiadores brasileiros*. São Paulo: Editora 34, 2002.

Historiografia Geral – 60 h

Ementa: O objetivo da disciplina é o estudo do desenvolvimento da historiografia do mundo moderno aos dias atuais; suas tendências, perspectivas e interdisciplinaridade com destaque para o Materialismo Histórico, a Escola Metódica, a Escola dos *Annales*, a Nova História, a Micro-história e demais concepções historiográficas contemporâneas.

Bibliografia Básica:

- CARDOSO, Ciro; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da História*: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.
- MALERBA, J.; ROJAS, Carlos Aguirre. (orgs.). *Historiografia contemporânea em perspectiva crítica*. Bauru/SP: EDUSC, 2007.

BENTIVOGLIO, Julio; LOPES, Marcos Antônio (orgs.). *A constituição da História como ciência: de Ranke a Braudel*. Petrópolis RJ: Vozes, 2013.

Bibliografia Complementar:

BLOCH, Marc. *Apologia a História ou o Ofício de Historiador*. Rio de Janeiro, Editor. Jorge ZAHAR, 2001.

BURKE, Peter. *A Escola dos Annales, 1929-1989: a revolução francesa da historiografia*. São Paulo: Unesp, 1997.

CARDOSO, Ciro; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Novos Domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

HOBSBAWM, Eric. *Sobre História*. Tradução: Cid Knipel Moreira. São Paulo: CIA das Letras, 1998.

THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

Introdução aos Estudos Históricos – 60h

Ementa: A constituição da epistemologia e da teoria da História. Definição e utilização dos instrumentos teóricos de análise. A problemática do conhecimento histórico. O conhecimento objetivo e subjetivo na teoria da História. Processo histórico-social: o tempo histórico, leis, fatos, estruturas e conjunturas. Do positivismo à quantificação das séries estatísticas e às séries sociais. A História conceitual: a História é uma ciência? O debate atual.

Bibliografia Básica:

BLOCH, Marc. *Introdução à História*. Várias edições.

LE GOFF, Jacques (org.). *História nova*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1990.

HOBSBAWM, Eric. RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984

Bibliografia Complementar:

BRAUDEL, Fernando. *História e Ciências Sociais*. Lisboa, ed. Presença, 1972.

DAVIS, Natalie Zemon. *O retorno de Martin Guerre*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

DARNTON, Robert. *O grande massacre dos gatos*. 2. ed, Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

PESAVENTO, Sandra Jathay. *História e História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

Libras – 60h

Ementa: Aspectos linguísticos e culturais da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e da comunidade surda. Histórico da surdez no Brasil e no mundo.

Bibliografia Básica:

GESSER, Audrei. *LIBRAS? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda*. São Paulo: Parábola, 2009.

QUADROS, R. M. de. *Educação de surdos: a aquisição da linguagem*. Porto Alegre: Artmed, 1997.

QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Artmed: Porto Alegre, 2004.

Bibliografia Complementar:

HICKOK, G.; BELLUGI, U.; KLIMA, E. How does the human brain process language? New studies of deaf signers hint at an answer. *Scientific American*, INC, 2002.

KLIMA, E.; BELLUGI, U. *The signs of language*. Cambridge: Harvard University Press, 1979.

LODI, A. C. B. *Plurilingüismo e surdez: uma leitura bakhtiniana da história da educação dos surdos*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 409-424, set./dez. 2005.

QUADROS, R. M. de; VASCONCELLOS, M. L. B. de (Org.). *Sign Languages: spinning and unraveling the past, present and future*. Forty five papers and three posters from the 9^o Theoretical Issues In Sign Language Research Conference, Florianópolis, Brasil, Dez. 2006. Disponível em: <<http://editora-arara-azul.com.br/portal/index.php/e-books/pesquisas-em-estudos-surdos/item/109-sign-languages>>. Acesso em: 27 jan. 2014.

STOKOE, W. *Sign and Culture: a reader for students of American Sign Language*. Listok Press, Silver Spring, MD, 1960.

Metodologia do Ensino de História – 60h

Ementa: Busca refletir acerca das práticas educativas nas escolas de educação básica; problematiza a disciplina de história nas propostas curriculares e na legislação vigente no que se refere ao ensino de história nas etapas da educação básica; discute a relação entre métodos, metodologias, técnicas e práticas educativas dos professores. Incentiva os alunos a realização de práticas educativas voltadas para a seleção de materiais, conteúdos, organização e construção de instrumentos didáticos a ser usados nas aulas de história. Promove a efetivação de uma prática docente flexível, interdisciplinar, transdisciplinar à luz dos diferentes enfoques do ensino de história e suas implicações no processo da construção do conhecimento histórico.

Bibliografia Básica:

ABUD, Kátia Maria. *Ensino de História*. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

BITTENCOURT, Circe (Org.). *O Saber Histórico na Sala de Aula*. 12^a ed., São Paulo: Contexto, 2012.

KARNAL, Leandro (Org.). *História na sala de aula*. 6^a ed., 1^a Reimpressão, São Paulo: Contexto, 2010.

Bibliografia Complementar:

BITTENCOURT, Circe. *Ensino de História: Fundamentos e Métodos*. 3^a ed., São Paulo: Cortez, 2009.

BALDÍSSERA, José Alberto. *O Livro Didático de História: Uma visão crítica*. Porto Alegre: Evangraf, 1994.

FONSECA, Selva Guimarães. *Didática e Prática de Ensino de História*. Campinas, SP: Papirus, 2003.

NAPOLITANO, Marcos. *Como usar o cinema na sala de aula*. 5ª ed., São Paulo: 2011.
 SILVA, Marcos & FONSECA, Selva Guimarães. *Ensinar História no Século XXI: em busca do tempo entendido*. Campinas, SP, Papirus, 2007.

Métodos da História – 60h

Ementa: O desenvolvimento de pesquisas apoiadas no rigor metodológico auxilia nos processos de investigação e produção do conhecimento histórico a partir do debate sobre a cientificidade da História: problematizações, objetivos, sistemas de escolhas e decisões. Discutiremos sobre o modelo de cientificidade da ciência social e o uso dos métodos qualitativos na produção do conhecimento histórico.

Bibliografia Básica:

AROSTÉGUI, Júlio. *A pesquisa histórica: teoria e método*. Tradução de Andréa Dore; Revisão Técnica de José Jobson de Andrade Arruda. Bauru: EDUSC, 2006 (Col. “História”).
 BLOCH, Marc. *Apologia à história*, ou, O ofício do historiador. Trad. de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
 PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de. (orgs.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009.

Bibliografia Complementar:

BURKE, Peter. *Testemunha ocular: História e imagem*. Tradução de Vera Maria Xavier dos Santos. Bauru: EDUSC, 2004.
 GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. Tradução de Rosa Freire d’Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007 [2006].
 GUAZELLI, César Augusto Barcellos et al. (orgs.). *Questões de Teoria e Metodologia da História*. Porto Alegre: Ed. Universitária/ UFRGS, 2000.
 PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.
 SANTOS, Boaventura de Souza. *Um discurso sobre as Ciências*. 5. ed. Porto: Afrontamento, 1991.

Organização do Trabalho Acadêmico – 60h

Ementa: Introdução ao estudo da metodologia científica. Formas de conhecimento e a ciência. Linguagem visual e científica. A metodologia do trabalho acadêmico. Métodos argumentativos e não-argumentativos. A pesquisa científica e a montagem de um projeto.

Bibliografia Básica:

CERVO, AL. *Metodologia Científica*. S. Paulo: Macgraw-Hill do Brasil. 1978.
 ECO, Humberto, *Como se Fazer uma Tese*. S. Paulo. Perspectiva. 1983.
 SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do Trabalho Científico*. S. Paulo: Editora Cortez, 1991.

Bibliografia complementar:

- ALVES – MAZOTTI, A. J. e GWANDSZNAJDER, F. *O método nas Ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa*. São Paulo: Pioneira, 1998.
- BRANDÃO, Z. (org.) *A crise dos paradigmas e educação*. São Paulo: Cortez, 1994
- CHIZZOTTI, A. *Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais*. São Paulo: Cortez, 1995.
- DEMO, P. *Educar pela pesquisa*. São Paulo: Autores Associados, 2000.
- FAZENDA, I. (Org.) *Novos enfoques da pesquisa educacional*. São Paulo: Cortez, 1994.

Paleografia – 60h

Ementa: A disciplina tem por objetivo entender as origens da Paleografia, suas diferenciações com a Diplomática e seu uso pelos historiadores. Por fim, sugere-se a discussão das normas paleográficas para transcrição de documentos e atividades práticas de transcrição da documentação referente aos séculos XVI-XIX.

Bibliografia Básica:

- DONATO, Ernani. *A Palavra Escrita e sua História*. São Paulo: Melhoramentos, 1951.
- BERWANGER, Ana Regina e LEAL, João Euripedes Franklin. *Noções de Paleografia e Diplomática*. Santa Maria: Centro de Ciências Sociais e Humanas, UFSM, 1991.
- SAMARA, Eni de Mesquita. *Paleografia e Fontes do Período Colonial Brasileiro*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1986.

Bibliografia Complementar:

- ACCIOLI, Vera Lúcia Costa. *A Escrita no Brasil Colonial: Um guia para Leitura de Documentos Manuscritos*. Recife: UFP/Fundação Joaquim Nabuco/Massangana, 1994.
- BLANCO, Ricardo Román. *Estudos Paleográficos*. São Paulo: Laserprint, 1987.
- COSTA, Pe. Avelino Jesus da. *Álbum de Paleografia e Diplomática Portuguesa*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1976.
- FLEXOR, Maria Helena Ochi. *Abreviaturas: Manuscritos dos Séculos XVI ao XIX*. São Paulo: UNESP/Arquivo do Estado de São Paulo, 1991.
- MEGALE, Heitor & NETO, Sílvio de Almeida Toledo (Orgs.) *Por Minha Letra e Sinal: Documentos de Ouro do Século XVII*. São Paulo: Ateliê Cultural, 2005.

Planejamento, Currículo e Avaliação de Aprendizagem – 67 h

Ementa: Estudo dos princípios, fundamentos e procedimentos do planejamento de ensino, do currículo e da avaliação, segundo os paradigmas e normas legais vigentes norteando a construção do currículo e do processo avaliativo no projeto político-pedagógico na escola de educação básica.

Bibliografia Básica:

- BRASIL: *Lei 9394, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Brasília, 20/DEZ/1996.
- BRASIL: *Plano Nacional de Educação*. Brasília, 2014.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo, Paz e Terra, 1996.

Bibliografia complementar:

- HERNANDEZ, Fernando & VENTURA, Montserrat. *A organização do currículo por projetos de trabalho: o conhecimento é um caleidoscópio*. 5ª edição. Porto Alegre: ARTMED, 1998. KUENZER, Acácia. (coord). *Planejamento e Educação no Brasil*. São Paulo: Cortez, 1990.
- SAVIANI, Dermeval. *Pedagogia Histórico crítica: primeiras aproximações*. São Paulo: Cortez, Autores associados, 1992.
- MORAES, M^a Cândida. *O paradigma educacional emergente*. Campinas, SP: Papirus, 1997.
- ROMÃO, José Eustáquio. *Avaliação Dialógica: desafios e perspectivas*. São Paulo: Cortez, 1998 (Guia da Escola Cidadã v.2).

Política e Organização da Educação Básica no Brasil – 67 h

Ementa: Estudo e Análise contextualizados do sistema educacional brasileiro e alagoano, enfocando a problemática das estruturas e funcionamento em nível nacional e local.

Bibliografia Básica:

- ABREU, Mariza. *Organização da Educação Nacional na Constituição e a LDB*. Ijuí/ SC, ed.UNIJUI. 1999.
- ALMEIDA, Milton Canuto de, e LIRA, Sandra Lúcia dos Santos. *A Educação em Alagoas*. Brasília – UNICEF/ MEC/ FUNDESCOLA/ BANCO MUNDIAL/ UNDIME. 1999.
- CASTRO, Maria Helena G. de. *As Desigualdades Regionais no Sistema Educacional Brasileiro*. Brasília, INEP/ MEC. 1999.

Bibliografia Complementar:

- CUNHA, Luiz Antônio. *Educação, Estado e Democracia no Brasil*. São Paulo, ed. Cortez, EDUFF/ FLASCO, 2000.
- VERÇOSA, Elcio de Gusmão. *Cultura e Educação nas Alagoas: História, Histórias*. Maceió, EDUFAL, 1996.
- AGUIAR, Márcia Ângela. *A formação do profissional da educação no contexto da reforma educacional brasileira* In: FERREIRA, Naura Syria Carapeto (org.). *Supervisão educacional para uma escola de qualidade*. 2ª ed. – São Paulo: Cortez, 2000.
- NEVES, Lúcia Maria Wanderley. *Educação e política no Brasil de hoje*. 2ª ed. São Paulo, Cortez, 1999.
- VERÇOSA, Elcio de Gusmão (org.). *Caminhos da Educação da Colônia aos Tempos Atuais*. São Paulo. Ed. Catavento: 2001.

Profissão Docente – 60h

Ementa: A constituição histórica do trabalho docente. A natureza do trabalho docente. Trabalho docente e relações de gênero. A autonomia do trabalho docente. A proletarianização do trabalho docente. Papel do Estado e a profissão docente. A formação e a ação política do docente no Brasil. A escola como “locus” do trabalho docente. Profissão docente e legislação.

Bibliografia Básica:

CHARLOT, Bernard. *Formação dos professores e relação com o saber*. Porto Alegre: ARTMED, 2005.

COSTA, Marisa V. *Trabalho docente e profissionalismo*. Porto Alegre: Sulina, 1996.

ESTRELA, Maria Teresa (Org.) *Viver e construir a profissão docente*. Porto, Portugal: Porto, 1997.

Bibliografia complementar:

LESSARD, Claude e TARDIF, Maurice. *O trabalho docente*. SP: Vozes, 2005.

NÓVOA, António (Org.) *Vidas de Professores*. Porto, Portugal: Porto, 1992.

SAVIANI, Demerval. *Educação brasileira: estrutura e sistema*. 3ªed. São Paulo: Saraiva, 1998.

———, Demerval. *A nova lei da educação: trajetória limites e perspectivas*. Campinas: Autores Associados, 1997. (Col.Ed. Contemporânea) 238 p.

———, Demerval. *Política e educação no Brasil. O papel do Congresso Nacional na legislação do ensino*. Campinas: Autores associados, 1996. (Col. Memórias da Educação).

Projeto Pedagógico, Organização e Gestão do Trabalho Escolar

- 67 h

Ementa: A Escola como organização social e educativa. As Instituições escolares em tempos de mudança. O planejamento escolar e o Projeto Político-Pedagógico: pressupostos e operacionalização. Concepções de organização e gestão do trabalho escolar. Elementos constitutivos do sistema de organização e gestão da escola. Princípios e características da gestão escolar participativa. A participação do professor na organização e gestão do trabalho da escola.

Bibliografia Básica:

BICUDO, M. A. V. e SILVA JÚNIOR, M. A. *Formação do educador: organização da escola e do trabalho pedagógico*. V.3. São Paulo: ENESP, 1999.

FURLAN, M. e HARGREAVES, A. *A Escola como organização aprendente: buscando uma educação de qualidade*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

LIBÂNEO, J. C. *Organização e Gestão da escola: Teoria e Prática*. 5ª ed. Goiânia: Alternativa, 2004.

Bibliografia Complementar:

LIMA, Licínio C. *A Escola como organização educativa*. São Paulo: Cortez, 2001.

PETEROSKI, H. *Trabalho coletivo na escola*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

VASCONCELLOS, Celso dos S. *Planejamento: Projeto de Ensino aprendizagem e Projeto Político-Pedagógico*. São Paulo: Libertad, 2001.

VEIGA, I. P. A. e RESENDE, L. M. G.(orgs.). *Escola: espaço do Projeto Político-Pedagógico*. São Paulo: Papyrus, 1998.

VEIGA, I. P. A. e FONSECA, Marília (orgs.). *As dimensões do Projeto Político Pedagógico*. São Paulo: Papyrus, 2001.

Projetos Integradores 1: Fontes Manuscritas e Impressas – 40h

Ementa: A disciplina tem por objetivo o desenvolvimento de pesquisa, análise científica e trabalho de campo que se debruce sobre as fontes manuscritas e as fontes impressas, revertida em inventários, catálogos, exposições, relatórios, artigos, portfólio, etc.

Bibliografia Básica:

PINSKY, Carla Bassanezi e LUCA, Tania Regina de. *O Historiador e suas Fontes*. São Paulo: Contexto, 2009.

CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

CHARTIER, Roger. *História ou a Leitura do Tempo*. Belo Horizonte: Atlântica, 2009.

Bibliografia Complementar:

PINSKY, Carla Bassanezi et alii. *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

VILAR, Pierre. *Pensar La Historia*. Cidade do México: Instituto Mora, 1992.

CARDOSO, C. *Um Historiador fala de Teoria e Metodologia*. São Paulo: Edusc, 2005.

CERTEAU, Michel. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

DOSSE, François. *História e Ciências Sociais*. São Paulo: Edusc, 2004.

Projetos Integradores 2: Fontes Iconográficas e Fotográficas – 40h

Ementa: A disciplina tem por objetivo o desenvolvimento de pesquisa, análise científica e trabalho de campo que se debruce sobre as fontes manuscritas e as fontes impressas, revertida em inventários, catálogos, exposições, relatórios, artigos, portfólio, etc.

Bibliografia Básica:

PINSKY, Carla Bassanezi e LUCA, Tania Regina de. *O Historiador e suas Fontes*. São Paulo: Contexto, 2009.

CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

CHARTIER, Roger. *História ou a Leitura do Tempo*. Belo Horizonte: Atlântica, 2009.

Bibliografia Complementar:

PINSKY, Carla Bassanezi et alii. *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

VILAR, Pierre. *Pensar La Historia*. Cidade do México: Instituto Mora, 1992.

BURKE, Peter. *A escrita da História*. São Paulo: Unesp, 1992

FALCON, Francisco. *História Cultural: uma nova visão sobre a sociedade e a cultura*. Rio de Janeiro, 2002.

LE GOFF, J. *História e Memória*. São Paulo: Unicamp, 1999.

Projetos Integradores 3: Fontes Oraís – 40h

Ementa: A disciplina tem por objetivo o desenvolvimento de pesquisa, análise científica e trabalho de campo que se debruce sobre as fontes manuscritas e as fontes impressas, revertida em inventários, catálogos, exposições, relatórios, artigos, portfólio, etc.

Bibliografia Básica:

PINSKY, Carla Bassanezi e LUCA, Tania Regina de. *O Historiador e suas Fontes*. São Paulo: Contexto, 2009.

CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

CHARTIER, Roger. *História ou a Leitura do Tempo*. Belo Horizonte: Atlântica, 2009.

Bibliografia Complementar:

ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

CHARTIER, Roger. *História ou a Leitura do Tempo*. Belo Horizonte: Atlântica, 2009.

FERREIRA, Marieta de Moraes Ferreira e AMADO, Janaína (orgs). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

PINSKY, Carla Bassanezi e LUCA, Tania Regina de. *O Historiador e suas Fontes*. São Paulo: Contexto, 2009.

PINKSY, Carla Bassanezi et ealli. *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

Projetos Integradores 4: Fontes Audiovisuais – 40h

Ementa: A disciplina tem por objetivo o desenvolvimento de pesquisa, análise científica e trabalho de campo que se debruce sobre as fontes manuscritas e as fontes impressas, revertida em inventários, catálogos, exposições, relatórios, artigos, portfólio, etc.

Bibliografia Básica:

NAPOLITANO, Marcos & Capelato, Maria Helena R. *História e Cinema - Dimensões Históricas do Audiovisual* (2a. Edição). RJ: Alameda, 2013.

FERRO, Marc. *Cinema e História*. SP: Paz e Terra, 1994.

REIS, Fº, Daniel A.; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (orgs.). *O século XX*. (3 volumes). RJ: Civilização Brasileira, 2008 – ao final de cada volume há uma sessão Bibliografia, filmografia e cronologia.

Bibliografia Complementar:

FERRO, Marc. “O conhecimento histórico, os filmes, as mídias” in: *Revista Eletrônica O Olho da História*, 2004.

KORNIS, Monica A. “História e cinema: um debate metodológico”. *Estudos Históricos*, RJ, vol. 5, n. 10, 1992, pp. 237-250.

MENESES, Ulpiano T. B. De. “Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares”, *Revista Brasileira de História*, SP, v. 23, n. 45, julho/2003.

NOVA, Cristiane. “O cinema e o conhecimento da História”, *Clio História – Textos e documentos*.

Projetos Integradores 5: Fontes Digitais – 40h

Ementa: A disciplina tem por objetivo o desenvolvimento de pesquisa, análise científica e trabalho de campo que se debruce sobre as fontes manuscritas e as fontes impressas, revertida em inventários, catálogos, exposições, relatórios, artigos, portfólio, etc.

Bibliografia Básica:

- BOURTIER, Jean, JULIA, Dominique. *Passados recompostos. Campos e canteiros da História*. RJ: UFRJ / FGV, 1998.
- CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.
- GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais, morfologia e história*. SP: Companhia das Letras, 1989.

Bibliografia Complementar:

- CERTAU, Michel de. *A escrita da História*. RJ: Forense Universitária, 1982.
- BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1929-1989)*. SP: Ed. UNESP, 1997.
- FALCON, Francisco José Calazans. *Estudos da Teoria da História e Historiografia. Vol. I, Teoria da História*. SP: Ed. Hucitec, 2011.
- HOBBSAWM, Eric. *Sobre História*. SP: Companhia das Letras, 1998.
- REIS, José Carlos. *A História entre a filosofia e a ciência*. BH: Ed. Autêntica, 2004.

Seminário de Trabalho Acadêmico 1 – 60h

Ementa: Orientação para as múltiplas metodologias que podem ser utilizadas pelo historiador para o desenvolvimento da pesquisa histórica nas diversas especialidades tais como história cultural; história social; imaginário social e representações; história do cotidiano; história econômica; história das ideias; história intelectual; história do ensino da história; etno-história; história quantitativa Mídia e História e sobre as múltiplas relações de poder percebidas em diferentes contextos sociais. Portanto, o objetivo da disciplina será a elaboração de um projeto de pesquisa, contendo seus itens necessários para um trabalho acadêmico.

Bibliografia Básica:

- CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CARDOSO, Ciro Flamarion, BRIGNOLI, Héctor Pérez. *Os métodos da história*. Rio de Janeiro: Graal, 1990.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre práticas e representações*. São Paulo: Difel, 1990.

Bibliografia Complementar:

- BOURTIER, Jean; JULIA, Dominique. *Passados recompostos: campos e canteiros da História*. RJ: Ed. UFRJ / FGV, 1998.
- BURKE, Peter. *A escrita da História*. SP: Ed. Unesp, 1995.
- D’ALESSIO, Márcia. *Reflexões sobre o saber histórico. Entrevistas com Pierre Vilar, Michel Vovelle, Madeleine Rebérioux*. São Paulo: Unesp, 1998
- DUBY, G., ARIÉS, LE GOFF, J., LADURIE, E. L. *História e Nova História*. Lisboa: Teorema, s/d.
- HUNT, Lyn (org.). *A Nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

Seminário de Trabalho Acadêmico 2 – 60h

Ementa: Orientação para as múltiplas metodologias das pesquisas históricas, assim como discussões historiográficas relevantes para a elaboração e redação de trabalhos acadêmicos. Portanto, o objetivo da disciplina será a elaboração do TCC.

Bibliografia Básica:

BURKE, Peter. *A escrita da História*. SP: Ed. Unesp, 1995.

DIEHL, Astor Antônio. *Do método histórico*. Passo Fundo: Ediupf, 1997.

HUNT, Lyn (org.). *A Nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

Bibliografia Complementar:

CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre práticas e representações*. São Paulo: Difel, 1990.

D'ALESSIO, Márcia. *Reflexões sobre o saber histórico. Entrevistas com Pierre Vilar, Michel Vovelle, Madeleine Rebérioux*. São Paulo: Unesp, 1998

DUBY, G., ARIÉS, LE GOFF, J., LADURIE, E. L. *História e Nova História*. Lisboa: Teorema, s/d.

HOBSBAWM, Eric. *Sobre História*. SP: Companhia das Letras, 1998.

Técnicas de Pesquisa Histórica – 60h

Ementa: Estudo e análise das técnicas de como fazer um projeto de pesquisa. Os tipos e etapas da pesquisa e a importância da argumentação. As normas da ABNT.

Bibliografia Básica:

BARBIER, René. *A Pesquisa: Ação*. Rio de Janeiro, ed. ZAHAR. 1985.

CASTRO, Nancy e OLIVEIRA, Martha. *Como fazer um projeto de Pesquisa*. Juiz de Fora/MG. EDUFJF. 1994.

INÁCIO, Geraldo. *A Monografia na Universidade*. Campinas/ São Paulo/ ed. Papiros, 1995.

Bibliografia Complementar:

HARTOG, F. *O século XIX e a história*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.

HARTOG, F. *Wilhem Dilthey*. Londrina: EDUEL, 2003.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. São Paulo: Unicamp, 1999.

SILVA, Rogério Forastieri. *História da historiografia*. São Paulo: EDUSC, 2001

ROJAS, Carlos Aguirre. *Fernand Braudel e as Ciências Humanas*. Paraná: EDUEL, 2003.

Teoria da História – 60h

Ementa: O processo de formação do professor/pesquisador solicita reflexões teóricas sobre a ciência histórica. Nesta perspectiva, suscitamos a elaboração de um debate em torno dos modelos teóricos, dos campos e das especializações disciplinares, particularizando o papel dos historiadores como produtores do conhecimento histórico.

Bibliografia Básica:

- BARROS, José D' Assunção. *Teoria da História*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011, v. 1 e 2.
 BURKE, Peter. *História e Teoria Social*. Tradução de Klauss Brandini Gerhardt e Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Editora da UNESP, 2002.
 MALERBA, Jurandir. *Ensaio: teoria, história e ciências sociais*. Londrina: EDUEL, 2011.

Bibliografia Complementar:

- BARROS, José D' Assunção. *A expansão da história*. Petrópolis: Vozes, 2013.
 CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Novos domínios da história*. Rio de Janeiro, RJ: Elsevier: Campinas, 2012.
 FALCON, Francisco José Calazans. *Estudos de teoria da história e historiografia*. Vol. I: Teoria da história. São Paulo: Hucitec, 2011. (Estudos históricos, 85).
 NICOLAZZI, Fernando; MOLLO, Helena Miranda; ARAUJO, Valdei Lopes de (orgs.). *Aprender com a história? O passado e o futuro de uma questão*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.
 RUSEN, Jorn. *Razão histórica*. Teoria da história: os fundamentos da ciência histórica. Trad. de Estevão Chaves de Rezende Martins. Brasília, DF: Editora da universidade de Brasília, 2010.

Teoria do Conhecimento – 60h

Ementa: A disciplina tem como objetivo o tratamento temático das questões fundamentais da chamada Teoria do Conhecimento, privilegiando, mediante a leitura de algumas fontes primárias, certos momentos decisivos da Antiguidade à Filosofia Moderna e Contemporânea.

Bibliografia Básica:

- HESSEN, J. *Teoria do Conhecimento*. Coimbra, Arménio Amado Editor, 1973.
 HUME, D. *Investigação sobre o entendimento Humano*. Coleção “Os Pensadores”, São Paulo, Abril Cultural, 1974.
 PLATÃO. *A República*. Várias edições.

Bibliografia Complementar:

- ADORNO, T. *Metacrítica, palavras e sinais*. Petrópolis: Vozes, 1995.
 AYER, A.J. *O problema do conhecimento*. Ed. Ulisseia, s/d
 DESCARTES, R. *Discurso do Método*. São Paulo: Abril Cultural, 1972.
 GRANGER, G.G. *A razão*. São Paulo, Difel, 1962
 HUSSERL, E. *Meditações Cartesianas: Introdução à Fenomenologia*, São Paulo, Editora Madras, 2001.

Teoria Sociológica – 30h

Ementa: A origem da sociologia: condições históricas, políticas, econômicas e sociais. História e sociologia. O problema sociológico e suas diferentes perspectivas metodológicas e teóricas.

Bibliografia Básica:

- ABEL, T. *Os Fundamentos das Teorias Sociológicas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.
 DURKHEIM, E. *A ciência social e a ação*. São Paulo: Difel, 1975. Primeira parte e cap. 1.
 MARX, K. *O Capital: Crítica da Economia Política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977 (vol 2, livro 1, cap XXIV). Científicos, 1980.

Bibliografia Complementar:

- DERRIDA, J. *Espectros de Marx*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
 FREUND, J. *Sociologia de Max Weber*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos.
 FREITAG, B. e Pinheiro, M. F. *Marx morreu: Viva Marx*. Campinas São Paulo: Papyrus, 1993.
 WEBER, M. “Origem do Capitalismo Moderno” in Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

Tópicos Especiais em História Afro-brasileira – 60h

Ementa: Contextualização da Lei 10.639/2003. Desafios para um ensino de História que privilegie a diversidade etno-racial. Propostas básicas para professores da educação básica, com sugestões de material e estratégias de ensino.

Bibliografia básica:

- BOAVENTURA, E. M.; SILVA, A. C. da. *O terreiro, a quadra e a roda: formas alternativas de educação das crianças negras em Salvador*. Salvador: Eduneb, 2005.
 MUNANGA, K. *Superando o racismo na escola*. Brasília: Ministério da Educação – Secretaria de Educação Fundamental, 1999.
 SILVA, A. C. da. *A discriminação do negro no livro didático*. Salvador: Ceao/CED, 1995.

Bibliografia complementar:

- FUNDAÇÃO FRIEDRICH EBERT STIFTUNG. *Um fórum para a igualdade racial: articulação entre Estados e Municípios*. São Paulo: Ed. SEPPPIR, 2005.
 MARCON, Frank & SOGBOSSI, Hippolyte Brice (org). *Estudos Africanos, História e cultura Afro-brasileira: olhares sobre a Lei 10.639/03*. São Cristóvão: UFS, 2007.
 MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Educação Africanidade Brasil*, Brasília: SECAD, 2006.
 OLIVEIRA, Vicente de Paula (org). *Construção de Identidade e Inclusão Social do Afrobrasileiro*. Belo Horizonte: Ed. UEMG-PROPEX, 2005.
 SECRETARIA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA ALFABETIZAÇÃO E DIVERSIDADE. *Educação Anti-Racista: caminhos abertos para a Lei Federal nº 10.639/03*: SECAD, 2005.

Tópicos Especiais em Ensino de História – 60h

Ementa: Busca refletir acerca das práticas educativas nas escolas de educação básica; problematiza a disciplina de história nas propostas curriculares e na legislação vigente no que se refere ao ensino de história nas etapas da educação básica; discute a relação entre

métodos, metodologias, técnicas e práticas educativas dos professores. Incentiva os alunos a realização de práticas educativas voltadas para a seleção de materiais, conteúdos, organização e construção de instrumentos didáticos a ser usados nas aulas de história. Promove à efetivação de uma prática docente flexível, interdisciplinar, transdisciplinar à luz dos diferentes enfoques do ensino de história e suas implicações no processo da construção do conhecimento histórico.

Bibliografia Básica:

- ABUD, Kátia Maria. *Ensino de História*. São Paulo: Cengage Learning, 2010.
 BITTENCOURT, Circe (Org.). *O Saber Histórico na Sala de Aula*. 12ª ed., São Paulo: Contexto, 2012.
 KARNAL, Leandro (Org.). *História na sala de aula*. 6ª ed., 1ª Reimpressão, São Paulo: Contexto, 2010.

Bibliografia Complementar:

- BITTENCOURT, Circe. *Ensino de História: Fundamentos e Métodos*. 3ª ed., São Paulo: Cortez, 2009.
 BALDÍSSERA, José Alberto. *O Livro Didático de História: Uma visão crítica*. Porto Alegre: Evangraf, 1994.
 FONSECA, Selva Guimarães. *Didática e Prática de Ensino de História*. Campinas, SP: Papirus, 2003.
 NAPOLITANO, Marcos. *Como usar o cinema na sala de aula*. 5ª ed., São Paulo: 2011.
 SILVA, Marcos & FONSECA, Selva Guimarães. *Ensinar História no Século XXI: em busca do tempo entendido*. Campinas, SP, Papirus, 2007.

Tópicos Especiais em História Antiga – 60h

Ementa: Apresentar os principais temas e os elementos de análise da História do cristianismo antigo na sua relação com o mundo mediterrâneo. Enfatizando aspectos sociais, políticos e culturais que vão desde ambiente judaico do século I d. C. que deu origem a figura de Jesus até o século IV com a transformação do cristianismo em religião Oficial do Império Romano.

Bibliografia básica:

- BROWN, Peter. *A ascensão do cristianismo no Ocidente*. Lisboa: Editora Presença, 1999.
 HORSLEY, R. A. *Arqueologia, história e sociedade na Galiléia - o contexto social de Jesus e dos rabis*. São Paulo, Paulus, 2000.
 VEYNE, Paul. *Quando o nosso mundo se tornou cristão*. Lisboa: Texto & Grafia, 2007.

Bibliografia complementar:

- BOWMA, Alan K. e WOOLF, Greg (org.). *Cultura Escrita no mundo Antigo*. São Paulo: Ática, 1998.
 CAVALLO, Guglielmo e CHARTIER, Roger (org.). *História da leitura no mundo antigo*. São Paulo: Ática, 2002.
 GOODMAN, Martin. Rome e Jerusalem. *The Clash of Ancient Civilizations*. Londres: Penguin Books Ltd, 2008.
 BROWN, Peter. *Santo Agostinho*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

VEYNE, Paul. *O Império Grego-Romano*. Rio de Janeiro: Campus, 2009.

Tópicos Especiais em História Contemporânea 1 – 60h

Ementa: Análise sobre a violência coletiva contemporânea especificada em um objeto de estudo sobre a formação e perpetuação dos grupos terroristas surgidos a partir do século XX. Ou seja, as sociedades em aparecem, quais os programas ideológicos, a formação dos grupos, as propostas, o contexto político, social e econômico, a visão midiática e as interpretações acadêmicas sobre o fenômeno atual. A disciplina tenderá ampliar a discussão conceitual, priorizando também as interpretações documentais como fontes históricas, enquanto trabalhos possíveis a serem desenvolvidos na disciplina.

Bibliografia básica:

ARENDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo: anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo*. Tradução: Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BAUMAN, Zygmunt. *Europa*. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

HOBBSBAWM, Eric. *Globalização, democracia e terrorismo*. Tradução: José Viegas. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Bibliografia Complementar:

DARNTON, Robert e DUHAMEL, Olivier (orgs.). *Democracia*. Tradução: Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2001.

EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. Tradução: Sandra Castello Branco. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

KLEIN, Naomi. *A Doutrina do Choque: Ascensão do Capitalismo de Desastre*. Tradução Vânia Cury. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

ORTIZ, Renato. *Mundialização e cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2003.

WALLERSTEIN, Immanuel. *O declínio do poder americano: os Estados Unidos em um mundo caótico*. Tradução: Elsa T. S. Vieira. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.

Tópicos Especiais em História Contemporânea 2 – 60h

Ementa: Estudo das relações entre o cotidiano e a história do mundo contemporâneo, através de diferentes linguagens e construções imagéticas.

Bibliografia básica:

DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*. 1. Artes de fazer. Trad. Ephraim Ferreira Alves. 20ªed. Petrópolis. Vozes: 2013.

DUBOIS, Philippe. *O ato fotográfico e outros ensaios*. Trad. Marina Appenzeller. 14ª ed. Campinas: Papirus, 2013.

PERROT, Michelle. *História da Vida Privada* volume 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra. Trad. Denise Bottmann e Bernardo Joffily. 10ª reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

Bibliografia complementar:

BARTHES, Roland. *A câmara clara*. Nota sobre a fotografia. Trad. Julio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Franteira, 1984.

CRARY, Jonathan. *Técnicas do observador*. Visão e modernidade no século XIX. Trad. Verray Chamma. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

KOSSOY, Boris e SCHWARZ, Lilia Moritz. *Um olhar sobre o Brasil – a fotografia na construção da imagem da nação (1833-2003)*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. Trad. Rubens Figueiredo. 7ª reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

STRAUMANN, Patrick (org.). *Rio de Janeiro, cidade mestiça*. Nascimento da imagem de uma nação. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

Tópicos Especiais em História Contemporânea 3 – 60h

Ementa: A disciplina tem como objetivo o estudo dos elementos que configuram a História das Relações Internacionais no âmbito da História Contemporânea do século XX a partir de 1945. Os marcos que a delimitam são, de um lado, a discussão sobre o pós-guerra e o fenômeno da Guerra Fria e, de outro, o surgimento da terceira geração de intelectuais engajados, que se modela nas agruras dos eventos da Guerra Fria, e começa a desarticular-se em fins dos anos sessenta na esteira das denúncias de Nikita Krushov, na invasão soviética na Hungria e depois na Tchecoslováquia, da Revolução Cubana, da Guerra do Vietnã, do movimento de 1968, chegando à desestruturação e desarticulação do bloco soviético. Busca-se resgatar a formação da tradição de intervenção política dos intelectuais brasileiros, através da trajetória do Movimento dos Partidários da Paz (1947-) e de como esse movimento internacional atraiu os intelectuais brasileiros no período central da Guerra Fria (1945-1968).

Bibliografia básica:

ARENDT, Hanna. *Sobre a revolução*. SP: Companhia das Letras, 2008.

HOBBSBAWM, Eric. *Sobre história*. SP: Companhia das Letras, 2004.

LOWY, Michel. *Revoluções*. SP: Boitempo Editorial, 2009.

Bibliografia complementar:

BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder*. SP: UNESP, 1997.

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte*. SP: Cia das Letras, 1996.

GADDIS, John Lewis. *História da Guerra Fria*. RJ: Nova Fronteira, 2006.

SAUNDERS, Frances Stonor. *Quem pagou a conta? A CIA na Guerra fria da Cultura*. RJ: Record, 2008.

WINOCK, Michel. *O século dos intelectuais*. Rio de Janeiro, Bertrand do Brasil, 2001.

Tópicos Especiais em História Contemporânea 4 – 60h

Ementa: A disciplina tem como objetivo o estudo dos elementos que configuram a História a partir de 1980 no âmbito da História Contemporânea do século XX até os dias atuais. Os marcos que a delimitam são, de um lado, a discussão sobre a crise mundial do capitalismo, o surgimento do neo-liberalismo e da globalização. De outro lado, o surgimento da onda

de manifestações desde a Primavera Árabe à Ucrânia de hoje. Busca-se entender, a partir de leitura da imprensa e da historiografia, o Tempo Presente.

Bibliografia básica:

- CASTELLS, Manuel. *Fim de Milênio*. São Paulo, Paz e Terra, V.3, 2001.
 REIS FILHO, Daniel e outros. *O Século XX*. Rio de Janeiro, Record, 2002.
 TEIXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos. *Enciclopédia de Guerras e Revoluções do Século XX*. Rio de Janeiro, Campus, 2004.

Bibliografia complementar:

- COSTA, Darc e TEIXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos. *Mundo Latino e Mundialização*. Rio de Janeiro, Mauad, 2004.
 COURMONT, B.e RIBNIKAR, D. *Les Guerres Asymétriques*. Paris, PUF, 2003.
 DELL VALLE, Alexandre. *Guerras contra a Europa*. Rio de Janeiro, Bom texto, 2003.
 HEISBOURG, François. *Hyperterrorisme: la nouvelle guerre*. Paris, Jacob, 2003.
 HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Extremos*. São Paulo, Cia das Letras, 1995

Tópicos Especiais em História Cultural – 60h

Ementa: Problematização das articulações entre História e Cultura como meio de dar visibilidade a métodos e estratégias capazes de possibilitar um fazer historiográfico cujo foco prioritário se concentre em uma História Cultural do Social. Identidades e representações como expressões culturais construídas historicamente, proporcionando jogos simbólicos e códigos sociais como frutos da criação humana em diferentes espaços e tempos.

Bibliografia Básica:

- SCHWARCZ, Lilia. & GOMES, Nilma. *Antropologia e História*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
 SCHWARTZMAN, Simon. *A Redescoberta da Cultura*. São Paulo: Edusp, 1997.
 WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

Bibliografia Complementar:

- GEERTZ, Clifford. *Saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. 7. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.
 MELLO, Luiz Gonzaga. *Antropologia Cultural: iniciação, teoria e temas*. 10. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.
 ROCHA, Everardo P. G. *O que é etnocentrismo*. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, Col. Primeiros Passos, 2004.
 SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Raça e diversidade*. São Paulo: Edusp, 1996.
 ELIAS, Norbert. *O processo civilizador dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

Tópicos Especiais em História da África 1 – 60h

Ementa: A proposta da disciplina é analisar as organizações sociais e políticas dos estados africanos antes da chegada dos europeus, e posteriormente no contexto da abertura do mercado Atlântico de escravos. O objetivo principal é caracterizar os africanos como agentes históricos, analisando as organizações de poder e as hierarquias sociais responsáveis pelas alianças e conflitos entre os povos da África Centro Ocidental. Na sequência o debate é dedicado aos desdobramentos das atividades responsáveis pelo fornecimento de escravos e os desdobramentos ocorridos nas organizações políticas e sociais dos povos que habitavam Angola, Congo, Benguela, Cabinda e Cassanje.

Bibliografia básica: LOVEJOY, Paul. A escravidão na África: uma história de suas transformações. RJ: Ed. Civilização Brasileira, 2002.

SILVA, Alberto da Costa e. Da manilha ao libambo. A África e a escravidão (1500 a 1700). RJ: Fund. BN, 2014.

THORNTON, John. A África e os africanos na formação do Mundo Atlântico. RJ: Ed. Campus, 2004

Bibliografia complementar:

BIRMINGHAM, David. Alianças e conflitos. Os primórdios da ocupação estrangeira em Angola (1483-1750). Luanda, 2004.

FAGE, John. História da África. Lisboa: Ed. 70, 1995.

HEINTZE, Beatrix. Angola nos séculos XVI e XVII. Luanda: Ed. Kilolombe, 2007.

ILLIFFE, John. Os africanos. História dum continente. Lisboa: Ed. Terramar, 1999.

MILLER, Joseph. Poder político e parentesco. Os antigo Estado Mbundu em Angola. Luanda: AHN, 1995

Tópicos Especiais em História da Alagoas 1 – 60h

Ementa: A disciplina tem por intenção aprofundar temáticas específicas sobre a História de Alagoas em diversas temporalidades (Colônia, Império & República).

Bibliografia Básica:

BRANDÃO, Moreno. *História de Alagoas*. Maceió: Sergasa, 1981.

COSTA, Craveiro. *História das Alagoas*. Maceió: Sergaça, 1983.

LINDOSO, Dirceu. *Formação de Alagoas Boreal*. Maceió: Cataventos, 2000.

Bibliografia complementar:

CAETANO, Antonio Filipe Pereira (Org). *Alagoas e o Império Colonial Português: Ensaio de Poder e Administração*. Maceió: Cepal, 2010.

BRANDÃO, Otávio. *Canais e Lagoas*. Maceió: Edufal, 2009.

DIEGUES JR., Manuel. *O Banguê nas Alagoas*. Maceió: Edufal, 2006.

MACIEL, Osvaldo (org.). *Pesquisando (n)a Província*. Arapiraca: Uneal, 2011.

LINDOSO, Dirceu. *Utopia Armada*. Maceió: Edufal, 2005.

Tópicos Especiais em História da Alagoas 2 – 60h

Ementa: A disciplina enfatiza alguns aspectos do contexto político alagoano durante o período republicano, em particular, os acontecimentos políticos de 1930 a 1964. Dialoga com os marcos históricos da Proclamação da República, da Revolução de 1930 e o Estado Novo, da redemocratização a partir de 1946, do Regime Militar de 1964 e da transição democrática pós 1985.

Bibliografia Básica:

CARVALHO, Cícero Péricles de. *Alagoas 1980-1992: a esquerda em crise*. Maceió/AL, Edufal/Lúmen/Engenho, 1993.

SALDANHA, Alberto (org.) *A indústria têxtil, a classe operária e o PCB em Alagoas*. Maceió/AL, Edufal, 2011.

TENÓRIO, Douglas Apratto. *A Tragédia do Populismo: o impeachment de Muniz Falcão*. Maceió/AL, Edufal, 1995.

Bibliografia Complementar:

ALMEIDA, Luiz Sávio de. *Chronicas alagoanas II: notas sobre poder, operários e comunistas em Alagoas*. Maceió/AL, Edufal, 2006.

CABRAL, Luiz Antonio Palmeira. *Planos de desenvolvimento de Alagoas: 1960-2000*. Maceió/AL, Edufal, 2005.

LIRA, Fernando José. *Formação da Riqueza e da Pobreza de Alagoas*. Maceió/AL, Edufal, 2007.

MACIEL, Osvaldo. *Trabalhadores, Identidade de Classe e Socialismo: os gráficos de Maceió (1895-1905)*. Maceió/AL, Edufal, 2009.

MEDEIROS, Fernando Antonio Mesquita de. *O homo inimicus: igreja, ação social católica e imaginário anticomunista em Alagoas*. Maceió/AL, Edufal, 2007.

Tópicos Especiais em História do Brasil 1 – 60h

Ementa: A disciplina tem por intenção aprofundar temáticas específicas sobre a história do Brasil Colônia. Sugere-se, ainda a verticalização temática para as áreas política (Escravidão e racismo; Sociedades Indígenas; Estado e Nação; Cidadania e Direitos; Instituições Políticas e Poderes Públicos; História intelectual e Cultura Política; Educação e poder; Imprensa e a prática política; Saber, ciência e o poder); econômica (Economia Colonial; Casa Grande & Senzala: o mundo açucareiro; História agrária: estruturas fundiárias e o uso da terra; História urbana, comércio e indústria; Economia agroexportadora; e cultural (Literatura; Arte; Música; Religiosidade e Inquisição; Folclore; Renascimento, Barroco, Racionalismo e Ilustração; Cultura Erudita e Cultura Popular; História da Leitura; Intelectuais: obra e trajetória; Família, Gênero e Sexualidade; Manifestações culturais; Identidades étnicas e gêneros; Religiosidade e História das Religiões no Brasil).

Bibliografia básica:

HOLANDA, Sérgio Buarque de (Dir.) *História Geral da Civilização Brasileira*. São Paulo: Bertrand Brasil, 1993.

MOTA, Carlos Guilherme (Org.) *Brasil em Perspectiva*. São Paulo: Difel, 1980.

NOVAIS, Fernando (Dir.) *História da Vida Privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 4 Volumes, 1999.

Bibliografia Complementar:

LINHARES, Maria Yeda (Org.) *História Geral do Brasil*. Rio de Janeiro: Campus, 1990.
 NEVES, Guilherme Pereira das, SANTOS, Ana Maria, GONÇALVES, Williams da Silva & MACHADO, Humberto Fernandes (Orgs.). *História do Brasil – De Terra Ignota ao Brasil Atual*. Rio de Janeiro: Editora Multimídia, 2002.
 WEHLING, Arno e WEHLING, Maria J. C. *Formação do Brasil Colonial*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

Tópicos Especiais em História do Brasil 2 – 60h

Ementa: A disciplina tem por intenção aprofundar temáticas específicas sobre a História do Brasil entre os anos de 1808 e 1889. Neste sentido sugere-se a verticalização temática para as relações sociais existentes na época em seus aspectos políticos, econômicos, religiosos e culturais.

Bibliografia básica:

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. *História da Vida Privada no Brasil: Império: a corte e a modernidade nacional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
 FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos: Introdução à História da Sociedade Patriarcal no Brasil – 2*. São Paulo: Global, 2006.
 CARVALHO, José Murilo de. *A Construção da Ordem: a elite política imperial; Teatro de Sombras – A política imperial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

Bibliografia complementar:

COSTA, Emília Viotti da. *Da Monarquia a República: momentos decisivos*. 7. ed. São Paulo: Ed. da UNESP, 1999.
 FREYRE, Gilberto. *Vida social no Brasil nos meados do século XIX*. São Paulo: Global, 2006.
 REIS, João José. *A Morte é uma Festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
 SCHWARCZ, Lilia Moritz. (Dir.) *História do Brasil Nação: 1808-2010*. CARVALHO, José Murilo. (Org.) *A construção nacional 1830-1889*. Vol. 2. Madri: Fundação Mapfre; Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.
 VAINFAS, Ronaldo. *Dicionário do Brasil imperial: 1822-1889*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

Tópicos Especiais em História do Brasil 3 – 60h

Ementa: O populismo no Brasil - A disciplina desenvolve a análise da trajetória da categoria populismo nas ciências sociais do Brasil. Identifica as origens da força explicativa desta categoria para os acontecimentos políticos de 1930 a 1964. Debate os

limites desta construção histórica e sua insuficiência na interpretação da Era Vargas e do projeto nacional-estatista. Dialoga com essa tradição na história do tempo presente.

Bibliografia Básica:

FERREIRA, Jorge. (org.). *O populismo e sua história – debate e crítica*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2001.

IANNI, Octavio. *O Colapso do Populismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

WEFFORT, Francisco. *O Populismo na Política Brasileira*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

Bibliografia Complementar:

FERREIRA, Jorge & REIS, Daniel Aarão (orgs.). *As Esquerdas no Brasil*, vol. 3 - revolução e democracia (1964/...). Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2007.

FERREIRA, Marieta de Moraes (coord.). *João Goulart: entre a memória e a história*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006.

GOMES, Angela de Castro. *Vargas e a crise dos anos 50*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1994.

GORENDER, Jacob. *Combate nas Trevas: a esquerda brasileira, das ilusões perdidas à luta armada*. 4ª ed. São Paulo: Ática, 1990.

REIS, Daniel Aarão. *Ditadura Militar, esquerdas e sociedade*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

Tópicos Especiais em História do Brasil 4 – 60h

Ementa: O golpe de 64: suas interpretações e análises. Os governos militares e a política militar do Cone Sul, a implementação da economia dependente do imperialismo norte-americano.

Bibliografia Básica:

CAVALCANTE, Berenice; STARLING, Heloisa; EISENBERG, José. *Decantando a República: inventário histórico e político da canção popular moderna brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira & São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

FERREIRA, Jorge, DELGADO, Lucília. *O Brasil Republicano*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003 (volumes 2, 3 e 4).

REIS, RIDENTI, MOTTA (orgs.). *O golpe e a ditadura militar: 40 anos depois*. São Paulo: EDUSC, 2004.

Bibliografia Complementar:

LENHARO, A. *Sacralização da política*. Campinas: UNICAMP/ Papyrus, 1989.

REIS, Fábio W. & O'DONNELL, Guillermo (orgs.). *A democracia no Brasil: dilemas e perspectivas*. São Paulo. Vértice, 1988.

SCHWARCZ, Lilia. *História da Vida Privada no Brasil: Contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. *A invenção do trabalhismo*. São Paulo. Vértice / Iuperj, 1988.

MOTTA, Rodrigo P. S. *Introdução à História dos Partidos Políticos*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

Tópicos Especiais em América Latina 1 – 60h

Ementa: A história das sociedades à margem. As tribos indígenas no período colonial e suas localidades geográficas. O fluxo de migração pelo processo de ocidentalização, o enfrentamento indígena ao bandeirante e as formas de mestiçagem das duas culturas. A política getulista e o ‘redescobrimento’ dos índios. As formas de políticas públicas de proteção às comunidades indígenas.

Bibliografia Básica:

BETHELL, Leslie (org.). *História da América Latina – América Latina Colonial*. Vol. 1. São Paulo: EDUSP, 1999.

SCHWARTZ, Stuart B. & LOCKHART, James. *A América Latina na época colonial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

Bibliografia Complementar:

BLACKBURN, Robin. *A construção do escravismo no Novo Mundo*. São Paulo: Record, 2003.

GRUZINSKI, Serge. *O Pensamento Mestiço*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

KARNAL, Leandro. *Estados Unidos: a formação da Nação*. São Paulo: Contexto, 2001.

ROMERO, José Luis. *América Latina: as cidades e as idéias*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2004.

TODOROV, Tzvetan. *A Conquista da América*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

Tópicos Especiais em América Latina 2 – 60h

Ementa: Analisar os conflitos ambientais, dando ênfase nos países da América Latina. Perceber, também, as relações entre o meio ambiente, as políticas públicas de preservação ou não, as formações étnicas, os interesses econômicos e as relações com a ecologia: suas formas de degradação ambiental e o impacto ambiental com o surgimento da economia capitalista. Estudar as lideranças católicas e suas ideologias no impacto dos conflitos ambientais, principalmente nas áreas de preservação e assentamentos indígenas na América Latina.

Bibliografia Básica:

ACOT, Pascal. *História da Ecologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1990.

BURSZTYN, Marcel. *Para Pensar o Desenvolvimento Sustentável*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

DEAN, Warren. *À ferro e fogo: a História e a devastação da Mata Atlântica*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

Bibliografia Complementar:

BELLOTTO, Manoel Lelo e CORRÊA, Anna Maria Martinez. *Bolívar e a luta pela independência da América: ação e pensamento político*. In: Simón Bolívar. São Paulo: Ática, 1983 (Coleção Grandes Cientistas Sociais, 40).

DIVINE, R. A. et al. *América: passado e presente*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1992.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *Americanos*. Representações da identidade nacional no Brasil e nos EUA. Alagoas: Editora UFMG/Humanitas, 2000.

NOIRIEL, Gérard. *Repensar o Estado - nação*. São Paulo: Element. s/d.

SOARES, Gabriela Pellegrino e COLOMBO, Sylvia. *Reforma Liberal e Lutas Camponesas na América Latina: México e Peru nas últimas décadas do século XIX e princípios do XX*. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 1999.

Tópicos Especiais em História do Trabalho e dos Trabalhadores – 60h

Ementa: Num primeiro momento, realiza-se a introdução aos fundamentos teórico-metodológicos das categorias “trabalho” e “classe” a partir da leitura de clássicos da filosofia, das ciências sociais e da história. Num segundo momento, objetiva-se discutir o modo como estas categorias apresentam-se na produção historiográfica mais recente.

Bibliografia Básica:

LINEBAUGH, Peter e REDIKER, Marcus. *A hidra de muitas cabeças: marinheiros, escravos, plebeus e a história oculta do Atlântico revolucionário*. Tradução de Berilo Vargas. São Paulo: Cia. das letras, 2008.

LUKÁCS, Georg. *História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista*. Tradução de Rodnei Nascimento e revisão de Karina Jannini. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MARX, Karl. *El capital – crítica de La Economía Política*. Tradução de Wenceslao Roces. México: Fondo de Cultura Económica, 1975.

Bibliografia Complementar:

ANTUNES, Ricardo. *Os sentidos do trabalho: ensaios sobre a afirmação e a negação do trabalho*. 3 ed. São Paulo: Boitempo, 2000.

BRAVERMA, Harry. *Trabalho e capital monopolista: a degradação do trabalho no século XX*. Tradução de Nathanael Caixeir. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

HOBBSBAWM, Eric. *Mundos do trabalho*. 2 ed. Tradução de Waldea Barcellos e Sandra Bedran, com revisão técnica de Edgar de Decca e Michael Hall. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

THOMPSON, Edward P. *Tempo, disciplina de trabalho e o capitalismo industrial*. In: Costumes em comum: estudos sobre cultura popular tradicional. Tradução de Rosaura Eichemberg. São Paulo: Cia. das Letras, 1998, (pp. 267/304).

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Tradução de Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2002.

Tópicos Especiais em História Indígena 1 – 60h

Ementa: Estudo do transcurso histórico e cultural das sociedades indígenas no atual território brasileiro, desde os primeiros grupos de caçadores-coletores do período

Paleoíndio até os tempos atuais, a saber: a) os índios antes do contato com os europeus; b) a conquista ibérica dos índios no Brasil; c) os índios no contexto do Brasil moderno; d) a presença indígena no atual território brasileiro.

Bibliografia Básica:

- HAUBERT, M. Índios e jesuítas no tempo das Missões. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.
 LÉVI-STRAUSS, C. Tristes trópicos. Trad. Rosa Freire D'Aguiar. São Paulo: Cia. Das Letras, 1996.
 KERN, A. A. Descoberta e colonização da América: impactos e contatos entre as sociedades indígenas e européias. América 92: 5 séculos de história, 500 anos de luta. Porto Alegre: Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1992. p. 3-6.

Bibliografia complementar:

- BOM MEIHY, J. C. S. Canto de Morte Kaiowá : história oral de vida. São Paulo: Loyola, 1991.
 CUNHA, M. C. da (org.). História dos índios no Brasil. São Paulo: FAPESP/SMC/Cia das Letras, 1992.
 FERNANDES, F. Organização social dos Tupinambás. São Paulo: Difel, 1963.
 GOMES, M. P. Os índios e o Brasil: ensaio sobre um holocausto e sobre uma nova possibilidade de convivência. 2. ed. Petrópolis : Vozes, 1991.
 MONTEIRO, John M. Negros da terra. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

Tópicos Especiais em História Medieval 1 – 60h

Ementa: Estudar as relações política, social, econômica e cultural que durante a idade média foram, a partir de conflitos e adaptações, constituindo a estrutura da Igreja Católica Romana. As temáticas abordadas perpassam a formação da hierarquia eclesiástica na Alta Idade Média; o monasticismo alto medieval; Conflitos entre Igreja Romana e Igreja Ortodoxa bizantina; Relação entre Igreja e Império Carolíngio; Reforma e sacralização da Igreja nos séculos XI e XII; O cristianismo do século XII: as ordens mendicantes e o mundo urbano; relação entre cristãos e muçulmanos; limites e contestação do cristianismo; A relação entre Estado e Igreja no final da Idade Média; a reforma protestante.

Bibliografia básica:

- CAVALLO, Guglielmo e CHARTIER, Roger (org.). *História da leitura no mundo ocidental*. V.1. São Paulo: Atica, 2002.
 CHARTIER, Roger. *A história cultural*. Entre práticas e representações. São Paulo: Editora Difel, s/d.
 LE GOFF, Jacques. *O maravilhoso e o cotidiano no Ocidente Medieval*. Lisboa: Edições 70, 1985.

Bibliografia complementar:

- BROWN, Peter. *Santo Agostinho*. Uma Biografia. Rio de Janeiro: Record, 2005.
 ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1998.
 FRANCO JUNIOR, Hilário. *A Idade Média*. Nascimento do Ocidente. São Paulo: Brasiliense, 2001.
 GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1978.

LE GOFF, Jacques e SCHIMITT, Jean-Claude. *Dicionário temático do Ocidente medieval*. Bauru: EDUSC, 2002

Tópicos Especiais em História Moderna 1 – 60h

Ementa: Estudos sobre a formação e o desenvolvimento das ideias e mentalidades no mundo moderno, em seus três períodos fundamentais: Renascimento, Barroco e Iluminismo.

Bibliografia Básica:

HELLER, Agnes. *O homem do Renascimento*. Lisboa: Presença, 1982.

VILLARI, Rosario (org.). *O homem Barroco*. Lisboa: Presença, 1995.

VOVELLE, Michel (org.). *O homem do Iluminismo*. Trad. Maria Georgina Segurado. Lisboa: Presença, 1997.

Bibliografia Complementar:

ARIÉS, Philippe e CHARTIER, Roger. *História da Vida Privada* volume 3: Da Renascença ao século das Luzes. 11ª reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1996.

DELUMEAU, Jean. *História do Medo no Ocidente 1300-1800*. Uma cidade sitiada. 2ª reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

KOYRÉ, Alexandre. *Do mundo fechado ao universo infinito*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Forense, 2006.

MARAVALL, José Antonio. *A cultura do Barroco*. Análise de uma estrutura histórica. São Paulo: EdUSP, 1997.

Tópicos Especiais em História Patrimônio Histórico-Cultural – 60h

Ementa: Memória e Patrimônio – a construção dos legados na História. Histórico, conceitos e concepções de patrimônio. Patrimônios e Identidades – formação de sistemas simbólicos e representações. Patrimônio histórico-cultural do Brasil – problemas e perspectivas. Histórico das políticas patrimoniais no Brasil. Patrimônios e representações – experiências dentro e fora das esferas do Estado. Educação patrimonial – práticas e experiências.

Bibliografia básica:

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.

CASTRIOTA, Leonardo Baci. *Patrimônio cultural: conceitos, políticas, instrumentos*. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: IEDS, 2009.

LEMOES, Carlos A. C. *O que é patrimônio histórico*. Coleção Primeiros Passos, V. 51. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

Bibliografia complementar:

CASTRO, Sonia Rabelo de. *O estado na preservação de bens culturais*. Rio de Janeiro: Livraria e Editora Renovar, 1991.

- CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Editora UNESP, 2001.
- CURY, Isabelle. (org.). *Cartas Patrimoniais*. Rio de Janeiro: IPHAN, 2000.
- FONSECA, Maria Cecília Londres. *O patrimônio em processo*. Rio de Janeiro: UFRJ/IPHAN, 1997.
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *A retórica da perda*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/MINC-IPHAN, 2002.

Tópicos Especiais em Teoria e Metodologia em História – 60h

Ementa: O objetivo da disciplina é apresentar temas diversos relacionados à pesquisa histórica e problematizar os seus processos. Também reforçar a aplicação do método histórico através da leitura de historiografias específicas, análise e crítica de fontes de diferentes tipologias, lugares e temporalidades e oficina de projetos.

Bibliografia Básica:

- ARÓSTEGUI, Julio. *A Pesquisa Histórica: teoria e método*. Bauru: Edusc, 2006.
- CARDOSO, Ciro Flamarion; BRIGNOLI, Hector Pérez. *Os Métodos da História*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2002.
- CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

Bibliografia Complementar:

- ARAÚJO, Emanuel. *A construção do livro: princípios técnicos de editoração*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1986.
- ECO, Humberto. *Como se faz uma tese*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1997.
- MATTAR, João. *Metodologia Científica na Era da Informática*. São Paulo: Editora Saraiva, 2005.
- PINSKY, Carla (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2008.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Editora Cortez, 2002.

XIV- Ordenamento Curricular

CURSO	HISTÓRIA
HABILITAÇÃO	*****
TURNO	NOTURNO
ANO DO PROJETO PEDAGÓGICO	2015
MODALIDADE	LICENCIATURA

1º Semestre

Disciplina	Carga Horária			
	Semanal	Teórica	Prática	Total
História Antiga	4	40	20	60
Antropologia Cultural	2	20	10	30
Teoria Sociológica	2	20	10	30
Organização do Trabalho Acadêmico	4	40	20	60
Introdução aos Estudos Históricos	4	40	20	60
Profissão Docente	4	40	20	60
CARGA HORÁRIA TOTAL DO SEMESTRE				300

2º Semestre

Disciplina	Carga Horária			
	Semanal	Teórica	Prática	Total
História Medieval	4	40	20	60
Historiografia Geral	4	40	20	60
Metodologia do Ensino de História	4	40	20	60
Política e organização da Educação Básica no Brasil	4	40	27	67
ELETIVA	4	40	20	60
CARGA HORÁRIA TOTAL DO SEMESTRE				307

3º Semestre

Disciplina	Carga Horária			
	Semanal	Teórica	Prática	Total
Projeto Integrador 1: Fontes Manuscritas e Impressas	2	0	40	40
História do Brasil 1	4	40	20	60
História da América 1	4	40	20	60
História Moderna	4	40	20	60
Historiografia Brasileira	4	40	20	60
Desenvolvimento e Aprendizagem	4	40	27	67
CARGA HORÁRIA TOTAL DO SEMESTRE				347

4º Semestre

Disciplina	Carga Horária			
	Semanal	Teórica	Prática	Total
Projeto Integrador 2: Fontes Iconográficas e Fotográficas	2	0	40	40
História do Brasil 2	4	40	20	60
História da América 2	4	40	20	60
Teoria da História	4	40	20	60
Métodos da História	4	40	20	60
Planejamento, Currículo e Avaliação da Aprendizagem	4	40	27	67
CARGA HORÁRIA TOTAL DO SEMESTRE				347

5º Semestre

Disciplina	Carga Horária			
	Semanal	Teórica	Prática	Total
Projeto Integrador 3: Fontes Orais	2	0	40	40
História Contemporânea 1	4	40	20	60
História do Brasil 3	4	40	20	60
Técnicas de Pesquisa	4	40	20	60
Projeto Pedagógico, Organização e Gestão do Trabalho Escolar	4	40	27	67
Estágio Supervisionado I	-	-	100	100
CARGA HORÁRIA TOTAL DO SEMESTRE				387

6º Semestre

Disciplina	Carga Horária			
	Semanal	Teórica	Prática	Total
Projeto Integrador 4: Fontes Audiovisuais	2	0	40	40
História Contemporânea 2	4	40	20	60
História do Brasil 4	4	40	20	60
História de Alagoas 1	4	40	20	60
ELETIVA	4	40	20	60
Estágio Supervisionado II	-	-	100	100
CARGA HORÁRIA TOTAL DO SEMESTRE				380

7º Semestre

Disciplina	Carga Horária			
	Semanal	Teórica	Prática	Total
Projeto Integrador 5: Fontes Digitais	2	0	40	40
História da África 1	4	40	20	60
História de Alagoas 2	4	40	20	60
Arquivos e Museus	5	27	40	67
Libras	4	40	20	60
Estágio Supervisionado III	-	-	100	100
CARGA HORÁRIA TOTAL DO SEMESTRE				387

8º Semestre

Disciplina	Carga Horária			
	Semanal	Teórica	Prática	Total
História da África 2	4	40	20	60
História Indígena	4	40	20	60
ELETIVA	4	40	20	60
Seminário de Trabalho Acadêmico 1	4	40	20	60
Estágio Supervisionado IV	-	-	100	100
CARGA HORÁRIA TOTAL DO SEMESTRE				340

9º Semestre

Disciplina	Carga Horária			
	Semanal	Teórica	Prática	Total
Seminário de Trabalho Acadêmico 2	4	40	20	60
ELETIVA	4	40	20	60
CARGA HORÁRIA TOTAL DO SEMESTRE				120

Carga Horária

Disciplinas do curso	2915 horas
Estágio Supervisionado	400h
Atividades acadêmicas, científicas e culturais (parte flexível)	200h
Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)	120 horas
Carga Horária total do Curso	3235 horas

XV- Atividades Complementares

O Curso de História Licenciatura prevê um total de 200 horas em atividades complementares, distribuídas entre os 9 semestres letivos. Estas atividades podem ser realizadas em forma de participação em seminários, congressos, encontros e cursos de extensão, palestras, visitas a instituições de pesquisa e arquivos com apresentação de relatórios etc.

Poderão ainda ser consideradas como atividades acadêmicas complementares as aulas práticas realizadas fora do ambiente das salas de aula da Universidade, quer sejam uma complementação dos conteúdos ministrados ou, dependendo da natureza de cada disciplina, um conteúdo totalmente novo, ministrados em um ambiente propício para o aproveitamento pleno de tal evento, como por exemplo, Museus, Arquivos, Bibliotecas, Institutos de Pesquisa, Galerias de Arte etc., desde que exista um plano de trabalho a ser executado pelo professor e que seja exigida a frequência dos alunos em tal evento. As viagens de estudo a municípios ou cidades históricas, alagoanas ou de qualquer outra região do Brasil, também farão parte das Atividades Complementares, desde que comprovada a sua importância para a qualificação ou aperfeiçoamento dos conteúdos ministrados, e que esse trabalho seja coordenado por professores, de forma inter ou multidisciplinar, homologado pelo Colegiado ou pela Coordenação.

XVI- Avaliação

O sistema de avaliação do Projeto Pedagógico do Curso História Licenciatura é realizado em três dimensões: (a) avaliação do corpo discente; (b) do corpo docente e (c) do próprio Projeto Pedagógico do Curso.

a) O sistema de avaliação do corpo discente observa o disposto na Resolução nº 25/2005 CEPE, de 26 de outubro de 2005, Arts 11 a 18.

b) O sistema de avaliação do corpo docente, busca identificar uma certa combinação entre teoria da História e teoria da Educação utilizadas no processo ensino-aprendizagem pelo profissional em Ciência da História e assume o fato de que:

O essencial da crítica é direcionado a um ensino que os autores, de modo geral, denominam “tradicional-positivista” por se tratar de um modelo que: concebe a história como ciência especializada no estudo do passado; trabalha com uma noção de tempo histórico evolucionista, linear, homogêneo, episódico e determinista, rumo ao progresso inevitável; propõe a construção do Estado-nação e da identidade nacional através de uma memória unívoca e do legado de um passado visto na sua homogeneidade, sem diferenças étnicas, contradições ou conflitos sociais; acredita na neutralidade científica e oferece um conhecimento histórico pronto, sem compromisso com a vivência dos alunos; apresenta os conteúdos fragmentados em fatos, idealizados pelas biografias de homens ilustres, cujos modelo e viés são ocidentais e, principalmente, eurocêtricos; privilegia a transmissão-assimilação dos conteúdos na sua factualidade, não oportunizando que o aluno construa referenciais para pensar o processo histórico e perceber-se como sujeito da história. (CAIMI, 2001, p. 180)

Concretizar-se, portanto, mediante a elaboração de determinados instrumentos de avaliação (questionários, censo estatístico de autores e bibliografias empregados, produção científica, análise do uso de métodos didático-pedagógicos etc.) que permitam observar e constatar uma atitude diversa da anteriormente criticada. Por exemplo, valorizando do desenvolvimento do ensino-aprendizagem os homens como sujeitos da História; entendendo a História como um processo global múltiplo, cheio de contradições e conflitos; trabalhando com a categoria de “multiplicidade do tempo histórico”; enfatizando o caráter científico da História, seu sentido instrumental para a compreensão e interpretação da realidade e caracterizando a História-problema, quer dizer, a História que

seja significativa para os alunos na sua experiência atual; uma vez que *“pensar historicamente significa recuperar as relações que se estabeleceram entre os grupos humanos no desenvolvimento de suas atividades, nos diferentes tempos e espaços, percebendo permanências, mudanças, semelhanças, diferenças e simultaneidades”* (CAIMI, 2001, p. 182-3)

c) O sistema de avaliação do Projeto Pedagógico do Curso contextualizado no espírito da instituída “Década da Educação” (LDBEN, Título IX, Art. 87) e “em sintonia com a Declaração Mundial sobre a Educação para Todos” (§ 1º), institucionalmente, e uma vez que, de modo geral, a “duração exigida como completa, jamais situa a conclusão da maioria dos cursos de graduação de ensino superior abaixo de 3 anos e o número de 4 anos tem sido uma constante para a delimitação dos cursos de graduação no Brasil” (Parecer nº 28/2001 CNE/CP), deverá acontecer em um prazo cronológico frequente de 3 ou 4 anos, enfatizando, entre outras coisas, a organização didático-pedagógica (administração acadêmica, projeto do curso, atividades acadêmicas articuladas ao ensino de graduação), o corpo docente (formação profissional, condições de trabalho, atuação e desempenho acadêmico e profissional) e infra-estrutura (instalações gerais, biblioteca, instalações e laboratórios específicos), sem esquecer que, nesta nova concepção de Universidade e de Unidade Acadêmica onde o Curso de História Licenciatura acontece, *“O único juiz legítimo desta consecução é a gente do povo, não os estudantes nem os professores, mas a própria população cujas necessidades e carências se procura suprir”* (RIBEIRO, 1991, p. 268). Cabe ao Colegiado do Curso a sistematização deste processo de avaliação, e ao Coordenador de Curso, ou a Grupo de Trabalho nomeado pelo Colegiado para este fim, sua execução.

XVII- Referências Bibliográficas

- ARENDDT, Hannah. *A Vida do Espírito*. São Paulo: Cia das Letras, 1998; *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense, 1995.
- BLOCH, Marc. *Apologia da História, ou O Ofício do historiador*. São Paulo: Zahar, 2001.
- CAIMI, Flávia Eloísa. *Conversas e Controvérsias: o ensino de História no Brasil (1980-1998)*. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2001.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Meio ambiente e ensino de História. In: *História & Ensino*. Londrina, PR. v. 9, 2003, pp. 63-96.
- _____. *Ensino de História. Fundamentos e Métodos*. São Paulo, 3ª Edição, Cortez, 2009.
- BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas. Magia e Técnica, Arte e Política*. 7ª ed. Vol. 1. São Paulo, Brasiliense, 1994.
- CHAUÍ, Marilena. *Escritos sobre a Universidade*. São Paulo: UNESP, 2001.
- COLLINGWOOD, R.G. *Idea de la Historia*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.
- DOSSE, François. *A História em migalhas: dos Annales à Nova História*. São Paulo: EdUNICAMP, 1994.
- CHARTIER, Roger. *Cultura e Escrita, Literatura e História*. Porto Alegre, RS, ARTMED Editora, 2001.
- CASTANHO, S, e CASTANHO, M.E.L.M. (Org.). *O que há de novo na Educação Superior: do projeto pedagógico à prática transformadora*. Campinas, SP: Papirus, 2000.
- DUBY, Georges. *A História continua*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.
- DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*. 1. Artes de fazer. Trad. Ephraim Ferreira Alves. 20ªed. Petrópolis. Vozes: 2013.
- FONSECA, Thais Nivia de Lima e. *História & Ensino de História*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. Saberes necessários à prática educativa. 20ª Edição, São Paulo, Paz e Terra, 1996.
- GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais*. Morfologia e história. Trad. Federico Carotti. 1ª reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- GOODSON, Ivor F. *Currículo: teoria e história*. 12ª Edição, Rio de Janeiro, Vozes, 2012.
- HOBBSAWM, Eric. *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre (org.). *História: novas abordagens*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.
- _____. *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.
- _____. *História: novos problemas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.
- MARTINEZ, Paulo Henrique. Laboratório de História e meio ambiente: estratégia institucional na formação continuada de historiadores. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 24, nº 48, 2004, pp.233-251.
- PEREYRA, Carlos. “Historia, para qué?”. In: BONFIL BATALLA, Guillermo, et alli. *Historia, para qué?*. México: Siglo XXI, 1982.
- PIMENTA, Selma G. & LIMA, Maria do Socorro Lucena (Org.). *Estágio e Docência*. 7ª reimpressão, São Paulo, Cortez, 2013.
- RIBEIRO, Darcy. *A Universidade Necessária*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- RIBEIRO, Renato Janine. *Humanidades: um novo curso na USP*. São Paulo: EDUSP, 2001.

SILVA, Marco Antonio & FONSECA, Selva G. *Ensinar História no Século XXI: em busca do tempo entendido*. 4ª. Edição, Campinas, SP, Papyrus, 2007.

SANTOS, Boaventura de Souza. *Um Discurso sobre as Ciências*. Porto: Afrontamento, 2008.

TARDIF, M. *Saberes Docentes e Formação Profissional*. Petrópolis, RJ, Vozes, 2002.

VEIGA, I.P.A. “Projeto Político-Pedagógico: continuidade ou transgressão para acertar?”.

VEYNE, Paul. *O inventário das diferenças*. Lisboa: Gradiva, 1989.

NORMAS E LEGISLAÇÃO:

INSTRUÇÃO NORMATIVA Nº 03 PROGRAD/Fórum dos Colegiados, de 20 de setembro de 2013 - Dispõe sobre os procedimentos para reformulação dos projetos pedagógicos dos cursos de graduação da UFAL.

INSTRUÇÃO NORMATIVA Nº 02 PROGRAD/Fórum das Licenciaturas, de 27 de setembro de 2013 - Disciplina a construção de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) nos cursos de graduação da UFAL;

INSTRUÇÃO NORMATIVA Nº 01 PROGRAD/Fórum dos Colegiados - Disciplina a redução da carga horária de estágio curricular supervisionado para os alunos dos cursos de Licenciatura da UFAL que exercem atividade docente regular na Educação Básica.

RESOLUÇÃO Nº 52/2012-CONSUNI/UFAL – Dispõe sobre o Núcleo Docente Estruturante – NDE no âmbito da UFAL.

Parecer CONAES Nº 4, de 17 de junho de 2010 - Dispõe sobre o Núcleo Docente Estruturante – NDE;

Portaria nº 2.678/02 – Política Nacional de Ed. Especial na perspectiva da Ed. Inclusiva.

Lei 10.639 - Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.

Lei 11.645 - Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”;

Resolução nº 1, DE 17 DE JUNHO DE 2004. - Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

Decreto n. 5.626 de 22 de dezembro de 2005 - Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000.

Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002 - Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências;

Lei Nº 12.319, de 1º de setembro de 2010 - Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS;

Decreto nº 5.296/04 - Regulamenta as Leis nos 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências;

Resolução CNE/CP 1 de 18 de fevereiro de 2002 - Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena;

Resolução CNE/CES n. 02/2007 - Dispõe sobre carga horária mínima e procedimentos relativos à integralização e duração dos cursos de graduação, bacharelados, na modalidade presencial;

Portaria Normativa n. 40 de 12/12/2007 Institui o e-MEC, sistema eletrônico de fluxo de trabalho e gerenciamento de informações relativas aos processos de regulação, avaliação e supervisão da educação superior no sistema federal de educação, e o Cadastro e-MEC de Instituições e Cursos Superiores e consolida disposições sobre indicadores de qualidade, banco de avaliadores (Basis) e o Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (ENADE) e outras disposições .

Lei 9.795, de 27 de abril de 1999 - Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências.

Decreto n. 4.281 de 25 de junho de 2002, Regulamenta a Lei no 9.795, de 27 de abril de 1999, que institui a Política Nacional de Educação Ambiental, e dá outras providências.

Decreto nº 5.622, de 19 de dezembro de 2005, regulamenta o art. 80 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (LDB). (Oferta de disciplinas semipresenciais)

Cadastro de denominações consolidadas para Cursos de Graduação (bacharelado e licenciatura) do Ministério da Educação.

Referenciais Curriculares Nacionais dos Cursos de Bacharelado e Licenciatura do MEC.

Referenciais de Acessibilidade na Educação Superior e a Avaliação in Loco do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (Sinaes).

PARECER CNE/CP N.º 09/2001, Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação.

Resolução Nº 25/2005 - CEPE, de 26 de outubro de 2005, institui e regulamenta o funcionamento do Regime Acadêmico Semestral nos Cursos de Graduação da UFAL, a partir do ano letivo de 2006.

Resolução nº 113/95 – CEPE, de 13 de novembro de 1995, estabelece normas para o funcionamento da parte flexível do sistema seriado dos cursos de graduação.

Plano de Desenvolvimento Institucional da UFAL 2013-2017.

Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, conforme disposto na Lei Nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012.

ANEXOS

I

Quadro 1 – Alunos Formados no Curso História/Licenciatura

Ano	Anual (Noturno)	Anual (Diurno)	Semestral
1997	02	-	Não Existia
1998	05	04	
1999	14	05	
2000	58	23	
2001	16	09	
2002	48	28	
2003	54	32	
2004	45	27	
2005	40	30	
2006	55	32	
2007	30	16	-
2008	32	17	-
2009	20	37	-
2010	-	-	04
2011	-	-	05
2012	-	-	12
2013	1	-	16
2014	1	1	49
2015	-	-	7
Total	2	1	91

Fonte: Relatório NTI/UFAL de 2010 a 2015.1 - Curso História/Licenciatura – semestral. Acesso em 10/05/2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
Centro de Ciências Humanas, Comunicação e Artes
Licenciatura e Bacharelado em História

Resolução para Trabalho de Conclusão de Curso

REGULAMENTA NORMAS PARA A ELABORAÇÃO DO TCC (TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO) DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DA UFAL.

O COLEGIADO DO CURSO DE HISTÓRIA da Universidade Federal de Alagoas – no uso das atribuições legais que lhe são conferidas pelo ESTATUTO e REGIMENTO GERAL da UFAL de acordo com a deliberação tomada, por ampla maioria, na sessão ocorrida em 05 de novembro de 2010;

CONSIDERANDO que o *Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)* é um requisito indispensável para a colação de grau do Curso de História e obtenção do diploma de Licenciado e/ou Bacharel na UFAL, tendo como finalidade aproximar o aluno da pesquisa, suas concepções e condições de produção, além de permitir o conhecimento e a reflexão sobre o processo de produção na historiografia;

RESOLVE:

Art. 1º - Regulamentar as normas para a elaboração e produção do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de História da Universidade Federal de Alagoas, conforme esteja definido nesta Resolução.

Art. 2º - O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) deverá adquirir ao longo do curso o formato de Projeto de Pesquisa que deverá obedecer às regras de produção do trabalho científico e ser apresentado à Coordenação de TCC do Curso de História em forma de monografia, ou artigo para publicação, durante o último ano do curso, correspondente aos sétimos e oitavos períodos letivos, conforme as normas aprovadas pelo Colegiado do respectivo Curso de Graduação.

§ 1º - Caberá aos TCCs as seguintes regras **BÁSICAS** de elaboração:

- O Trabalho deverá estar inserido nas normas da ABNT atualizadas;
- O Trabalho constará em sua estrutura metodológica início, desenvolvimento e conclusão das ideias, fazendo referência às hipóteses ou ao problema a ser discutido pela monografia;
- O Trabalho deverá conter suas Referências Bibliográficas, com indicação de Fontes Primárias e Secundárias, se assim houver;
- O Trabalho deverá realizar a discussão do problema apresentado;
- A Ata de Defesa deverá estar agregada à monografia, constando entre as primeiras páginas.

Art. 3º - A elaboração do trabalho deverá ser feita individualmente.

Art. 4º - O tema da pesquisa será definido pelo orientando, preferencialmente, em conformidade com as linhas de pesquisa do orientador e do Curso de História.

Art. 5º - Não mais serão aceitos como TCC as revisões da historiografia sem uma referência analítica e crítica das produções atuais, e/ou relatos de caso sem fundamentação documental, porque estas formas de trabalho são compreendidas como modelos que antecedem ao desenvolvimento de pesquisa, elaborada de acordo com o método científico e com o Projeto Pedagógico do Curso.

Art. 6º - O orientador deverá fazer parte obrigatoriamente do quadro de docentes do Curso de História ou de outros Cursos da UFAL, se o colegiado ou o coordenador do curso permitir.

§ 1º - Caso não haja possibilidade de orientação por docente do curso, o aluno deverá procurar a Coordenação do TCC, que indicará possíveis orientadores entre os docentes do quadro do ICHCA, sendo exigido a titulação de Mestre ou Doutor para exercer o papel de orientador.

§ 2º - Caso o docente não seja Mestre ou Doutor só poderá ser co-orientador.

§ 3º - Docente de outra instituição poderá ser co-orientador de Trabalho de Conclusão de Curso de aluno da UFAL, sendo necessário enviar o seu currículo à Coordenação do TCC, que o avaliará e autorizará (ou não) o pleiteante a ser co-orientador e, neste caso, o projeto de pesquisa deverá ser apresentado junto ao currículo.

Art. 7º - A Coordenação do TCC, eleita pelo Colegiado do Curso a cada 12 meses, acompanhará os trabalhos, organizando seminários de apoio, com a presença obrigatória do orientador e mais docentes, em datas previamente definidas.

§ 1º - Caberá ao coordenador do TCC somente a obrigatoriedade de auxiliar e observar os trabalhos de monografia, promover o bom andamento do TCC quer seja por parte do orientando, quer seja por parte do orientador. Também caberá a este coordenador informar e deixar disponíveis aos alunos as normas da ABNT, as regras de produção monográficas do Curso, o modelo de Ata, as datas anuais para a produção do TCC e um **cronograma de atividades** (seminários, palestras, etc.) para auxiliar as necessidades do bom desempenho das monografias.

Art. 8º - Ao discente que não for aprovado, no prazo determinado, não será permitida a colação de grau na data prevista pelo Departamento de Registro e Cadastro Acadêmico (DRCA) e Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD).

Parágrafo Único - A colação de grau somente será permitida, em data posterior, após a apresentação final do TCC.

Art. 9º - Cada docente poderá orientar, **no máximo**, 8 (oito) trabalhos.

Art. 10 - Serão aceitos como TCC projetos de pesquisa de iniciação científica, vinculados às agências de fomento tais como CNPQ e FAPESP, concluídos em outras etapas do curso, desde que encaminhados para publicação ou publicados durante o sétimo ou oitavo período.

§ 1º - No caso de projetos de pesquisa não vinculados às agências de fomento, somente serão aceitos se encaminhados para publicação ou publicados durante o último período do curso.

§ 2º - A comprovação da publicação, ou o seu aceite em revista indexada, garantirá a nota máxima (dez), sendo o aluno dispensado da avaliação por banca examinadora do TCC.

§ 3º - A publicação em revista não indexada garantirá a aprovação, somente após a apresentação oral dos resultados e avaliação do artigo por uma banca examinadora.

Art. 11 - Em caso de Banca Examinadora, esta será constituída pelo orientador e 02 (dois) docentes indicados pelo orientador, os quais serão informados à Coordenação do TCC.

§ 1º - Caberá ao orientador optar pela apresentação dos TCCs de seus orientandos.

§ 2º - Excluindo-se a possibilidade da Apresentação de Banca do TCC, os trabalhos serão avaliados por uma comissão formada como determina o *caput* deste artigo, cabendo a nota ser divulgada em prazo estabelecido pelo Colegiado.

§ 3º - Os trabalhos reprovados serão novamente enviados para a correção de suas indicativas sugeridas pela Banca, tendo o aluno tempo hábil para sua devida correção e indicado novamente a um professor para sua segunda avaliação.

Art. 12 - O Discente será considerado aprovado (ou não), conforme nota conferida pela banca examinadora, sendo atribuída nota de valor quantitativo, variando de 0 (zero) a 10 (dez), por cada examinador, onde a nota final resultará da média aritmética das 03 (três) notas atribuídas.

§ 1º - Considera-se aprovado o TCC que obtiver nota maior ou igual a 7 (sete), conforme dispõe o Regimento Geral da UFAL.

§ 2º - Discentes cujos TCCs não forem aprovados somente poderão colar o grau e obter o diploma de licenciado ou Bacharel após reapresentarem a monografia ou artigo e este ser aprovado, observando-se as disposições legais em vigor.

§ 3º - Casos de plágios serão motivos para reprovação, cabendo ao aluno refazer seu TCC, se isto for acordado pela banca examinadora, e esta estipulará prazos para nova apresentação.

Art. 13 – Caso o orientador considere importante, caberá ao discente apresentar *pôster* ou fazer apresentação oral no Congresso Acadêmico da UFAL ou em outro evento científico, correspondente ao TCC, sendo exposto em conjunto com os dos demais alunos, cujo certificado da apresentação deverá ser entregue à Coordenação do TCC.

Art. 14 - A apresentação final deverá corresponder à forma de artigo científico, conforme as normas da revista a ser escolhida para publicação pelo orientador.

Art. 15 – A Coordenação de TCC apresentará, ao Colegiado de Curso, o Trabalho de Conclusão que tirou nota máxima e recebeu, por parte da banca avaliadora, indicação para publicação no edital para publicação de TCCs, elaborado pela Pró-Reitoria Estudantil.

Art. 16 - Deverão ser entregues à Coordenação do TCC 02 (duas) cópias impressas do trabalho, para envio à Biblioteca Central, e 01 (uma) cópia digitalizada em CD.

Art. 17 - Esta Resolução entrará em vigor nesta data, revogadas todas as disposições em contrário.

**Universidade Federal de Alagoas
Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes
Licenciatura & Bacharelado em História**

Resolução para o Programa de Monitoria

**REGULAMENTA NORMAS PARA
AS ATIVIDADES DE MONITORIA
DO CURSO DE HISTÓRIA DA
UFAL**

Os Colegiados dos cursos de História da Universidade Federal de Alagoas – no uso de suas atribuições legais que são conferidas pelo ESTATUTO e REGIMENTO GERAL de acordo com a deliberação tomada, por ampla maioria, na sessão ocorrida em 23 de maio de 2011.

Considerando o programa de MONITORIA com parte integrante da formação discente para aprimoramento das atividades de ensino, pesquisa e extensão;

RESOLVE:

I – Da Natureza do Programa

Art. 1º. O programa de monitoria desta I.E.S., conforme Resolução nº 55/2008-CONSUNI/UFAL, de 10 de novembro de 2008, tem por objetivo:

§1º – Contribuir para a qualidade de formação dos estudantes através da mediação dos monitores nos processos pedagógicos, criando condições para o aprofundamento teórico e para o desenvolvimento de habilidades relacionadas à atividade docente.

§2º – Criar condições de aprofundamento de conteúdos teóricos e para o desenvolvimento de habilidades relacionadas à atividade docente.

§3º – Contribuir para a melhoria do ensino de graduação, participando da implementação de novas práticas e experiências pedagógicas.

Art. 2º. O programa de monitoria é efetivado sob duas modalidades: com bolsa e sem bolsa.

II – Das Funções do Monitor

Art. 3º. Cabe ao monitor:

§1º– o auxílio em atividades como preparação de aulas e trabalhos teóricos ou práticos, bem como o acompanhamento de pequenos grupos de trabalho;

§2º– a facilitação do relacionamento professor-aluno, acompanhando o desenvolvimento de atividades, elucidando dúvidas dos alunos;

§3º – auxiliar o(s) professor(es) em tarefas didáticas, inclusive na preparação de materiais de aulas e trabalhos;

§4º – conhecer a Resolução nº 55/2008- CONSUNI/UFAL, de 10 de novembro de 2008;

§5º – apresentar relatórios (parcial e final) das atividades de monitoria.

III – Das Funções do Professor-Orientador

Art. 4º. Cabe ao Professor-Orientador:

§1º– participar da elaboração do plano de monitoria do curso (definição das atividades, cronograma e carga horária);

§2º – participar do processo de seleção dos monitores;

§3º – elaborar um roteiro de atividades;

§4º – orientar e assistir o monitor em suas atividades específicas, fornecendo-lhe subsídios ao desenvolvimento das mesmas acompanhando o cumprimento dos seus deveres de acordo com sua formação;

§5º – organizar, com o monitor, horário de trabalho que favoreça a prática da monitoria, sem prejuízo da sua presença na sala de aula das disciplinas em que estiver matriculado no semestre e em outras atividades necessárias à sua formação acadêmica;

§6º – controlar a frequência do monitor nas atividades;

§7º– a estes objetivos somam-se os previstos na Resolução nº 55/2008- CONSUNI/UFAL, de 10 de novembro de 2008;

§8º – se responsabilizar em disponibilizar ao monitor uma cópia da Resolução supracitada.

IV- Da Coordenação de Monitoria

Art. 5º. O Coordenador de Monitoria será escolhido pelos colegiados do curso no início de cada ano letivo, podendo se reconduzido na função por tempo indeterminado.

Art. 6º. Cabe ao coordenador de Monitoria:

§1º – Realizar a seleção dos professores candidatos a bolsa de monitoria.

§2º – Elaborar o edital de monitoria para discentes, afixando-os publicamente na unidade acadêmica.

§3º – Montar, acompanhar e divulgar os resultados do processo de seleção de monitoria para os discentes;

§4º – Disponibilizar informações sobre as atividades das monitorias quando for solicitado pela coordenação, pela coordenação de monitoria da unidade acadêmica e pela PROGAD.

§5º – Realizar o acompanhamento e avaliação da atividade de monitoria, reunindo os relatórios de atividades e encaminhando ao setor responsável.

§6º – Cumprir os itens exigidos por esta resolução.

V – Das Áreas Temáticas

Art. 7º. O programa de monitoria do curso terá como base a divisão equitativa das bolsas por áreas de concentração, respeitando a seguinte divisão:

Setor I – Teorias, Métodos e Técnicas da História;

Setor II – História do Brasil, História da América e História da África;

Setor III – História Geral (Antiga, Medieval, Moderna e Contemporânea);

Setor IV – História e Pesquisa Regional;

Art. 8º. As bolsas encaminhadas pela PROGAD serão divididas entre os setores temáticos, respeitando um rodízio entre os cursos de história bacharelado e licenciatura.

Art. 9º. O coordenador de monitoria do ano letivo será contemplado com uma bolsa, excluindo o setor temático no qual o mesmo está incluído nos critérios de escolha dos professores para aquele ano.

VI – Do Processo Seletivo Docente nas Áreas Temáticas

Art. 10º. Caberá a(o) coordenador(a) de monitoria realizar a seleção dos docentes no início de cada ano letivo dentro das áreas temáticas, aqueles que serão contemplados com as bolsas ofertadas para o curso.

Art. 11º. O processo seletivo respeitará os prazos estabelecidos pela PROGRAD no envio de informações;

Art. 12º. Estão aptos a concorrer à bolsa de monitoria os docentes que:

§1º–possuírem carga horária de ensino acima de 8 horas semanais;

§2º– terem entregado no semestre letivo de vigência da monitoria o Plano de Atividades Acadêmicas;

§3º–terem cumprido os prazos de relatórios de monitoria nos anos anteriores.

Art. 13º. O processo seletivo se dará através de apresentação de propostas do docente, contendo: a) formulário específico de monitoria oferecido pela Unidade Acadêmica; b) Plano de Atividades Acadêmicas do ano anterior;

Art. 14º. No início do ano letivo, o(a) coordenador(a) de monitoria abrirá edital para os docentes encaminharem propostas conforme o calendário institucional;

Art. 15º. De posse das propostas, a coordenação de monitoria obedecendo à rotatividade das áreas temáticas do curso concederá, em comum acordo com os colegiados do curso de história, os professores contemplados com as bolsas de monitoria para aquele ano.

Art. 16º. Os itens 10º ao 15º não estão incluídos as propostas de monitoria SEM BOLSA, que serão apenas avaliadas pelo coordenador e aprovadas em reunião de colegiado a sua efetivação.

Art. 17º. Após 24h (vinte e quatro horas) da divulgação do resultado final, o docente poderá recorrer da decisão através de encaminhamento de ofício a(a) coordenador(a) de monitoria;

Art. 18º. Os presentes critérios serão reformulados e ajustados a cada 2 (dois) anos;

Art. 19º. Revogam-se as disposições em contrário.

Aprovado em 23 de maio de 2011
Colegiado do Curso de História (Bacharelado & Licenciatura)

ANEXO IV DOCENTES POR ÁREA DE CONHECIMENTO

Áreas: CNPq

1- Teoria e filosofia da História

Prof. Dr. Alberto Frederico Lins Caldas Filho
Profa. Dra. Arrisete Cleide Lemos Costa
Profa. Dra. Irinéia Maria Franco dos Santos
Prof. Dr. Osvaldo Batista Acioly Maciel

2- História Antiga e Medieval

Prof. José Roberto Gomes da Silva
Profa. Dra. Raquel de Fátima Parmegiani

3- História Moderna e Contemporânea

Profa. Dra. Ana Claudia Aymoré Martins
Profa. Dra. Célia Nonata da Silva
Profa. Dra. Ana Paula Palamartchuk

4- História da América (EUA e Latino-Americana)

Prof. Dr. Alberto Vivar Flores

5- História do Brasil (Colônia, Império, República e Regional)

Profa. Ms. Clara Suassuna Fernandes
Prof. Esp. José Roberto Santos Lima
Profa. Dra. Michelle Reis de Macedo (História Indígena)
Prof. Dr. Antônio Filipe Pereira Caetano
Prof. Dr. José Alberto Saldanha de Oliveira
Prof. Dr. Gian Carlo Melo

* História e Ensino

Prof. Dr. Gian Carlo Melo
Prof. Dr. Antônio Alves Bezerra

* História da África

Profa. Dra. Flávia Carvalho